

# EDUCATRIX



## AFINAL, QUAL É O SEU PROJETO?

P. 26

NA TELA

### FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA NOVA ERA

P. 18

TENDÊNCIAS

### LER UM MUNDO VISUAL



P. 82

PLANO DE AULA

PÓSTER

### GEOGRAFIA E MEGAEVENTOS FUTEBOLÍSTICOS

P. 74

GESTÃO ESCOLAR

### GESTÃO EM DOSE DUPLA



P. 88

# UM MUNDO DE CONEXÕES DENTRO DA SUA ESCOLA!



Acesse o site e analise nossas soluções didáticas:  
[www.modernadigital.com.br](http://www.modernadigital.com.br)

A Editora Moderna conhece as necessidades dos professores de todo o Brasil. Por isso, desenvolve coleções didáticas que combinam conteúdo e tecnologia na medida certa para garantir grandes resultados!



Conexões entre as disciplinas.

Conexões em diferentes linguagens.

Conexões com a realidade do mundo.

Conexões com valores e atitudes.

Conexões com a leitura e a interpretação de textos.

Conexões com as necessidades do professor.

Conexões com recursos multimídia.



0800 770 7653

**Richmond**  
A marca de Inglês da Moderna

**Moderna**

***A escola como um projeto de mundo.***

No fundo, no fundo, todos nós temos projetos. Às vezes eles acabam escondidos nas gavetas da vida; por isso, precisamos nos lembrar de que cada um de nós detém o mais poderoso deles: formar gerações de jovens e futuros profissionais de todas as áreas do conhecimento. Um projeto de desenvolvimento de novas vacinas, um projeto político de inclusão social, um projeto arquitetônico de promoção da cultura ou um projeto de geração de energia limpa; todos eles só podem se tornar realidade, antes, com o seu projeto de ensino. E se o país está mudando, é sinal que nossos projetos estão dando certo...

Foi por isso que decidimos investigar este que talvez seja um dos temas mais discutidos na atualidade – os projetos, que ganham novos significados e metodologias no ambiente educacional. Além disso, planejamos uma série de matérias sobre temas atuais para estimular um pensamento conjunto e ampliar o assunto para âmbitos diversificados. Destas, destacamos duas que nos encantaram e apostamos que também irão lhe encher os olhos: as matérias sobre etnomatemática e sobre formação do professor para a tecnologia.

Vivemos uma época na qual muitos têm a sensação de perder o posto do ensino para as novas tecnologias. Alunos desinteressados pelos estudos, imersos nas telas dos computadores, carecem da falta de filtro para seleção de conteúdos qualificados, que acabam os expondo a problemas do cotidiano. Diante desse cenário, acreditamos mais do que nunca na eficiência de projetos bem estruturados, voltados à resolução de problemas da comunidade e a questões inquietantes dos próprios alunos. Para que sejam potencializados, é essencial que combinem experiências e habilidades de diferentes áreas do saber e se conectem com as novas tecnologias por meio da mediação dos professores e, principalmente, do protagonismo dos alunos. Descobrir novas possibilidades de ensino em conjunto é uma forma de despertar admiração. Tente se lembrar que nossos professores inesquecíveis fizeram justamente isso: superando adversidades, nos conquistaram pela aproximação do dia a dia, pelo prazer de ensinar e descobrir como o conhecimento se transforma e se multiplica numa sala de aula.

Ao folhear esta edição da **Educatrix**, convidamos você a fazer um reflexão que nós, ao desenvolvermos as matérias, nos propusemos a experimentar: remexa sua memória e elenque seus principais planos e metas da juventude ao optar pela profissão docente, e experimente replanejá-los a partir das novas vivências e novos conhecimentos adquiridos ao longo de sua jornada. Não tenha medo de compartilhar tudo com outros profissionais da escola e enriquecer seus planos. Lembre-se: você não está sozinho. Temos certeza que, assim como nós, você irá se surpreender com o resultado!

Boa leitura.

*Equipe Educatrix*

SAIBA+  
EXPEDIÇÃO:  
EDUCAR  
P. 6

P. 18

NA TELA

P. 26

POR DENTRO

P. 34

PANORAMA

P. 40

PENSAMENTO  
ACADÊMICO

P. 46

FOCO

P. 50

CONEXÃO

P. 56

PLENOS  
SABERES

P. 62

LINHA DE  
RACIOCÍNIO

CIDADANIA  
BIBLIOTECAS  
E ESPAÇOS  
ALTERNATIVOS  
P. 66

### ZOOM

EXPLORAR O MEIO  
PARA CONHECER  
O MUNDO  
P. 8

### FIO DA MEADA

COMUNICAÇÃO  
PARA DISSOLVER  
BARREIRAS  
P. 12

### RETRATO

CINEMA E  
CIDADANIA  
P. 14

### #POUCASeBOAS

COMO INTEGRAR A  
FAMÍLIA NA PROPOSTA  
PEDAGÓGICA DA ESCOLA?  
P. 16

### PERSPECTIVA

O PROFESSOR  
DO SÉCULO 21  
P. 23

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA NOVA ERA:  
O DESAFIO DO ENSINO DIGITAL E A INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA AO CURRÍCULO**

**AFINAL, QUAL É O SEU PROJETO?**

**ÁFRICA TRANSDISCIPLINAR:  
REDESCOBRINDO O BRASIL**



**MOZART NEVES RAMOS  
QUERO SER PROFESSOR**



**ETNOMATEMÁTICA, MUITO PRAZER!**



**THE TIME AND THE PLACE OF ENGLISH AT SCHOOL  
A HORA E A VEZ DO INGLÊS NA ESCOLA**

**PROVA BRASIL: AVALIAR PARA CRESCER**



**EDUCAÇÃO POLÍTICA**



### PÔSTER

**PLANO DE AULA  
GEOGRAFIA E  
MEGAEVENTOS  
FUTEBOLÍSTICOS  
P. 74**

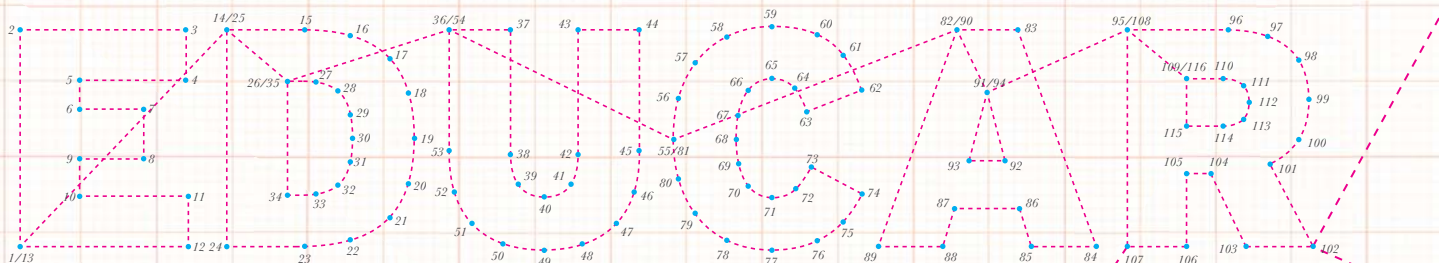
**TENDÊNCIAS  
LER UM MUNDO  
VISUAL  
P. 82**

**GESTÃO ESCOLAR  
GESTÃO EM  
DOSE DUPLA  
P. 88**

**FAVORITOS  
LEITURA,  
INSPIRAÇÃO  
E DIVERSÃO  
P. 94**

**TRAJETÓRIA  
CÉSAR COLL  
E OS DESAFIOS  
DO CURRÍCULO  
P. 96**

# EXPEDIÇÃO:



Por IVAN AGUIRRA

QUANDO TRAÇAMOS UM OBJETIVO, ASSIM COMO NUMA EXPEDIÇÃO, PODEMOS PLANEJAR OS CAMINHOS QUE QUEREMOS PERCORRER E AS AÇÕES QUE TEMOS QUE TOMAR PARA CHEGAR ATÉ NOSSO DESTINO.

99  
100  
101  
102

99  
100  
101  
102

ada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como *boulevards* e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto como um ódio tenaz e sagrado.”

Assim Policarpo Quaresma, na célebre obra de Lima Barreto, descreve seu Rio de Janeiro do começo do século XX. A então capital federal respirava ares europeus enquanto se desenvolvia em meio a seus subúrbios sem eira nem beira, com seu tão famigerado “jeitinho brasileiro” para planejar o país.

Porém, desde o período colonial já existia o plano de interiorização da capital, legitimado somente na Constituição de 1891, que vislumbrava a defesa estratégica, a coesão territorial e a criação de uma cultura nacional autêntica, sem as amarras da colonização. Mas foi no governo Kubitschek que

Brasília ganhou contornos mais precisos no Plano Central. Além das curvas que fizeram o concreto buscar o infinito de Niemeyer, a visão urbanística genial de Lucio Costa e as paisagens idealizadas por Burle Marx, Brasília tornou-se também exemplo de como é difícil planejar: pensada para uma população de 500 mil habitantes, tem, hoje, cinco vezes mais pessoas do que o imaginado, e sofre com problemas típicos de grandes cidades.

Não só na literatura, mas durante a história o homem sempre planejou: cidades, países, governos, sistemas de saúde, de educação. Durante o Iluminismo, por exemplo, surgiram tantos projetos para reformar o ensino e as escolas que se dizia, num tom irônico, que a cada semana um novo plano de educação surgia.

Em nosso dia a dia, mais do que ninguém, sabemos da importância da educação como alicerce de um país. O que fazemos com nossas crianças e adolescentes pode refletir num futuro próximo e alterar a fisionomia de um futuro mais distante. A escola é o espaço no qual o planejamento é fundamental.

**Conselho editorial:**

Ângelo Xavier  
Gisele Cruz  
Ivan Aguirra Izar  
Patrícia Rodolfo  
Solange Petrosino  
Sônia Cunha de Souza Danelli

**Jornalista responsável:**

Gisele Cruz - Mtb. 46219

**Coordenação editorial:**

Ivan Aguirra Izar

**Produção de textos:**

Cauê Cardoso Polla  
Ilda Trigo  
Mariângela de Almeida  
Paulo de Camargo  
Renata Aquino  
Sérgio Adas e Melhem Adas

**Articulista:**

Mozart Neves Ramos

**Projeto gráfico e diagramação:**

APIS design integrado

**Pesquisa iconográfica:**

Ivan Aguirra Izar

**Capa:**

Raul Aguiar

**Ilustradores:**

Weberson Santiago  
Alexandre Matos  
Kleber Morais  
Diego Martins  
Fernanda Simionato  
Bruno Gomes  
Zanski

**Redes sociais:**

Kátia Dutra

**Colaboradores:**

Flávio Mendes de Oliveira  
Lauçí Cavalett  
Renata Aquino

Leia a versão digital em:

[www.moderna.com.br/educatrix](http://www.moderna.com.br/educatrix)



**Editora Moderna Ltda.**  
Rua Padre Adelino, 758  
São Paulo/SP – CEP 03303-904

**Educatrix** é uma publicação especial da Editora Moderna com a proposta de pensar a educação. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.

**Contato:**  
[educatrix@moderna.com.br](mailto:educatrix@moderna.com.br)  
0800 17 2002

Tiragem: 50 mil exemplares

*Direitos reservados.  
É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.*

Não há espaço para improvisos aleatórios: tudo deve ser cuidadosamente pensado para que os objetivos sejam atingidos.

Todo projeto pedagógico depende de planejamento, trabalho coletivo que envolve professores e coordenadores. Planejar demanda criatividade, pesquisa para garantir interação com os alunos, interdisciplinaridade e participação da comunidade, estabelecimento de prioridades

e limites e grande flexibilidade para, sempre que for preciso, refazer a estratégia. Esse processo permite que o dia a dia da escola fique estruturado e que os professores atuem em conjunto. Um bom planejamento é, muitas vezes, a chave para o êxito. E o êxito do professor só se consolida com o sucesso do aluno.

Tudo o que fazemos seguindo um plano tende a dar certo. É claro que algumas vezes nossos planos são frustrados. Não se pode controlar tudo. Mas é necessário planejar para termos condições de refletir durante o processo. É a reflexão que distingue o ensinar do mero transmitir conhecimento.

O homem é, em sua essência, um ser de projetos, nunca está inteiramente terminado. Por isso, o planejamento é uma ferramenta fundamental em nossas vidas. Quando traçamos um objetivo, assim como numa expedição, podemos planejar os caminhos que queremos percorrer e as ações que tomaremos para chegar até nosso destino. Avaliamos aquilo que é – e o que não é – possível, selecionamos os recursos mais apropriados, analisamos quanto tempo levaremos para atingir nossa meta e, a partir disso, tomamos nossas decisões.

Nenhum tipo de planejamento pode ser estático, precisa sempre ser reavaliado e ajustado, até mesmo totalmente reformulado, caso a rota imaginada esteja muito congestionada. Isso porque a realidade está em permanente mudança. Assim como Lucio Costa, todo professor precisa ter seu próprio “Plano Piloto”. Na escola, assim como no mundo, planejar não é preciso, é primordial.

x

# EXPLORAR O MEIO PARA CONHECER O MUNDO

Por: **IVAN AGUIRRA** Infográfico: **FERNANDO LARUCCIA**

O ESTUDO DO MEIO É UMA POSSIBILIDADE DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR, QUE SE APLICA A TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO E PROMOVE A FORMAÇÃO DE ALUNOS PARTICIPATIVOS NA SOCIEDADE.

## » OLHANDO DE PERTO

Todos os ambientes que compõem o meio em que vivemos, ao serem adotados como objetos de estudo e observação, proporcionam ricas experiências de aprendizado e potencializam a habilidade de leitura de mundo.

Ao se propor uma observação, deve-se escolher em qual nível de complexidade se dará a análise do sistema – e entende-se como sistema tudo que possui partes e interligações entre elas (desde os organismos microscópicos até os planetas do Sistema Solar).

Ou seja, para uma atividade de estudo do meio, não há limites: o jardim de casa, a praça, o pátio da escola, a vizinhança, a cidade, o estado, o país, o planeta...

## » ENXERGANDO LONGE

Com um potencial multidisciplinar, a atividade de estudo do meio pode considerar e interconectar as seguintes abordagens:

**Linguística:** Como os códigos de linguagem e comunicação que compõem o ambiente urbano, desde os formais até as tradições orais.

**Ambiental:** Visão sustentável e ecológica, como os animais, as plantas e o clima.

**Histórica:** Como os monumentos, a fundação, a inauguração, as personalidades por trás dos nomes de ruas, praças e avenidas.

**Numérica:** Quantificar, dimensionar os espaços, contabilizar os componentes.

**Científica:** Observar as estrelas, nuvens, fases da lua, marés, mudanças no céu: o amanhecer, o entardecer, o anoitecer.

**SUGESTÃO:** O filme *Bee Movie* (Dreamworks) mostra a vida de uma abelha que transforma a sociedade da colmeia. Com base no filme, você pode promover debates sobre questões como nível de complexidade e sistema, ambientes, consumo e sustentabilidade. A partir de uma atividade dirigida, é possível explorar o meio.



## AUTORES EXCLUSIVOS

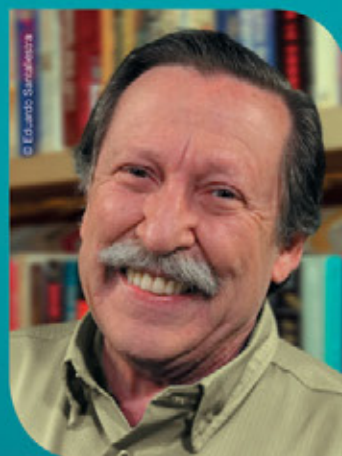
Walcyr Carrasco



Eva Furnari



Ruth Rocha



Pedro Bandeira

**Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Eva Furnari e Walcyr Carrasco** são autores que dispensam apresentações. São nossos autores exclusivos. Essa exclusividade - extremamente honrosa para nós - é um presente também aos seus leitores.

Os livros ganharam novas capas, ilustrações, formatos e acabamentos que valorizam ainda mais o trabalho desses autores e serão indispensáveis em escolas, bibliotecas e livrarias.

As obras passam a ser reunidas nas Bibliotecas Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Eva Furnari e Walcyr Carrasco. A versatilidade das obras desses autores, que se distribui por diferentes gêneros e está presente no coração de leitores das mais diferentes idades, torna essa iniciativa em um momento importante da literatura brasileira para crianças e jovens.





# COMUNICAÇÃO PARA DISSOLVER BARREIRAS

Por: CAUÊ CARDOSO POLLÁ

Uma das atividades mais importantes e complexas para o ser humano é a comunicação. É preciso repensar forma e conteúdo do diálogo a fim de engrandecer aquilo em que mais acreditamos: a educação.

Desde o momento em que nascemos já nos comunicamos: choramos quando estamos com fome, quando sentimos dor, quando queremos algo. Nosso choro e nossos gestos transmitem a mensagem que queremos. Mas nem sempre somos compreendidos. O choro não é preciso, nossos gestos, confusos, e assim o conteúdo de nossa mensagem se perde na transmissão. Crescemos e começamos a utilizar palavras mais precisas e explícitas. Nos fazemos entender cada vez melhor. Já adultos, utilizamos um complexo sistema para nos comunicar. E mesmo todo o aparato sofisticado que nos permite comunicarmo-nos nas mais diversas situações não impede que existam falhas na comunicação.

Para que exista comunicação são necessários um emissor, um receptor, a mensagem e o meio para transmiti-la. O mais importante, contudo, é que haja algo em comum, um compartilhamento. Este é o sentido original da palavra latina *communicatio*, do verbo *communicare*: comunicar, dividir, por em comum, conversar, misturar, reunir, por no monte. Se queremos dividir algo, só o podemos fazer com alguém.



Assim, quando enviamos uma mensagem, criamos um vínculo – que pode durar muito ou pouco – com um receptor.

Um comunicação efetiva depende de um modo adequado de expressar aquilo que queremos. No ambiente escolar, uma boa comunicação é crucial. A relação professor-aluno é permeada de processos comunicativos, e um bom domínio de como comunicar-se é fundamental ao docente. De nada adianta que o professor apenas conheça em profundidade a matéria que abordará, se não souber como trabalhar os conteúdos com seus alunos. Não bastasse a dificuldade de elaborar a mensagem, o professor ainda deve escolher o meio mais apropriado para partilhá-la, e é um só emissor, enquanto a classe tem vinte, trinta, quarenta receptores, cada um com sua individualidade.

Outro lado de extrema importância é a própria comunicação entre os professores. Em determinadas situações, como no planejamento anual, é essencial que eles se reúnam e discutam as possibilidades, por exemplo, de criar projetos, promover caminhos em comum. Planejamentos exclusivamente individuais

perdem muito do potencial de extrapolar os muros da escola que teria uma comunicação comum, compartilhada e disseminada por todos. Ao criarem um espaço dedicado à comunicação, os professores abrem possibilidades de inovar, aprimorar, diferenciar suas práticas, e também de discutir questões mais profundas como o sentido da educação, as dificuldades que enfrentam no dia a dia da escola, entre tantas outras. Em um âmbito mais amplo, a própria escola deve se comunicar com o contexto social da comunidade na qual está inserida. Desta troca de “mensagens” podem surgir projetos práticos de intervenção; os professores podem conversar entre si para problematizar questões da comunidade e discuti-las em sala com os alunos, aproximando o ambiente escolar de seu entorno.

Nesta época de hiperconectividade, a comunicação se transformou num elemento fundamental para compreender os processos sociais, culturais e educativos que ocorrem dentro e fora da escola. Dissolver as barreiras, este é justamente o papel da comunicação. x

# CINEMA E CIDADANIA



**“O SEGREDO PARA SE TER ÊXITO CHAMA-SE “INOVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO”, OU SEJA, FAZER O DIFERENTE COM MUITA RESPONSABILIDADE PARA QUE TUDO ACONTEÇA DE FORMA NATURAL.”**

**Adriana Silvestre**

*Professora de Arte da rede pública estadual. Diretoria de Ensino da região de Itaquaquecetuba/SP.*

O cinema foi uma das formas artísticas mais influentes do século XX. Refletiu e moldou costumes, criou mitos, lançou modas. Hoje, a indústria cinematográfica continua poderosa, multimilionária e influente. Definitivamente, os filmes e animações fazem parte de nosso cotidiano.

Pensando nisso, Adriana Silvestre idealizou, em 2009, um projeto inovador e ousado, o *Cinearte* ([www.projetocinearte.net](http://www.projetocinearte.net)). Em entrevista para a *Educatrix*, ela contou que a ideia surgiu da vontade de se fazer algo novo e diferente dentro das escolas. “Senti a necessidade de canalizar toda aquela energia criativa que existia no Ensino Médio para um projeto em que eles pudessem ser os protagonistas da história e, sabendo da facilidade que eles teriam com a tecnologia, foi só dar o pontapé inicial”. Com o apoio de Rosania Morales Morrone, hoje Subsecretária de Articulação Regional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, Adriana levou adiante o projeto, que envolveu 32 escolas da região, em 2012.

Um dos maiores desafios era justamente o envolvimento de outros professores. Para Adriana, o trabalho interdisciplinar é fundamental na escola. No projeto, cada professor dá sua contribuição para que o todo seja entendido e realizado. Deste modo, o professor se sente valorizado, o que também reflete na maneira como os alunos encaram o trabalho a ser desenvolvido. O projeto *Cinearte* é um exemplo de como pode funcionar a interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa (auxílio no roteiro), Artes (figurino, *storyboard*), Matemática (cronograma das fases de trabalho, edição, tempo do filme), Geografia (ambientação das cenas), Física e Ciências (em filmes de ficção científica), por exemplo.

A execução dos filmes exigiu um envolvimento enorme de muitas pessoas. Para Adriana, o segredo desse envolvimento chama-se “inovação e organização”. No caso do projeto *Cinearte*, foram envolvidos a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, pais de alunos – que deram depoimentos sobre como o projeto mudou para melhor o comportamento de seus filhos em casa, incentivando uma maior atenção e responsabilidade com as obrigações –, de amigos, que apoiaram seus colegas “atores e atrizes” que representaram a escola, e instituições que apoiaram o projeto e o evento de diversas formas.

Para os professores que desejam realizar projetos, Adriana dá a dica: estudar maneiras e formas diferentes para realização do mesmo, buscar os recursos disponíveis e sempre organizar bem as ideias propostas. E, acima de tudo, acreditar no que se faz.



*Confira como foi o 4º Festival de Cinema de Itaquaquecetuba, que concluiu o projeto Cinearte 2012: <http://goo.gl/fnucZ> x*

# Um passo a frente na educação

## Avaliar permite à escola formular planos de excelência do ensino

Verificar o desempenho cognitivo de seus alunos e analisar a qualidade dos processos educacionais formam um poderoso instrumento que complementa o trabalho cotidiano de professores e gestores e auxilia nas ações de melhoria da qualidade do aprendizado.

Desde 2005, a AVALIA Educacional dedica-se ao desenvolvimento de avaliações educacionais e institucionais no âmbito privado e público, criação de indicadores, estudos e pesquisas em escolas e sistemas de ensino.

Alinhada com o que há de mais moderno em avaliações externas, seu objetivo é produzir relatórios com interpretações pedagógicas úteis para a escola ou rede.

Conheça nossas ferramentas e faça parte de um conjunto de escolas que já estão um passo a frente na educação.

**AVALIA**  
Assessoria Educacional

Testes  
digitais e  
adaptativos

Divulgação de  
resultados em  
ambiente digital  
interativo

Questionários  
contextuais  
*online*

Relatórios  
impressos  
e digitais

Consulte-nos!  
0800 77 33990

[www.avaliaeducacional.com.br](http://www.avaliaeducacional.com.br)



# COMO INTEGRAR A FAMÍLIA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA?

A partir dessa questão, a **Educatrix** descobriu como muitos educadores planejam suas aulas para atrair seus alunos e gerar mais participação em classe.

Siga nosso *Twitter*  
**@euleioEDUCATRIX**

Usando a tecnologia, um ambiente colaborativo, uma rede social educacional, por exemplo.

#POUCASeBOAS  
Lilian Siqueira



Integrando programas de acompanhamento ao estudo do aluno/filho.

#POUCASeBOAS  
Ivanildo Santos



Fazendo da família parte da escola, cujo aprendizado se dá pela execução de atividades que envolvam a todos!

#POUCASeBOAS  
Vanessa S.



Fazer a família participar integralmente daquilo que é ministrado às crianças. Observadores participantes.

#POUCASeBOAS  
Roberley Criniti



Abrir a escola para a comunidade, promover cursos, esportes, gincanas e mais interação (diálogo) entre os educadores e os pais.

#POUCASeBOAS  
Davi



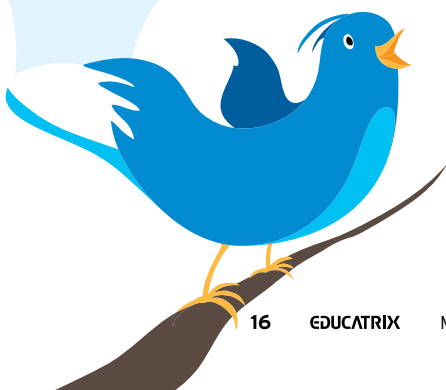
Aproveitar a profissão dos pais e seus saberes para promover encontros significativos nos intervalos.

#POUCASeBOAS  
Anny Alves



No início, de uma forma descontraída, atrair os responsáveis realizando atividades lúdicas junto aos alunos.

#POUCASeBOAS  
Adriana Bouhid



Sugira temas e participe de nossas enquetes. Digite  
**#POUCASeBOAS**

A matéria O QUE NÃO CABE NO CURRÍCULO É FUNDAMENTAL é muito pertinente, pois de nada adianta disponibilizarmos para os alunos (crianças e adolescentes) uma variedade imensa de recursos digitais se não trabalharmos a realidade do uso destes recursos em sintonia com a cultura em que este aluno está inserido. Este conceito tem que integrar o currículo e o professor tem que estar preparado para intervir didaticamente toda vez que o comportamento do estudante for de encontro aos princípios básicos de Ética e Cidadania.

CAROLINE AUGUSTO, SÃO PAULO / SP

A revista é maravilhosa! Fui correndo ver a matéria sobre ler na era digital. Eu sou uma leitora ávida e adoro livros de papel, me fascina o contato com eles na mão. Mas também gosto das inúmeras possibilidades que os e-books permitem! Facilidade, interatividade, enfim, quanto mais suportes tiver a leitura, melhor!

ELENARA STEIN LEITÃO,  
PORTO ALEGRE / RS

O artigo de Paulo Camargo, 'Arte para todos de todas as formas', me falou de perto e empolgou. Efetivamente, posto que o contato com a arte é fundamental na formação do indivíduo. Este potencial ganhou mais relevo e abrangência na medida em que a diversidade das linguagens e interconexões entre elas florescem na atualidade como jamais, e são mais e mais consideradas e aproveitadas na vida escolar.

TERESA BENASSI,  
SÃO PAULO / SP

MATÉRIA: **"Educar em um oceano de informações"**

O título, de cara, me chamou a atenção por lidar com uma situação que eu, em meu trabalho com educadores, abordo constantemente: o excesso de informações que recebemos diariamente. O texto traz questões típicas de quem trabalha com mídia na educação, como a necessidade de aproximar o mundo real da realidade escolar, "conectar as disciplinas entre si e com o mundo", fazendo um paralelo daquilo apresentado pelo livro didático com a realidade do oceano de informações que mora nos intervalos das aulas. Adorei a citação de que o ideal é fazer uma "ponte entre as narrativas do professor e dos alunos". Isso é diálogo. Ao aceitar a influência da mídia e das novas tecnologias na sua sala de aula, percebendo que essa quantidade de informação espalhada por aí chega aos ouvidos dos alunos, e ouvir o que esse jovem tem a dizer sobre a sua forma de aprender diante de todas essas informações, você abre espaço para o aprendizado colaborativo e, consequentemente, mais efetivo. Lidar com todas essas informações dentro de um contexto fará com que a escola passe a fazer mais sentido para o jovem de hoje.

TALITA MORETTO, PONTA GROSSA / PR

Edição anterior



Escreva para a EDUCATRIX:  
educatrix@moderna.com.br  
@euleioEDUCATRIX

Cartas para:

Rua Padre Adelino, 758 — 2º andar  
Belenzinho — CEP 03303-904  
São Paulo — SP

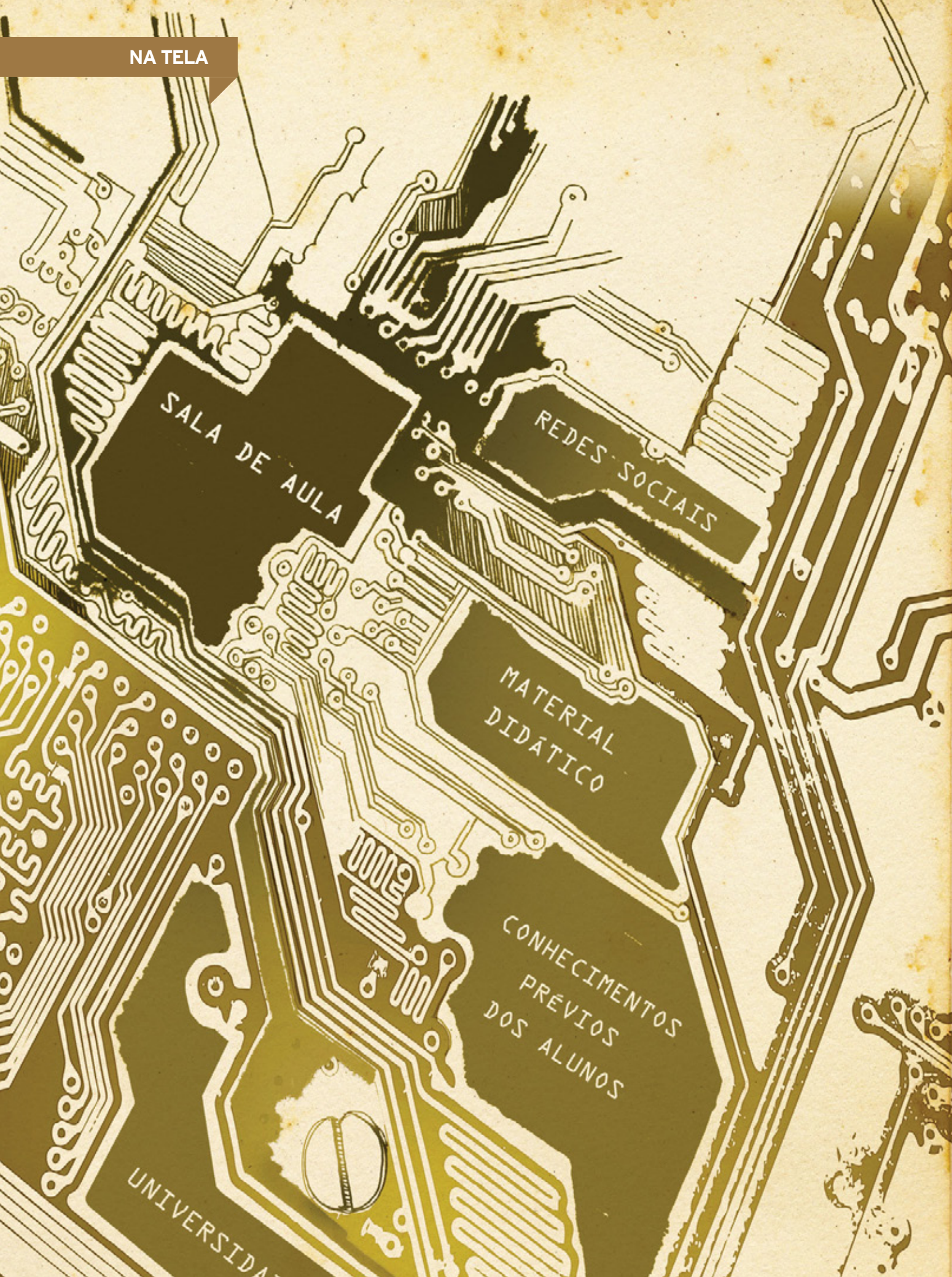
MATÉRIA: **Final, como a Tecnologia pode ser integrada à sala de aula?**

Muito boas as dicas de como trazer a novas práticas para a sala de aula. Percebe-se que a tecnologia está chegando à escola, mas muitos professores ainda têm receio de chegar até ela. Muitos ainda preferem se isolar, dizer que ela não vai resolver os problemas, blá-blá-blá.....

Realmente não será a panaceia para todos os problemas, mas no que concerne a "motivar" a aula, com certeza, será!!!! O artigo traz dicas muito interessantes.

VERA CAVINATO,  
SÃO PAULO / SP

NA TELA



SALA DE AULA

REDES SOCIAIS

MATERIAL DIDÁTICO

CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS

UNIVERSIDADE

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA NOVA ERA: O DESAFIO DO ENSINO DIGITAL E A INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA AO CURRÍCULO

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”, previu o educador e filósofo Paulo Freire. E já faz alguns anos que temos presenciado uma verdadeira revolução, nas ruas, nas salas de aula, na forma de pensar, educar e aprender com auxílio da tecnologia.

Por: **RENATA AQUINO** e **PAULO DE CAMARGO**

Em um mundo contemporâneo onde a tecnologia está presente, quando falamos de ensino a distância, do uso de *tablets* e celulares em sala de aula, da produção de vídeos às infinitas possibilidades da internet, estamos mesmo é falando sobre educação.

O potencial das tecnologias para a inovação na educação está no reconhecimento desta mudança de papéis, tanto do estudante, que passa de objeto para sujeito da aprendiza-

gem, quanto do professor, que passa de mestre absoluto para um facilitador.

Quando a tecnologia entra no sistema educacional sem essa consciência, torna-se uma muleta que segura o modelo antigo, em que professores e alunos continuam distantes, em que teoria e prática não se conversam, já que os conteúdos seguem descontextualizados, o ensino, burocratizado, e o desânimo, generalizado. »

» O que temos presenciado nos últimos 10 anos está intimamente ligado ao trabalho incansável de educadores que, conseguindo transcender a essa “muleta tecnológica”, têm compartilhado suas experiências e provocado seus pares a reflexões profundas sobre a profissão em si e principalmente sobre o rumo que a educação está trilhando.

“Os alunos e professores precisam se apropriar da tecnologia tanto no que se refere ao uso do computador e da internet como de outras ferramentas de comunicação e informação”, diz Léa Fagundes, pioneira na pesquisa sobre a aplicação da tecnologia na educação no Brasil.

Nesse caminho de descobertas é preciso que, na prática, o educador se aproprie, ou seja, atribua sentido ao uso dos equipamentos em seu trabalho. A partir do momento em que incorporam essas novas mídias em suas aulas, naturalmente cresce a necessidade de usá-las. Mas seria apenas tarefa para alunos e professores?

No dia a dia de uma instituição não temos apenas a descoberta do professor. Além do educador, temos os gestores e os funcionários da escola, que, quando incorporam essa mudança, se integram como um mecanismo vivo, em um contexto maior, envolvendo a comunidade, os pais, os alunos, a escola e seus professores. Afinal, a mudança na educação envolve quebra de paradigmas em todo o sistema. A escola é como uma célula viva, que responde pelos estímulos diários, os alunos que somam suas realidades, a partir do que vivem com suas famílias, na comunidade, a troca de experiências entre professores, entre gestores, isso torna o processo engrenado, ritmado, caminhando junto.

As barreiras ainda são muitas, a banda larga nas escolas, a formação continuada de professores, que precisam refletir constantemente sobre a prática das novas experiências; discute-se sobre o que não pode ficar de fora no currículo das disciplinas, mas a problemática ainda é a mesma: a educação deve-se constituir como um espaço de colaboração, de solidariedade. Como criar ambientes favoráveis de estímulo para professores e alunos de forma que seja possível manter a dinâmica do aprendizado?

E sobre a abordagem em múltiplas linguagens – será que nossos educadores estão preparados para reformular plane-

jamentos que conectem informações do cotidiano de seus alunos e que contemplem as disciplinas curriculares?

Foi diante de tal desafio que o grupo de pesquisa “Formação de Professores com Suporte em Meio Digital” liderado pela educadora Maria Elizabeth Almeida (Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP) se articulou para realizar um seminário com o objetivo de reunir a discussão teórica a respeito da integração entre a tecnologia e o currículo das práticas inovadoras, realizadas pelos professores de escolas públicas e privadas.

Esse movimento de reflexão começou antes, em meados de 2005, com o uso de tecnologias móveis em salas de aula. Com a novidade, integrada à Web 2.0, veio a facilidade de participação, de autoria e de produção colaborativa. Quase como um paradigma, a mobilidade forçou e ainda força uma mudança curricular.

Tais espaços foram sendo criados para falar destas relações, das tecnologias com o currículo, das transformações e interferências mútuas. E é nessa relação que se estabelece, entre conteúdos, experiências, conhecimentos prévios, tecnologias, o desenvolvimento de um currículo real e experienciado, mais amplo, portanto, do que uma lista de conteúdos.

Na última década, educadores de todas as partes do Brasil têm participado de grupos de discussão em diferentes espaços, abordando todas essas reflexões sobre a mudança do modelo da escola e da aprendizagem.

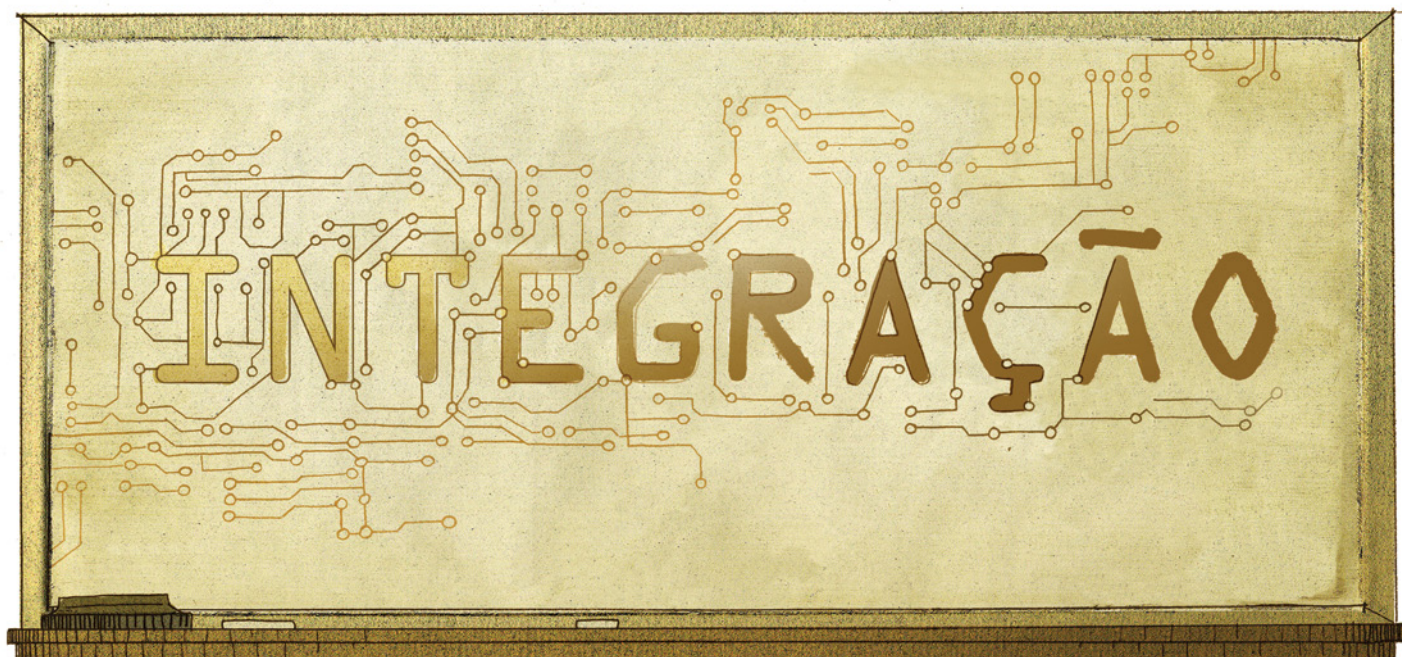
Como exemplo, em 2008, aconteceu o I Seminário Web Currículo, que contou com encontros que antecederam o evento, enriquecendo as temáticas e que resultaram na grande adesão ao evento. Foram atividades nas redes sociais, como Twitter e Facebook, além da exploração de mundos virtuais, os chamados metaversos, no caso do Second Life, que complementou e ampliou práticas e espaços de interlocução.

Já em 2010, quando ocorreu o II Seminário Web Currículo, houve maturidade às questões disciplinares, nas investigações e experiências de integração de tecnologias ligadas às práticas pedagógicas, identificando referências teóricas e metodológicas que pudessem inspirar o desenvolvimento de modelos de inovação curricular.

Hoje, há a participação de centenas de professores, jornalistas e pesquisadores, o que mostra uma evidente busca por inovações em suas práticas, de modo a potencializar as características dos modelos já conhecidos e principalmente do que entendemos sobre os currículos. O fato é que o tempo das tecnologias é diverso daquele da educação. A obsolescência programada comum às tecnologias é um desafio para a construção de conhecimento permanente. O educador é desafiado pela necessidade de obter formação em uma área que está em permanente mudança, sendo o autodidatismo e a experimentação o caminho traçado pelo professor que ainda tem receio em construir conhecimento colaborativamente, o que é cada vez mais simples com as novas tecnologias.

No caso do exemplo dos Seminários do Web Currículo, dos trabalhos apresentados que mais se destacaram, foram

**“O EDUCADOR É DESAFIADO PELA NECESSIDADE DE OBTER FORMAÇÃO EM UMA ÁREA QUE ESTÁ EM PERMANENTE MUDANÇA. É NECESSÁRIO CONSTRUIR CONHECIMENTO DE FORMA COLABORATIVA.”**



apontadas as tendências como a colaboração, a autoria e o compartilhamento, identificados nas práticas de integração da tecnologia ao currículo.

Temos um exemplo claro de evolução com o conceito de educação a distância, num segundo momento substituída por um conjunto de palavras-chaves que representam um aprofundamento da sua compreensão. A ideia evolui para interação, que é também a integração das tecnologias com o currículo. O que percebemos hoje é o surgimento de novos elementos que demonstram essa integração. Algumas categorias como multimídia, ambientes virtuais, mobilidade e redes sociais denotam um empoderamento nas questões das múltiplas linguagens.

Quando pensamos em multimídia, por exemplo, percebemos que o uso desses recursos vem ganhando uma nova roupagem com a publicação multimídia online, o uso da *web* para produção de mídia e a mobilidade com *laptops* e celulares. Se antes era comum colocar alunos em sala para assistir a filmes “educativos”, hoje são os educadores e educandos os protagonistas dessas produções. Pesquisam, roteirizam e capturam um novo olhar da realidade a partir das próprias experiências e concepções do mundo digital, cultural, econômico e social.

Outra categoria que podemos analisar são os “ambientes virtuais”, que têm apresentado bastante procura e adesão, seja na participação ao vivo, a distância, em debates online e no uso de *podcasts* para aprendizagem. Isso mostra que as novas mídias estão ganhando espaço no desenvolvimento pessoal. Participar e contribuir em espaços virtuais já não intimida tanto quanto antes. Isso indica que há maior familiaridade com essas ferramentas, os educadores sentem-se mais confortáveis em tirar dúvidas e compartilhar desafios em ambientes online, como fórum, grupos de estudos, blogs, e suas dúvidas acabam

por mobilizar demais educadores, que interagem como facilitadores. Há aqui o reforço no papel do professor como facilitador e aponta um novo momento: professores se tornando autores, interagindo e acrescentando materiais para que seus alunos tenham experiências reais de aprendizagem.

Já quando a questão é mobilidade, percebemos que educadores têm compreendido a influência que os dispositivos móveis de comunicação têm no cotidiano da educação. Utilizando *tablets*, celulares e *laptops* educacionais, a mobilidade e o uso da *web*, as atividades com áudio e vídeo também fora da sala de aula são exemplos de que os professores têm incorporado essas linguagens em suas vidas pessoais e profissionais.

E por fim, temos as as redes sociais, estas que unem, de certo modo, as categorias anteriores como um tecido em um tear. O conteúdo online, a publicação em sites e redes, a investigação de temas de vanguarda encontram espaço nas redes sociais. A incorporação de redes sociais online realmente amplas, vivas e abertas para o ensino e aprendizagem ainda é um panorama novo para as escolas, apesar de já fazerem parte da vida de professores e alunos.

Novos espaços vão surgindo, propondo aos docentes conhecer, experimentar e ousar nas atividades de integração das tecnologias ao currículo a partir de relatos mapeados de práticas de outros professores. Essas experiências são um rico manancial de conhecimento para as futuras gerações profissionais e devem ser um foco de estudo constante. O movimento contínuo de documentação e compartilhamento aprimora as práticas e direciona sua transformação e criação de novas experiências.

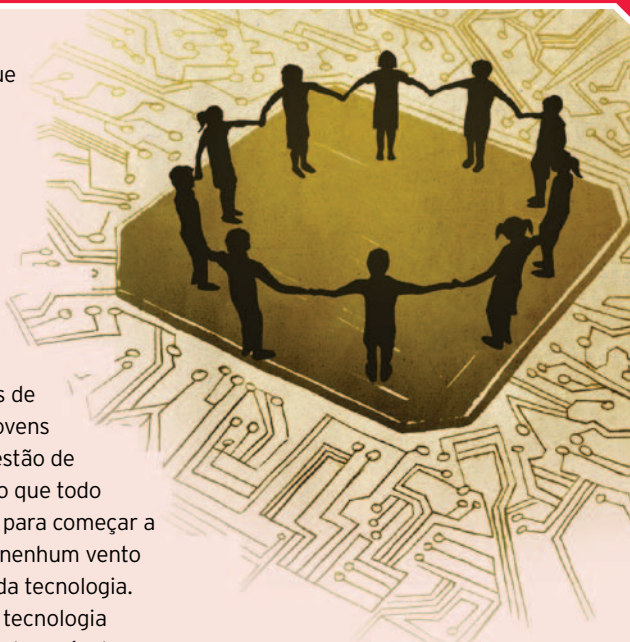
Pode-se dizer, porém, que o inacabado é a característica da busca da melhor prática que leva o professor do incômodo inquietante à satisfação do aprendizado: é quando se cria um ambiente repleto de estímulos, em um movimento de sinergia, em que a escola literalmente vai além de suas paredes. »

## QUANDO É HORA DE COMEÇAR

» A compreensão do potencial e dos limites do uso da tecnologia em sala de aula avançou muito nas últimas décadas. Mas há algo que permanece sempre desafiador: começar.

É preciso arregaçar as mangas e tornar realidade palpável as promessas abertas pelos recursos tecnológicos. Para isso, é preciso disposição, abertura e, sem dúvida, uma boa dose de realismo. Afinal, as sucessivas experiências acumuladas desde a década de 1980 mostram que o professor precisa se apropriar dos recursos não como um charme ou um abracadabra, mas como uma ferramenta tão útil quanto outras que fazem parte de seu dia a dia enquanto educador.

Há uma grande variedade de recursos à disposição dos educadores de todas as faixas etárias. Por outro lado, há gerações de crianças e jovens que cresceram imersos no mundo digital. Pareceria ser apenas questão de juntar a fome e a vontade de comer, mas longe disso. É preciso algo que todo professor sabe bem o que é: intencionalidade pedagógica. Ou seja, para começar a caminhada, é necessário saber para onde ir. Como lembra Sêneca, nenhum vento ajuda o navio que não sabe para onde vai, muito menos os ventos da tecnologia. Veja abaixo algumas recomendações do consultor em educação e tecnologia Martin Restrepo, especialista no trabalho pedagógico com tecnologias móveis e formação de professores:



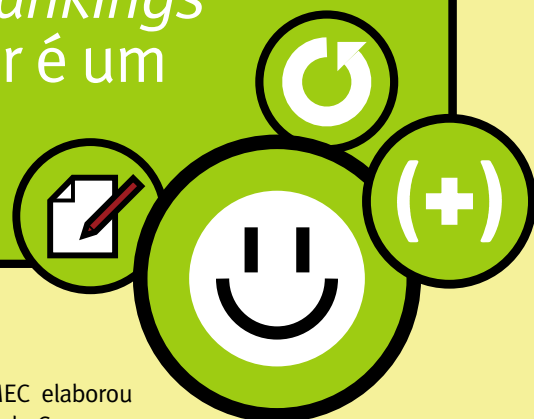
1. Todo bom trabalho começa com um bom planejamento – ainda mais quando se trata do universo educacional. Segundo Restrepo, na hora do planejamento uma estratégia interessante pode ser envolver os próprios alunos no desenvolvimento das atividades. Identifique alguns, entre eles, que podem atuar como monitores tanto para auxiliar o professor como para mediar as relações com o grupo.
2. Sem dúvida, procurar ajuda de colegas mais experientes também é um excelente caminho, nem sempre lembrado pelos professores, habitualmente isolados em suas salas de aula e suas disciplinas. Proponha a um outro professor que já use a tecnologia para desenhar atividades em conjunto.
3. Entre as maravilhas da *web* está a possibilidade de participar de grupos de discussão entre pessoas que viveram e vivem as mesmas dificuldades e expectativas que você. Em diferentes graus, todos estão no mesmo barco. Entre em comunidades de discussão de práticas educacionais. Restrepo recomenda o portal do Instituto Claro ([www.institutoclaro.org.br](http://www.institutoclaro.org.br)) e o Educared ([www.educared.org](http://www.educared.org)). Além desses há o Microsoft Educadores Inovadores ([www.educadoresinovadores.com.br](http://www.educadoresinovadores.com.br)) e o Intel Educação ([www.intel.com/education/la/pt/](http://www.intel.com/education/la/pt/)).
4. Ah, mas sua escola tem poucos computadores. Confesse que esse subterfúgio já passou pela sua cabeça muitas vezes. “Claro”, diz Restrepo, “sem dúvida a tecnologia pode ser um limitador. Mas tecnologia e criatividade são lados da mesma

moeda. Assim, seja criativo para fazer do limão uma limonada”. O especialista sugere, por exemplo, utilizar outras mídias disponíveis, como os celulares que certamente alguns de seus alunos possuem. É possível dividir as atividades e os papéis. Por exemplo, enquanto alguns alunos usam celular para coleta de dados, outros estão ao computador para a pesquisa, enquanto outra parte da turma centraliza a informação em murais ou com *post-its*. A palavra-chave no uso da tecnologia é colaboração.

5. Ah, a internet é lenta. É verdade. Isso também faz parte da realidade dos brasileiros – e não apenas os que estão na escola pública. Mas é possível driblar esses limites, utilizando redes 3G, quando disponíveis, até mesmo com acesso pré-pago, o que barateia o uso. Restrepo sugere também que se trabalhe com aplicativos *off-line*, ou seja, que possam ser descarregados previamente e utilizados sem acesso pleno à internet. Para aquelas escolas que estão recebendo *tablets* por iniciativa do MEC ou outras fontes, há muitos aplicativos gratuitos que podem ser utilizados.
6. Por fim, para tudo isso: formação continuada. Aprender, aprender continuamente é o único caminho para os cidadãos do século XXI, professores incluídos. Mesmo para aqueles já familiarizados com os recursos tecnológicos, novidades não param de se suceder, e é preciso incorporar de uma vez por todas esse princípio: todos nós teremos de aprender pela vida inteira. Então, que tal dar o primeiro passo? **x**

# O PROFESSOR DO SÉCULO XXI

A educação brasileira está distante da qualidade que nossos alunos necessitam. Cada agente, nesse processo, tem sua parcela de responsabilidade para mudar o cenário atual, em que o país está posicionado entre as últimas nações nos *rankings* de aprendizagem. O professor é um desses agentes e, talvez, um dos mais importantes.



Por: MARIÂNGELA DE ALMEIDA

Para contribuir com a nova realidade da educação, o educador precisa estar preparado para as necessidades reais dos alunos, promovendo um ensino capaz de transformar indivíduos em cidadãos participativos, críticos e produtivos.

Mas, que professor é esse? Como ele pode, de fato, ser um educador do século XXI?

A construção desse perfil começou nos anos 1960, quando as discussões procuravam estabelecer um novo conceito da educação baseada na valorização do saber do aluno e do professor como mediador da aprendizagem. De lá para cá, além de instrumentos criados para qualificar o professor, também foram criadas leis. Uma delas, de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determinou que os docentes do Ensino Médio tenham curso superior. Em 2010, o Senado aprovou a obrigatoriedade do nível superior também para quem dá aulas na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental (o projeto tramita na Câmara dos Deputados).

Em 2011, o MEC elaborou a “Prova Nacional de Concurso para o Ingresso na Carreira Docente”, com o objetivo de valorizar os profissionais do magistério brasileiro e subsidiar Estados e Municípios na realização de concursos públicos para a contratação de docentes focados na educação básica. A prova, cuja primeira edição está prevista para o segundo semestre de 2013, aponta quais conhecimentos e competências são inerentes ao professor do século XXI, focando três dimensões: profissão docente e cidadania, trabalho pedagógico e domínio dos conteúdos curriculares.

O documento foi construído a muitas mãos (70 especialistas de várias organizações ligadas à educação) e procura estabelecer o perfil do mestre ideal, capaz de desenvolver novos papéis e novas realidades educacionais, voltadas aos contextos multiculturais e inclusivos, que utilizem o pré-conhecimento dos alunos, suas características pessoais e diferenças como matéria-prima para o aprendizado. »

# MESTRE NOTA

# 10

## » // Confira as principais características do professor do século XXI.

Fonte: Extraído do documento da Prova Nacional de Concurso para o ingresso na Carreira Docente.

### 01 // ETERNO APRENDIZ

Ele não pode se acomodar. Tem de ampliar seu conhecimento teórico e das práticas pedagógicas, frequentando os bancos das universidades, cursos de extensão, pós-graduação e mestrado.

### 02 // ATUALIZADO SEMPRE

Precisa dominar os conteúdos e as diretrizes curriculares das disciplinas e conhecer as didáticas de cada uma delas, assim como o sistema educacional e as políticas vigentes.

### 03 // GERENTE DE PONTA

Otimiza o tempo disponível para o ensino-aprendizagem e sabe organizar os objetivos e conteúdos, sincronizando-os com o currículo, com o desenvolvimento dos alunos e com seu nível de aprendizagem. Cria estratégias de autoavaliação e de avaliação dos alunos, sistemáticas e coerentes aos objetivos de aprendizagem, tendo como meta observar e reorientar o trabalho, sempre que necessário.

### 04 // PARCEIRO

O professor deste século tem plena consciência das características de desenvolvimento de seus alunos e, a partir delas, estimula seus educandos com estratégias de ensino desafiantes. Seus métodos promovem o pensamento autônomo das crianças e dos jovens aos seus cuidados.

### 05 // INTEGRADOR

Sabe conversar com os alunos e administrar conflitos. Estabelece uma relação de cumplicidade com os colegas professores, trabalhando em equipe para trocar experiências, compartilhar limites e ampliar o conhecimento. Comunica-se diretamente com os pais e acolhe suas expectativas.

### 06 // VANGUARDISTA

Não teme as novas tecnologias. Ao contrário, quer conhecê-las e adequá-las ao seu trabalho, sempre que possível, e com planejamento. Sabe que, além de agregar qualidade ao dia a dia em sala, as tecnologias o aproximam do universo virtual e dinâmico onde transitam seus alunos do século XXI, ajudando-os a ampliar o uso dessas ferramentas para o fortalecimento de seu aprendizado.

### 07 // LÍDER CONTEXTUALIZADOR

Preconceito, indisciplina, diferenças sociais e culturais não são obstáculos ao educador do século XXI. Ele mergulha na realidade e acolhe seus estudantes, procurando entender os limites e potenciais de cada um, estabelecendo o diálogo para definir as regras da boa convivência. Junta tudo isso à valorização do conhecimento prévio dos alunos e àquilo que o dia a dia da turma, fora dos muros da escola, traz para a sala de aula. Dessa forma, cria um ambiente participativo e fértil para uma aprendizagem contextualizada e cheia de sentidos para si e para seus educandos.


Todo professor tem suas próprias estratégias para ensinar. Conte suas principais conquistas. Elas podem ser publicadas! Mande e-mail para [educatrix@moderna.com.br](mailto:educatrix@moderna.com.br). X








# AFINAL, QUAL É O SEU PROJETO?



A perspectiva de projeto na educação tem múltiplas conotações, mas pelo menos um ponto em comum: a oposição ao isolamento e à fragmentação, buscando fazer com que as disciplinas busquem conversar entre si, promovendo o encontro entre os interesses dos alunos, suas perguntas, suas curiosidades, com as abordagens curriculares propostas.

Por: **PAULO DE CAMARGO**



No dicionário prático da pedagogia das escolas brasileiras contemporâneas, poucas palavras são tão cotidianamente utilizadas como *projeto* – termo “convocado” diariamente pelos professores nas mais diferentes situações, seja para se referir ao Projeto Político Pedagógico da escola, seja para organizar diversas atividades de ensino-

-aprendizagem. No entanto (ou, por isso mesmo), nenhum outro conceito é tão frequentemente confundido. Afinal, o que vem a significar esta palavra que pode nomear um conteúdo, um planejamento, uma metodologia ou até mesmo aquele conjunto de ações pouco coerentes entre si que precisamos colocar em um mesmo cesto – ou projeto? »

» Segundo o pesquisador Nilson José Machado, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), no estrito sentido etimológico do termo, projeto significa algo como lançar-se como um jato à frente – o que ele compara simbolicamente ao próprio nascimento do ser humano. Para este pesquisador, autor de “Educação, Projetos e Valores”, da Editora Escrituras, o ato de fazer projetos é uma das características essenciais do ser humano – apenas as pessoas fazem projetos.

Segundo Nilson Machado, ainda no plano da etimologia, outra acepção importante para o termo é a do *design* – desta vez a partir do uso da língua inglesa (*project*), ligado à ideia técnica de esboço, plano, desenho, e por isso também semanticamente mais próxima do uso atual feito pelos educadores.

Por isso, para compreender os diversos usos da palavra, precisamos primeiro deixar o preconceito de lado. “É certo que, pelo poder expansivo das palavras, a ideia de projeto se tenha estendido a todo o conjunto de ações educativas. Mas nem semanticamente, nem conceitualmente o uso do termo pelos educadores é um erro”, disse à Educatrix o pesquisador Miguel Zabalza, da Universidade de Santiago de Compostela, um estudioso do assunto (leia mais no box da página 25).

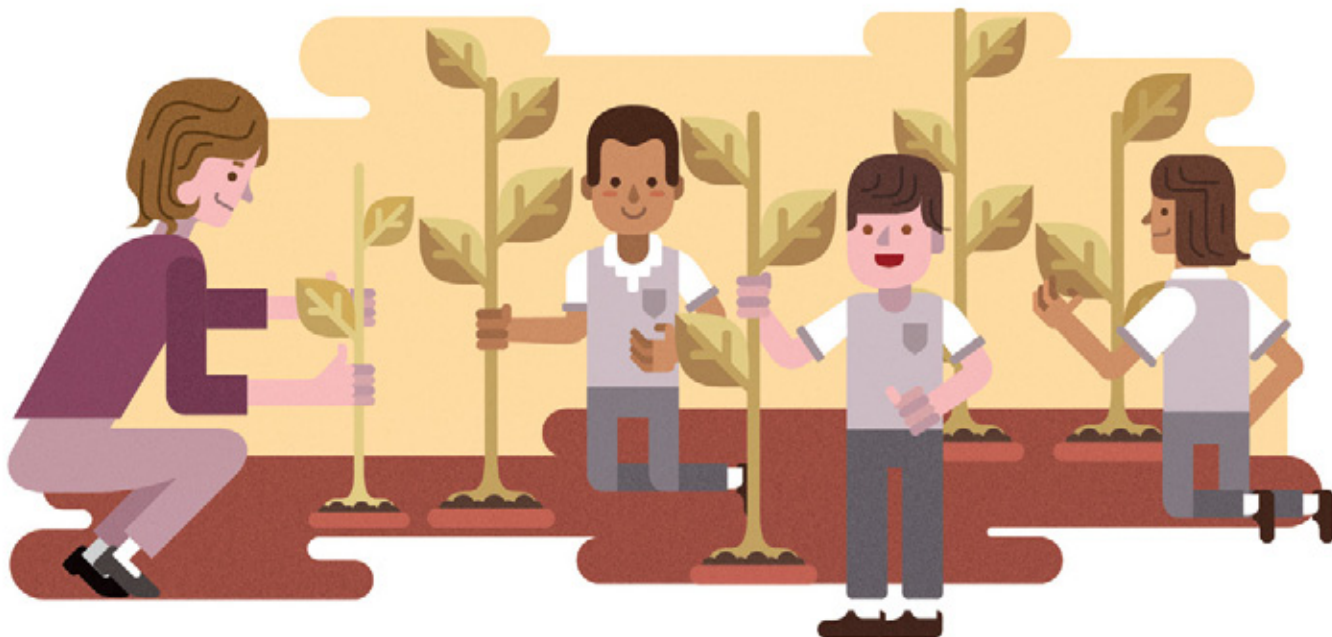
Afinal, o pressuposto básico desse termo é o planejamento. “Se educar é uma ação intencional, isso requer uma perspectiva de conjunto que se organize em fases para poder alcançar os propósitos formativos que se buscam”, afirma Zabalza. “E se projeto é o resultado de projetar, de planejar, parece claro que toda a vida escolar deve ser um projeto”, completa.

## “SE PROJETO É O RESULTADO DE PROJETAR, DE PLANEJAR, PARECE CLARO QUE TODA A VIDA ESCOLAR DEVE SER UM PROJETO.”

Não por acaso a ideia de um projeto que dê sentido a todas as ações da escola seja recorrente nos diferentes países, explica o pesquisador. O correspondente do Projeto Político Pedagógico das escolas brasileiras é o *Proyecto Educativo* e o *Proyecto Curricular* das instituições espanholas; o *Projeto Escola*, em Portugal; o *Projet Institutionnel*, na França, apenas para ficar em alguns exemplos.

No Brasil, esse projeto global assumiu o nome de Projeto Político Pedagógico, ou PPP, como os professores costumam denominá-lo. “O PPP é projeto de escola, um projeto educacional, um projeto de pessoa e de sociedade”, explica o educador José Pacheco, ex-diretor da Escola da Ponte. Justamente por isso, diz Pacheco, é importante que os PPPs atendam às especificidades locais, os desejos e os sonhos do que chama “comunidade aprendente”. “Se no sul se dança o fandango e no nordeste reina o forró, por que será que os PPPs são iguais? Como falar de projeto, se as práticas profissionais fomentam e reproduzem um novo tipo de analfabetismo político e cultural?”, questiona.





Seja qual for o ponto de vista adotado, o certo é que a perspectiva de projeto se opõe à ideia de isolamento, fragmentação, partes isoladas. Em uma escola orientada por projetos, espera-se que tudo aconteça de forma coerente, em diferentes dimensões da atuação pedagógica. Um projeto pode se referir ao que acontece em uma sala de aula, a uma série, envolver todos os educadores ou até mesmo todos os profissionais que trabalham na instituição, incluindo merendeiras, inspetores, diretor. Em todas as situações, os projetos devem ser marcados por uma conotação pedagógica, buscando fazer com que as disciplinas conversem entre si, promovendo o encontro entre os interesses dos alunos, suas perguntas, suas curiosidades, com as abordagens curriculares propostas. Nessa acepção, um projeto confere sentido ao gigantesco quebra-cabeça da organização escolar.

### A importância da metodologia

Tudo resolvido? Nada disso. Se essa conceituação geral absolve em parte os educadores do uso indiscriminado do termo, torna ainda mais necessário que os especialistas em educação saibam discriminar sobre suas particularidades, quando se referem a teorias, metodologias didáticas ou abordagens pedagógicas específicas – como é o caso da chamada Pedagogia de Projetos.

Nesse caso, alerta Zabalza, leituras muito livres do termo podem levar a ações conceitualmente equivocadas. A razão dessa confusão é simples: qualquer forma de trabalho educativo requer planejamento prévio, como uma visita a um museu, a leitura de jornais ou uma pesquisa na internet. »

### CONTRA O TALEBANISMO METODOLÓGICO

“O mundo da educação é um mundo muito saturado de palavras, mais do que de significados.

Às vezes, as palavras se convertem em símbolos e se vão se distanciando pouco a pouco dos objetos e realidades a que se inicialmente referiam para converter-se elas mesmas em protagonistas.

Por isso, acaba sendo mais importante dizer que trabalhamos por projetos que fazê-lo realmente. E dessa maneira, teremos uma fácil tendência a denominar o que fazer com palavras que possuem, elas mesmas, um valor simbólico. Daí vem muitas confusões na educação (mas também na política, no mundo das finanças e das relações sociais).

Sendo isso verdade, também na Espanha, tampouco sou partidário de que se regulem em excesso as práticas educativas ou nos carreguemos de zelo para dizer o que é trabalhar por projetos e o que é não trabalhar por projetos. Essa distribuição de legitimidades pode também ser perigosa. Nada em educação deve funcionar como uma partitura rígida da qual não é possível sair. A educação se empobrece quando entra nesse tipo de trilho que funciona como um espartilho apertado. Precisamos de criatividade, de uma certa heterodoxia em relação aos modelos que nos permita ir nos adaptando às diversas circunstâncias e recursos de cada contexto.

Quer dizer: temos que nos mover com um certo equilíbrio entre um talebanismo conceitual e metodológico e a heterodoxia absoluta na qual tudo vale e tudo é uma coisa só. Trabalhar por projetos tem suas regras básicas, algumas das quais não se pode alterar, mas oferecer possibilidades para que em diferentes contextos e etapas educativas se possa trabalhar de diferentes maneiras.”

Miguel Zabalza

Pesquisador da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.

» Ocorre que, pelo menos desde o início do século XX, autores vêm propondo abordagens conhecidas como Pedagogia ou Metodologia de Projetos, conta o pesquisador. Todos têm características e regras próprias, que os diferenciam de outras propostas. É o caso, por exemplo, do *Problem Based Learning*, que remonta ao anos de 1918, proposto pelo professor da Universidade de Colúmbia, William Heard Kilpatrick, discípulo do filósofo e pedagogo norte-americano, John Dewey (1859-1952).

Embora nem toda aprendizagem baseada em problemas seja um projeto, Zabalza inclui essa origem pela perspectiva presente na proposta de Kilpatrick que, sob influência de Dewey, acreditava em uma educação pragmática, que se confrontasse com os problemas da vida real, numa perspectiva de integração dos conhecimentos e ações educativas com questões concretas.

No Brasil, a perspectiva do trabalho por projetos ganhou força com a grande influência da educação espanhola no Brasil, principalmente a partir de finais da década de 1980. Nomes como Fernando Hernandez (autor de “Organização do Currículo por Projetos de Trabalho”) e Miguel Zabalza (autor de “Qualidade em Educação Infantil”) tornaram-se muito conhecidos entre os professores brasileiros, e suas propostas impulsionaram a busca de modos mais interdisciplinares, contextualizados e menos fragmentados de se desenvolver a atividade de ensino-aprendizagem, rompendo as amarras do currículo e conferindo sentido e intencionalidade pedagógica.

Segundo Zabalza, de maneira geral, a metodologia de trabalho por projetos possui uma coreografia que parte das seguintes perguntas:

1. O que nos interessa conhecer desta temática?
2. O que sabemos sobre o tema escolhido?
3. O que queremos conhecer ou aprender a conhecer como resultado deste projeto – que, a essa altura, já deve ter definido seu nome e seus objetivos?
4. De que informações precisamos e onde poderíamos encontrá-las? Qual poderia ser um índice hipotético de nosso projeto?
5. Como nos organizamos para desenvolver o projeto? Qual é o plano de ação e a divisão das responsabilidades?
6. Realização do trabalho em si e monitoramento dos seus desdobramentos.
7. Avaliação do processo e dos resultados obtidos.
8. Conclusões e possíveis projetos derivados, como ampliação.

Para Miguel Zabalza, por fim, a grande conquista que as metodologias de trabalho por projetos trazem às escolas é o foco sobre o processo de ensino-aprendizagem. Todo o trabalho da instituição es-



## O MISTÉRIO PARA LÁ DA PORTA

“Há muito discurso equivocados em torno do termo ‘projeto’. Em uma escola, escutei de uma professora: ‘Nós trabalhamos por projetos. Temos um tempo, na manhã de quarta-feira. Nesse tempo, perguntamos aos alunos o que eles querem aprender. Depois, fazemos uma votação. E o conteúdo mais votado é trabalhado na semana seguinte. Também fazemos pesquisas sobre temas e damos uma aula sobre esse conteúdo’... Em outra escola, o projeto em curso era sobre a Copa - mas, lá fora, a dengue prosperava e as favelas sofriam a enxurrada dos córregos...”

O primeiro passo de um projeto talvez consista em perguntar se a equipe existe. Projeto educacional é um ato coletivo. Se não existe uma equipe, que projeto pode existir? Na ausência de um verdadeiro projeto político-pedagógico, a autonomia de uma escola vira autossuficiência mortal, desígnios individuais, formalidades cumpridas, burocracia.

O primeiro passo de um projeto pode ser um ato simples: um grupo de professores sentar-se à volta de uma mesa, ou na relva de um parque, para se transformar numa equipe. Um projeto faz-se com pessoas, privilegiando laços afetivos, congregando elementos de matriz sociológica e etnográfica que impelem à intervenção na comunidade de grupos de pessoas conciliadas consigo e com os seus pares. A comunidade, por seu turno, dialética e prodigamente, devolve-lhes contributos para a democratização das práticas.

Se existe nas escolas um projeto de mudança contextualizado, existe o pretexto e a necessidade do encontro. Se não há um projeto, para que se reúnem os professores? Há escolas em que os professores da manhã quase não conhecem os colegas da tarde. O trabalho de reflexão comum está ausente. Cada professor encontra-se entregue a si próprio. Poder-se-á falar de projeto educativo nessas instituições? Um projeto de escola é um projeto educacional, um projeto de pessoa e de sociedade. Projetos servem para propiciar diferentes modos de representar o conhecimento, através da interpretação da realidade, no *hic et nunc* da relação entre a vida dos alunos e professores. Disse-me o pequeno Francisco: “Quería saber onde vai dar ‘aquela’ porta lá da escola, subindo as escadas da quadra”.

O mistério para lá da porta poderia ser um bom princípio de projeto. Fiquei a pensar no conceito de projeto. Poderá haver muitas definições do conceito, mas o projeto é exatamente isso: tentar desvendar o mistério para lá da porta.”

José Pacheco  
Ex-diretor da Escola da Ponte, Portugal.

**“A GRANDE CONQUISTA QUE AS METODOLOGIAS DE TRABALHO POR PROJETOS TRAZEM ÀS ESCOLAS É O FOCO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. TODO O TRABALHO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR PASSA A SE VOLTAR SOBRE A FINALIDADE ÚLTIMA DA EDUCAÇÃO: PROMOVER A APRENDIZAGEM.”**

colar passa a se voltar sobre a finalidade última da educação: promover a aprendizagem.

Para a Mestre em Educação Ivaneide Dantas Martins, professora do Instituto Singularidades, a proposta também permite um olhar mais global para o desenvolvimento do aluno. “Trabalhar na perspectiva dos projetos possibilita que o aluno mobilize e se aproprie dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e possibilita a apropriação dos diversos tipos de conteúdos de forma significativa, assim como possibilita que o indivíduo ponha em jogo as suas competências para resolver problemas no contexto das práticas sociais”, diz Ivaneide.

Essa visão é concordante com a do pesquisador Ulisses Araújo, autor de “Temas transversais e a estratégia de projetos”, da Editora Moderna. Para ele, a importância dessa perspectiva metodológica se estende para a difusão necessária dos chamados temas transversais. Permite, segundo o autor, “articular os conhecimentos científicos e os saberes populares e cotidianos, propiciando condições para que os questionamentos científicos sejam respondidos à luz das curiosidades dos alunos, de suas necessidades e interesses cotidianos; e colocar os sujeitos da educação no centro do processo educativo, na tentativa de responder aos problemas sociais”.

Conhecer essas dimensões da metodologia de projetos permite ao professor construir seus próprios percursos em sala de aula. Afinal, projetos não devem ser vistos como receitas prontas, alertam os pesquisadores, mas como um mapa de possibilidades – nos quais o percurso, como queria o poeta Antônio Machado, também se faz ao caminhar. x



TOTALMENTE ATUALIZADO!

# ESCOLHA A PROPOSTA COMPLETA QUE CONECTA SUAS AULAS COM O MUNDO!



Todas as obras do **Projeto Araribá** acompanham recursos multimídia para potencializar suas aulas. São mais de **300 objetos digitais** disponíveis.

MKT • MODERNA

## SINGULAR & PLURAL



CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27478COL01**

## ARARIBÁ MATEMÁTICA



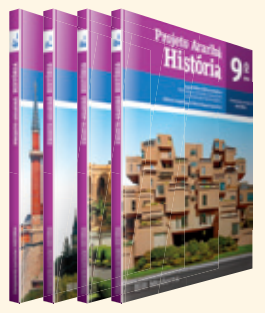
CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27458COL02**

## ARARIBÁ CIÊNCIAS



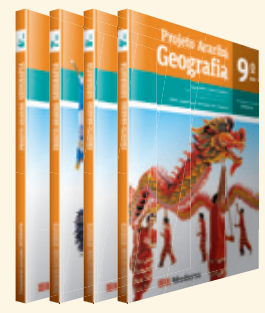
CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27455COL04**

## ARARIBÁ HISTÓRIA



CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27457COL06**

## ARARIBÁ GEOGRAFIA



CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27456COL05**

Descubra todos os benefícios pedagógicos de adotar nossa proposta completa. Fale com seu consultor Moderna.

**0800 770 7653**

Conheça os detalhes de cada obra, acesse:  
[www.modernadigital.com.br](http://www.modernadigital.com.br)

**Moderna**



O grão perpetua histórias, lendas e costumes de seu povo, possibilitando a preservação de memórias e o compartilhamento para diferentes culturas.

# ÁFRICA TRANSDISCIPLINAR: REDESCOBRINDO O BRASIL

Grande desafio da humanidade no século XXI, o debate sobre as relações étnico-raciais tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade, inclusive na escola, e nos faz repensar os paradigmas com que fomos educados.

Por: **ILDA TRIGO**

Longe de estar resolvido, o problema da discriminação de origem étnico-racial é grave não apenas no Brasil. Segundo dados da ONU (Organização das Nações Unidas), aproximadamente 900 milhões de pessoas no mundo fazem parte de algum grupo discriminado em seu próprio país. No Brasil, apesar da aparente tolerância, o que se vê, na prática, é a discriminação de grupos ditos minoritários, verificada pela distância entre as posições sociais e econômicas ocupadas por brancos, de um lado, e negros e pardos, de outro.

A fim de reverter essas disparidades, herança do passado escravocrata, tem sido elaborada, nos últimos anos, uma série de políticas públicas que levam esse debate para a esfera educacional. Dentre elas destaca-se a Lei nº 10.639/03, que tornou

obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em vários níveis do ensino.

Essa lei foi resultado da luta de grupos que defendem os direitos de negros e afrodescendentes e justifica-se como uma tentativa de corrigir distorções conceituais e históricas muitas vezes repetidas pelo discurso escolar e que, segundo esses grupos, têm contribuído para a perpetuação de injustiças sociais.

Nas palavras de Eliane Cavalleiro, ex-Coordenadora Geral de Diversidade e Inclusão Educacional da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), “torna-se imperativo o debate da educação a serviço da diversidade, tendo como grande desafio a afirmação e a revitalização da autoimagem do povo negro”. »



### » Novidades da lei

Ao falar sobre a lei, é preciso destacar as diretrizes de sua aplicação, que apontam para aspectos importantes. Um deles é que a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira não devem se constituir apenas em mais um conteúdo a ser “ensinado” em datas ou disciplinas específicas. A ideia é que elas se constituam num tema inter e até transdisciplinar.

De acordo com as *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*, elaboradas pelo MEC, são premissas para a implementação da lei “a valorização do conhecimento de nossos profissionais de educação e a necessidade de articularmos

este saber com as demandas que a lei nos apresenta, promovendo a interdisciplinaridade e quiçá a transdisciplinaridade.”

Segundo a *Carta da transdisciplinaridade*, redigida em 1994, no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, por estudiosos como Edgar Morin, a transdisciplinaridade “faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade”. O documento ressalta ainda que “não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. O movimento transdisciplinar é em si transcultural”.

Dessa forma, não restam dúvidas de que o trabalho transdisciplinar é o mais adequado para um ensino que pretenda transformar visões de mundo sedimentadas e resgatar o valor de culturas secularmente discriminadas.

Outro aspecto importante da aplicação da lei diz respeito à desconstrução de estereótipos ligados à África e aos africanos e afrodescendentes. Para Kabengele Munanga, antropólogo e professor titular da Universidade de São Paulo, o ensino da diversidade na escola pode ajudar a desconstruir esses preconceitos. Em entrevista à revista *Fórum* ele afirma que “o

**“TORNA-SE IMPERATIVO O DEBATE DA EDUCAÇÃO A SERVIÇO DA DIVERSIDADE, TENDO COMO GRANDE DESAFIO A AFIRMAÇÃO E A REVITALIZAÇÃO DA AUTO-IMAGEM DO POVO NEGRO.”**



## LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

A Literatura é disciplina privilegiada para o estudo da temática africana, especialmente no que se refere à produção literária dos países africanos de Língua Portuguesa. Segundo a estudiosa Renata Beatriz Brandespin Rolon em seu trabalho *O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no currículo escolar brasileiro*, “ao promover o contato com autores africanos de expressão portuguesa, a escola media e estabelece diálogos entre a literatura brasileira e outras literaturas, entre culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas”.

Essa é também uma ótima oportunidade de estabelecer relações com as disciplinas de História e Geografia. Nas palavras de Renata, na leitura desses autores “evidenciam-se raízes similares e marcas identitárias (...) e percebem-se os enlaçamentos entre Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros países que sofreram semelhante processo de construção”.

Paulina Chiziane, Mia Couto, Agostinho Neto, Filimone Meigos, José Craveirinha. São muitos os autores africanos contemporâneos cuja produção possibilita rica reflexão sobre as questões africanas. Isso sem falar na rica produção afrodescendente contemporânea aqui no Brasil, que deve ser lembrada e trabalhada em sala de aula. Cuti, Ricardo Aleixo, Solano Trindade, Conceição Evaristo, entre outros autores, encaram de frente os problemas relativos à questão étnico-racial no Brasil, sem abdicar da pesquisa poética.

Mas a possibilidade de exploração da Literatura Africana e Afro-Brasileira vai muito além da produção escrita. A vasta literatura oral africana pode estar presente na prática educativa em todos os níveis de ensino: mitos e lendas, cantigas e provérbios são ricas fontes de trabalho para o Ensino Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental. Já a tradição dos griôs, que mistura história, poesia e música, permite o trabalho interdisciplinar com História e o *link* com a produção musical contemporânea: do samba e do repente ao *rap* e à cultura *hip-hop*.

Brasil deveria tratar dessa questão com mais força, porque é um país que nasceu do encontro das culturas, das civilizações. Os europeus chegaram, encontraram a população indígena – dona da terra –, depois vieram os africanos; a última onda imigratória é dos asiáticos. Tudo isso constitui as raízes formadoras do Brasil que devem fazer parte da formação do cidadão”.

Para se conseguir isso, é preciso que a abordagem da temática africana escape do folclórico, enfatizando-se as contribuições reais da matriz africana.

### África, essa desconhecida

Para começar, é preciso desconstruir a ideia de que a África é uma unidade e que os africanos são todos iguais. Para isso, um trabalho envolvendo disciplinas como Geografia, História e Sociologia seria bastante profícuo, ao mostrar a diversidade humana e cultural do continente, com seus mais de 800 milhões de habitantes distribuídos em 54 países independentes. Há mais de 2.000 línguas diferentes e muitas etnias, às vezes convivendo num único país, assim como há diferentes crenças e culturas. Essa diversidade também existia na época em que os africanos foram trazidos para o Brasil. Vieram para cá diferentes povos, com diferentes línguas e culturas.

Também é importante que a história do continente seja tratada numa perspectiva positiva, não se limitando à denúncia da miséria que atinge uma parcela expressiva de sua população.

Assim, entre os conteúdos trabalhados, devem ganhar destaque, entre outros, o papel dos anciãos e dos griôs para a preservação da memória histórica, as civilizações antigas que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade (como os núbios e os egípcios), as civilizações e organizações políticas pré-coloniais (como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbábwe), além das ações para a união africana nos dias atuais. »

» **Humanidades**

Apesar das recomendações de que os temas africanos e afro-brasileiros perpassem todas as disciplinas, a própria lei reconhece que as discussões podem ser extremamente proficuas nas aulas de História, Literatura e Artes.

É necessário novamente enfatizar que não se trata de acrescentar alguns capítulos aos já tradicionalmente estudados, mas de abordar a contribuição africana para a formação da identidade brasileira, para além do já estabelecido.

Na História, trata-se de tirar o negro da posição de vítima e situá-lo como sujeito histórico, capaz de resistir e de impor a força de sua cultura. Na Literatura e nas Artes, é fundamental não só mostrar como os africanos e afrodescendentes foram representados pela cultura oficial, mas também destacar sua importância como produtores culturais. Não só na música, mas também em círculos mais restritos

à cultura oficial – predominantemente branca e de caráter eurocêntrico – houve a presença negra.

**Ciências e Matemática**

Apesar da aparente dificuldade em abordar a temática étnico-racial nessas disciplinas, o ensino de Ciências e Matemática pode ajudar a desconstruir a ideia de que o africano pouco contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento científico. A África foi o berço da humanidade e, consequentemente, do conhecimento humano.

Os povos africanos criaram instrumentos, técnicas e sistemas de trabalho que contribuíram, por exemplo, para o desenvolvimento da produção agrícola e da exploração de minérios. Esses conhecimentos foram disseminados por várias regiões do mundo. No Brasil, por exemplo, os negros escravizados introduziram o uso da enxada na agricultura e da bateia na mineração do ouro. Além disso, desco-

**DICAS PEDAGÓGICAS**

São muitos os saberes africanos que os professores podem trazer para a sala de aula. Para facilitar seu trabalho, apresentamos, a seguir, algumas sugestões:

TEMA	OBJETIVOS	ATIVIDADES
Identidade.	Perceber, valorizar semelhanças e diferenças, respeitar as diversidades.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confecção de álbuns familiares com fotos ou desenhos, livros de família, exposição de fotos, entrevistas com as pessoas mais velhas, sessão de narração de histórias com familiares dos alunos.</li> <li>• Construção de gráficos e estimativas relativas às diferenças e semelhanças encontradas nas famílias e na comunidade.</li> </ul>
Contribuições do povo negro.	Reconhecer e valorizar a participação do povo negro na construção da cultura nacional.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confecção de um dicionário contendo palavras de origem africana comuns em nosso idioma.</li> <li>• Incurção por territórios negros e locais de memória que tenham sido produzidos a partir da participação histórica negra (centro da cidade, igrejas, terreiros de religião de matriz africana, bairros da cidade, comunidades, favelas, museus).</li> </ul>
Situações de diversidade racial na vida cotidiana.	Analisar criticamente fatos de discriminação e racismo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de júris simulados com base em situações reais de discriminação racial veiculadas pela mídia.</li> <li>• Organização de um fôlder sobre a participação de artistas negros em áreas geralmente associadas aos brancos, como a literatura e as artes visuais.</li> </ul>

Fonte: Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Secadi/MEC, 2006.



briu-se recentemente que alguns povos africanos, dentre eles os egípcios, dominaram a metalurgia do ferro três séculos antes dos europeus.

É africano o mais antigo objeto matemático – o osso de Ishango, 20.000 a.C. – e foi lá que se desenvolveram os primeiros centros universitários e culturais do mundo, como Tombuctu, a cidade dos livros, considerada já no século XIV importante centro de saber.

Todas essas informações podem ajudar a contextualizar conteúdos próprios das disciplinas, além de colocar em pauta a questão racial, rompendo com ideias preconcebidas sobre a participação dos negros na construção de conhecimento.

### Mudança de paradigma

A abordagem preconizada pela lei exigirá das escolas e dos educadores um trabalho considerável. Em entrevista, Kabengele Munanga aponta como principal dificuldade para a implementação da lei a formação eurocêntrica da maioria dos professores. Em suas palavras, “a primeira coisa é formar os educadores, orientar por onde começou a cultura negra no Brasil, por onde começa essa história. Depois dessa formação, com certo conteúdo, material didático de boa qualidade, que nada tem a ver com a historiografia oficial, o processo pode funcionar”.

Mas, além da formação dos professores, a mudança na abordagem da temática afro-brasileira exigirá envolvimento e compromisso de toda a comunidade escolar. A escola como um todo deverá pensar estratégias para que a questão racial deixe de ser mais um aspecto do currículo, tornando-se um conhecimento real e transformador. x

## PESQUISA

### Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC)

Na página da Secretaria é possível encontrar as orientações para a aplicação da lei, além de outros materiais de suporte para o professor.

• <http://portal.mec.gov.br>

### A cor da cultura

Projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira que oferece amplo material de pesquisa e propostas pedagógicas para o professor. Destaque para o kit *A cor da cultura*.

• [www.acordacultura.org.br](http://www.acordacultura.org.br)

### Arte africana

Página da Universidade de São Paulo sobre arte africana e afro-brasileira, com imagens, artigos, textos didáticos e relação de sites recomendados.

• [www.arteafricana.usp.br](http://www.arteafricana.usp.br)

### Africanidades brasileiras e educação

Documentário elaborado pelo MEC para ser utilizado na formação de docentes, disponível na página da internet *Domínio Público* e em sites de compartilhamento de vídeo. [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)



# MOZART NEVES RAMOS

## QUERO SER PROFESSOR



O maior desafio da educação brasileira está na valorização da carreira do magistério. É preciso repensar uma série de fatores para tornar objeto de desejo uma área que apenas 2% dos jovens querem seguir.

Hoje no Brasil, infelizmente, existem mais razões para um jovem não querer ser professor do que para ser. As razões são claras: baixos salários, ausência de planos de carreira nas redes de ensino, baixa prioridade pelas universidades nos cursos de licenciatura e as difíceis condições de trabalho nas escolas e no entorno delas, muitas vezes. Assim, não é à toa que a larga maioria dos jovens brasileiros não deseja seguir essa carreira tão importante para qualquer país que deseja ter um futuro sólido e saudável.

Sempre fui um apaixonado pela docência. Quando ainda adolescente, dava aulas aos meus colegas na garagem de casa. Depois tive experiências em colégios de Ensino Médio, lecionando Química e Física, que foram decisivas para meu futuro profissional. Abdiqueei do sonho da maioria dos jovens engenheiros de minha geração, o de ir para a Petrobrás. Aprovado para ir para o Polo Petroquímico da Empresa em Camaçari/Bahia, que se encontrava em processo de instalação, decidi seguir a aventura de um possível acesso ao curso de pós-graduação em Química na Universidade de Campinas. Este foi o primeiro passo para me tornar professor, vocação já descoberta na adolescência. Até me efetivar professor a jornada foi dura, mas prazerosa.

O prazer por fazer o que gostava, possivelmente me levou a novos desafios. Tornei-me pró-reitor e reitor da Universidade Federal de Pernambuco, e em seguida Secretário de Educação de Pernambuco. Em todo o percurso de minha vida, jamais deixei a sala de aula! Por outro lado, essas experiências no campo

da gestão pública, tanto no Ensino Superior, como na educação básica, me permitiram compreender melhor o porquê da maioria dos jovens brasileiros não quererem seguir a carreira do magistério, especialmente aquela da educação básica.

Hoje, não tenho dúvidas em afirmar que o maior desafio da educação brasileira está na valorização da carreira do magistério. Torná-la objeto de desejo, pois apenas 2% dos jovens querem segui-la.

A primeira razão para isso se encontra na baixa remuneração. Um professor no Brasil ganha 40% a menos do que a média de outros profissionais com o mesmo nível de escolaridade. De acordo com a Pnad/IBGE de 2009, um professor ganha, em média, R\$ 1.800,00, enquanto outros profissionais com a mesma escolaridade ganham R\$ 2.800,00.

As pesquisas com os nossos jovens revelam que um plano de carreira focado em resultados e formação ao longo da vida é tão igualmente importante quanto a questão salarial. Uma boa parte das redes de ensino no Brasil não tem plano de carreira atrativo para essa juventude.

Outro aspecto são as condições de trabalho, o bom ambiente de trabalho. E, lamentavelmente, a violência vem crescendo nas escolas e afastando o jovem da carreira do magistério. Como consequência, estima-se que o déficit de professores na educação básica seja de 250 mil professores. Em algumas áreas, como Química, Física e Matemática, estamos vivendo (e não é de agora) um apagão de mão-de-obra qualificada. E o pior, a formação inicial, dada pelas nossas universidades, »

» deixa muito a desejar, em relação às necessidades atuais da escola pública, conforme revelou um trabalho recente da educadora Bernadete Gatti, da Fundação Carlos Chagas.

Esse estudo mostrou que tanto a formação inicial como continuada dos nossos professores não dialoga com a escola pública. A formação é muito teórica. Por exemplo, os estágios obrigatórios são registrados de modo vago, com poucas exceções. Não há propriamente projeto ou plano de estágio, nem sinalizações sobre o campo de prática ou a atividade de supervisão dos mesmos. Raras instituições especificam em que consistem os estágios e sob que forma de orientação são realizados, se há convênio com escolas das redes, entre outros aspectos. A escola, enquanto instituição social e de ensino, é elemento quase sempre ausente nas mentes, o que leva a pensar numa formação pouco integrada em que o profissional-professor vai atuar. Na maior parte dos ementários analisados não foi observada uma articulação entre as disciplinas de formação específica (conteúdos da área disciplinar) e as de formação pedagógica (conteúdos da docência). Na prática, o que se observa é que a Licenciatura não tem uma identidade própria, é um híbrido mal estruturado entre o bacharelado e algumas disciplinas do campo pedagógico. A verdade é que as licenciaturas recebem pouca atenção por parte das nossas universidades.

É incontestável, por outro lado, a importante contribuição que a universidade brasileira vem dando ao desenvolvimento científico e tecnológico de nosso país, tanto na formação de recursos humanos (a título de exemplo, na pós-graduação o Brasil forma hoje 12 mil doutores), como na produção de novos conhecimentos, que o coloca na 13ª posição do *ranking* mundial da produção científica. Para chegar a esse patamar foi preciso um grande esforço da comunidade científica, aliado a políticas públicas arrojadas e exitosas. A indução na direção do fortalecimento da pós-graduação e da pesquisa, em especial nos últimos 20 anos, foi notória. Mas essa estratégia (absolutamente correta) fez com que a universidade se distanciasse (sem sentir) da escola pública. Assim, os seus professores pouco ou nada conhecem dessa realidade. Na verdade, a educação básica

deixou de ser prioridade para a maioria das universidades brasileiras. O Ministério da Educação, diga-se de passagem, vem procurando reverter esse quadro. Um exemplo desse esforço veio com a implantação do programa Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), com foco na formação de professores. Nessa mesma linha, implantou a Universidade Aberta do Brasil e o Portal Freire vinculado à Capes. O problema é que esse distanciamento produziu uma falta de vocação da universidade para formar professores para a atual realidade da escola pública. Além disso, o tempo da maioria dos professores de nossas universidades está comprometido com as atividades de ensino na graduação e na pós-graduação e com a pesquisa, sem falar naquele dedicado à burocracia.

Como reverter esse quadro? Os números a seguir revelam o tamanho do desafio:

1. 50% é a evasão dos cursos de licenciatura!
2. Só 2% dos jovens querem ser professores no Brasil!
3. No vestibular/2009 da Universidade Federal de Pernambuco, a menor nota para entrar em Medicina foi 8,29, mas em licenciatura em Matemática foi 3,29!
4. No vestibular/2012 dessa mesma universidade, a relação candidato/vaga em Medicina foi 34,9, mas em licenciatura em Química foi apenas 2,3!
5. O déficit de professores no Brasil é de 250 mil!
6. 61% dos que ensinam Física no Brasil não foram formados nem em Física nem em área correlata; em Química esse percentual é de 44%!
7. Um professor no Brasil ganha 40% menos do que outros profissionais com a mesma escolaridade!
8. Dos que concluem o Ensino Médio, 89% não aprenderam o que seria esperado em Matemática!

Apesar da complexidade e da gravidade existem saídas, mas qualquer que seja ela, e sendo estrutural e não um paliativo, vai exigir:

1. Forte investimento em educação e formação docente.
2. Pacto federativo: salário e plano de carreira.
3. Mudança de cultura nas universidades.
4. Decisão política!

Para compreender melhor como isso deve funcionar e fazer impacto positivo na atratividade pela carreira do magistério, é preciso fazer a seguinte pergunta: Por que os jovens nos países que estão no topo da educação mundial querem ser professores? Países como Coreia do Sul, Finlândia, Cingapura, Canadá e Japão, que fazem parte desse seleto grupo, têm pelo menos uma coisa em comum: ser professor nesses países é objeto de desejo. Os jovens se sentem atraídos pela carreira do magistério. Essencialmente, quatro fatores respondem a essa questão: salário inicial atraente, plano de carreira motivador, pautado no desempenho em sala de aula e na formação continuada, formação inicial sólida com foco na prática docente e escolas bem estruturadas e organizadas.

**“O BRASIL TEM AINDA UMA ESCOLA DO SÉCULO XIX, PROFESSOR DO SÉCULO XX E ALUNO DO SÉCULO XXI. PRECISAMOS TRAZER TODOS PARA UM MESMO TEMPO, O DO SÉCULO XXI. ASSIM, SERIA DADO UM NOVO FOCO AO CURRÍCULO ATUAL - NA SALA DE AULA.”**



Ou seja, tudo o que o Brasil não consegue fazer em escala! Portanto, não haverá saída estrutural sem o enfrentamento desses fatores, como política estruturadora para a atratividade da carreira do magistério.

O ponto seguinte é: como colocar isso em prática? É preciso começar pela pactuação envolvendo o governo federal, os governos estaduais e as universidades. Em outras palavras: quem emprega e quem forma! Foi com esse espírito que o Ministério da Educação, o Governo do Estado de Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco estão trabalhando para colocar em prática o programa inicialmente batizado “Quero ser Professor”. Trata-se de um programa que pretende ser uma mudança de paradigma buscando, em regime de colaboração, reverter a baixa atratividade dos jovens pela carreira do magistério. Para isso, o programa foca, de forma resumida, nos seguintes aspectos:

- O futuro aluno da licenciatura já será acompanhado e valorizado quando do ingresso no Ensino Médio em escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, pois o contra-turno terá um papel estratégico nessa formação.
- Os alunos já cursando as licenciaturas na UFPE farão parte do Projeto “Nenhum Aluno para Trás”, visando reduzir os elevados níveis de reprovação e de evasão – com foco nas disciplinas com maiores índices de evasão e na questão socioeconômica dos alunos.
- Um amplo programa de bolsas de Prê-Iniciação à Docência e de Iniciação à Docência (PIBID) será efetivado para ambos os grupos de alunos, do Ensino Médio e das licenciaturas (na 1ª fase, será para os alunos de Química, Física, Matemática e Biologia).
- Criação de um Núcleo Interdisciplinar das Licenciaturas na UFPE, envolvendo professores dedicados à educação básica, com a inclusão de professores selecionados da Rede Pública Estadual de Ensino das Escolas em Tempo Integral (“professores-ponte”) e de professores visitantes contratados pela Capes/Facepe (“professores oxigenadores”).
- Os professores da Rede Estadual de Ensino terão a possibilidade de terem uma Certificação de Pós-Graduação pelo Núcleo Interdisciplinar das Licenciaturas (Química, Física, Biologia e Matemática – 1ª fase) da UFPE, após comprovarem resultados satisfatórios em sala de aula, e assim galgarão uma nova posição salarial dentro do Plano de Carreira.

- Ampliar a articulação entre as disciplinas específicas e pedagógicas, visando ao fortalecimento da teoria pedagógica e da sua relação com a prática em sala de aula.
- Criação de disciplinas que promovam a Escola do Século XXI, envolvendo *games* educativos, jogos que potencializem o desenvolvimento cognitivo dos alunos e novas tecnologias visando à estruturação de uma Fábrica de Empreendedorismo Pró-Ensino nas licenciaturas.

Vale registrar que aqui não se pretende fazer mais uma reforma nos currículos das licenciaturas, mas ajustar para um novo tempo. O Brasil tem ainda uma escola do século XIX, professor do século XX e aluno do século XXI. Precisamos trazer todos para um mesmo tempo, o do século XXI. Assim, ao currículo atual seria dado um novo foco – na sala de aula. Algumas disciplinas específicas poderiam e deveriam estar mais focadas na aprendizagem do aluno e na prática docente; há espaço nas disciplinas eletivas/opcionais para se criar esse novo tempo, de forma que o aluno da licenciatura possa se sentir mais atraído e motivado. Assim, os eixos inovadores no contexto curricular são:

- 1 Foco na prática docente em escolas de tempo integral.
- 2 Formação interdisciplinar – o exemplo do Ginásio Pernambucano.
- 3 Novas Tecnologias: *games* educativos e de habilidades cognitivas.
- 4 Ampliação da articulação entre as disciplinas específicas e pedagógicas, visando ao fortalecimento da teoria pedagógica e da sua relação com a prática em sala de aula.
- 5 Espaços de aprendizagem: Espaço Ciência, Museus de Ciência etc.
- 6 Residência Docente: repaginar o atual estágio docente.

O programa “Quero ser Professor” está ainda em gestação, mas vem recebendo até aqui um amplo apoio das instituições envolvidas. Como se estrutura em um conjunto de projetos – trata-se de um programa – se for exitoso e tiver adesões de outros estados, poderá se tornar uma política pública para reverter a tendência atual dos jovens brasileiros, a de não querer ser professor. E o programa “Quero ser Professor” pode ser um dos caminhos! ✕

Mozart Neves Ramos é professor da UFPE, Membro do Conselho Nacional de Educação e do Conselho de Governança de Todos Pela Educação.

# ESCOLHA AS MELHORES COLEÇÕES DESENVOLVIDAS POR AUTORES RECONHECIDOS EM TODO O PAÍS.

Em sintonia com as principais tendências educacionais, nosso time de autores apresenta seus grandes lançamentos para o PNLD 2014. Surpreenda-se com as novidades mais esperadas para todas as disciplinas do Ensino Fundamental II.



PORTUGUÊS



### SINGULAR & PLURAL

LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM

Laura de Figueiredo  
Marisa Balthasar  
Shirley Goulart

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27478COL01**

HISTÓRIA



### ESTUDAR HISTÓRIA

DAS ORIGENS DO HOMEM À ERA DIGITAL

Patrícia Ramos Braick

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27366COL06**

MATEMÁTICA



### MATEMÁTICA BIANCHINI

Edwaldo Bianchini

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27408COL02**



### MATEMÁTICA IMENES & LELLIS

Luiz Márcio Imenes  
Marcelo Lellis

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27411COL02**

CIÊNCIAS



### CIÊNCIAS NATURAIS

APRENDENDO COM O COTIDIANO

Eduardo Leite do Canto

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27339COL04**



### OBSERVATÓRIO DE CIÊNCIAS

Editora responsável:  
Rita Helena Bröckelmann

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27431COL04**

GEOGRAFIA



### EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS

Melhem Adas  
Sergio Adas

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27367COL05**



### OBSERVATÓRIO DE GEOGRAFIA

Regina Araújo  
Angela Corrêa da Silva  
Raul Borges Guimarães

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**27368COL05**

Conheça cada obra e os recursos multimídia disponíveis:  
[www.modernadigital.com.br](http://www.modernadigital.com.br)

 **Moderna**



Para marcar a passagem dos anos, os tupis tomavam como base a frutificação dos cajueiros, que se dá uma vez por ano, entre os meses de dezembro e janeiro. Em cada safra de caju, guardava-se uma castanha em uma cabaça. A contagem das castanhas indicava a idade dos indivíduos.

# ETNOMATEMÁTICA, MUITO PRAZER!

Antes da Matemática, a Etnomatemática já estava informalmente presente no dia a dia do ser humano. É ela que ajuda a compreender os conceitos e práticas de uma disciplina que leva a fama de mal amada por muitos alunos. Professores a têm utilizado para mostrar que contar e resolver problemas são ações diretamente ligadas a andar de bicicleta, jogar bola, jogar *videogame*...

Por **MARIÂNGELA DE ALMEIDA**

A Etnomatemática é uma visão mais ampla da história e da filosofia da Matemática, que tem aplicações pedagógicas e caminha de mãos dadas com a Antropologia. Seu papel é ajudar a reconhecer e entender a Matemática de uma cultura ou de um grupo.

Isto porque indivíduos e povos desenvolvem, ao longo de sua história, técnicas de reflexão, de observação e habilidades para explicar, entender e saber responder às suas necessidades de sobrevivência e de transcendência nos mais diversos ambientes naturais, sociais e culturais.

O homem primitivo, por exemplo, para construir uma lança, teve de aplicar conhecimentos matemáticos – for-

ma, comprimento, peso e força para lançá-la e alcançar determinado alvo. Tudo isso sem nunca ter frequentado os bancos escolares.

O agricultor sabe determinar a distância ideal entre as mudas da plantação. O feirante calcula quantas caixas de determinado produto deverá comprar para vender.

Descobrir, reconhecer e acolher esses usos da Matemática é o principal objetivo da Etnomatemática, que gera uma interdisciplinaridade natural. Para explicar determinadas situações é preciso analisar seus aspectos geográficos, políticos, históricos, culturais e assim por diante. Geografia, História, Ciências, enfim, todas as disciplinas se unem à Etnomatemática. »



**Ossos de Ishango:** A ferramenta de osso de babuíno, datada entre 18.000 e 20.000 a.C., tem um pedaço de quartzo incrustado, utilizado para escrever. Tudo indica que os traços gravados nos ossos eram para registrar contagens.



**Tabletes babilônicos:** Datados entre 1900 a.C. e 1700 a.C., registram aulas de Matemática e educação praticadas pelos povos da Mesopotâmia (atual Iraque), contrariando a crença ocidental de que a história da Matemática começou com os gregos.



**Arte indígena:** O artesanato dos povos indígenas brasileiros reúne a utilidade do objeto aos conceitos matemáticos, como forma e volume. A beleza dos detalhes coloridos também é inspirada nos conceitos da geometria, trabalhando figuras planas e simetria.

» O professor Ubiratan D'Ambrosio, Doutor em Matemática e Professor Emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), considerado um dos maiores *experts* sobre o tema no mundo, dedica-se à Etnomatemática há 40 anos. “O conceito surgiu nos anos 1970 para mostrar que a Matemática não é fruto só do pensamento grego. Outros povos fizeram e fazem Matemática para comparar, ordenar, classificar”, explica. E cita *Macchu Picchu*: “Aquela civilização construiu uma cidade sem ter qualquer contato com a cultura grega. Ergueu monumentos que resistem até hoje às catástrofes naturais, utilizando, inclusive, sofisticados conceitos de geometria”.

## “A ETNOMATEMÁTICA SENSIBILIZA O ALUNO, DÁ SENTIDO À MATEMÁTICA, E ISSO GERA APRENDIZADO.”

LUIZ MÁRCIO IMENES

### A ética e o resgate da dignidade

A Etnomatemática também acolhe e amplia os conhecimentos prévios que os alunos levam para a escola. “Os meninos constroem pipas sofisticadas, antes mesmo de terem acesso aos conceitos de medidas e formas”, explica o professor Ubiratan. E acrescenta: “Os ‘nativos digitais’ também criaram uma cultura entre eles, que aprenderam na *lan house*, nos *games*, não na escola”.

É aqui que entra outra característica importante da Etnomatemática: a ética para resgatar a dignidade do ser humano. A escola, muitas vezes, acaba excluindo crianças que chegam com seus conhecimentos preconcebidos e são convencidas a deixá-los de lado. “É preciso aceitar o conhecimento do outro e, em alguns casos, mostrar que existem outras formas de pensar e agir, até mais fáceis, que a criança vai aprender por observação e conclusão, não por imposição”, comenta Ubiratan.

Quando a Etnomatemática conduz o aprendizado, os alunos começam a perceber o quanto a Matemática é importante e prazerosa.

“Jogos fazem parte de todas as culturas. Na sala de aula, alguns deles trazem à tona vários conceitos matemáticos. Certos textos também são usados com essa finalidade. O professor pode

pedir aos alunos que leiam uma matéria sobre construção civil, por exemplo, mostrando as várias etapas para erguer uma casa. Depois, na discussão do texto, emergem noções matemáticas. Assim, exploram-se práticas sociais que favorecem a construção de significados na disciplina”, explica Luiz Márcio Imenes, professor de Matemática e autor de livros didáticos.

A Etnomatemática também possibilita a integração de culturas, trazendo novas realidades ao universo dos alunos com o objetivo de potencializar a resolução de problemas. Em um de seus livros, o professor Imenes transcreve um relato do pesquisador Paulus Gerdes sobre uma prática de pescadores de Moçambique. Para defumar os peixes, eles riscam uma circunferência no terreno, usando um barbante e duas estacas amarradas em suas extremidades. Cravam uma delas no chão e mantêm o barbante esticado. Com a outra estaca desenham a curva. Depois, no centro, fazem uma fogueira e cada peixe, atravessado por uma varinha, é fixado sobre a circunferência. Desse modo, todos ficam à mesma distância da fogueira, recebendo quantidade igual de calor, sendo defumados ao mesmo tempo. “O professor pode simular essa experiência com seus alunos na quadra da escola”, propõe.

“A Etnomatemática sensibiliza o aluno, dá sentido à Matemática, e isso gera aprendizado”, conclui.

## Os professores e a Etnomatemática

Embora o tema ainda não seja muito discutido nos cursos de formação de professores, a Etnomatemática, quando adotada pelo educador, vai muito além de oferecer orientações pedagógicas à sala de aula. “A principal contribuição da Etnomatemática na formação de professores não é dar a conhecer uma lista de exemplos exóticos de manifestações de conhecimentos matemáticos, mas possibilitar a reflexão e a transformação pessoal que esse contato com a diversidade cultural pode trazer, construindo outra postura político-pedagógica diante dos saberes dos alunos e diante da própria Matemática como disciplina”, ressalta Maria Cecília Fantinato, Mestre e Doutora em Educação e Coordenadora do Grupo de Etnomatemática da Universidade Federal Fluminense.

Maria Cecília acredita que a perspectiva da Etnomatemática contribui para uma prática docente diferenciada. “O trabalho educativo na linha da Etnomatemática envolve mudanças que extrapolam os limites da sala de aula individual. Um trabalho de projetos, por exemplo, combina com esta linha, e pode envolver professores de diferentes áreas do conhecimento de uma mesma escola”, justifica.

Exemplo dessa possibilidade é a experiência da professora Cristiane Coppe de Oliveira, docente da Universidade Federal de Uberlândia, que trabalha com formação inicial de professores no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), do Governo Federal.

Em 2012, ela desenvolveu, com os bolsistas do projeto Diversidade Cultural, atividades envolvendo as culturas indígena, africana e afro-brasileira. Uma delas, que usou os conceitos da Etnomatemática, foi implementada durante a Semana da Consciência Negra



Crianças jogando mancala.

em duas escolas – uma municipal e outra estadual – de Ituiutaba, MG.

O objetivo era desmitificar que a questão do negro se resume ao período da escravidão, resgatando valores da cultura afro, tanto da África como do Brasil.

## Interdisciplinaridade a serviço do aprendizado

A primeira atividade do projeto Diversidade Cultural foi conhecer e fazer o munguzá, receita africana muito conhecida no Nordeste brasileiro e por algumas religiões de matriz africana. Antes de elaborar o prato, os alunos tiveram contato com sua origem, falaram da cultura africana, de como ela foi incorporada pelos brasileiros. Durante a confecção da receita, aplicaram conceitos matemáticos – as unidades de medidas – e de Química, aprendendo a composição dos elementos químicos e tendo contato, pela primeira vez, com a tabela periódica.

Outra atividade envolveu a reprodução da Adinkra, da nação Ashanti, de Gana, e também do povo Gyaman, da Costa do Marfim. O tecido Adinkra reúne símbolos que representam provérbios e aforismos. É uma linguagem de ideogra-

mas impressos, em padrões repetidos, sobre um tecido de algodão, que reflete um sistema de valores humanos universais: família, integridade, tolerância, harmonia e determinação, dentre outros.

A atividade gerou várias oportunidades de aprendizado. Além do resgate dos valores culturais africanos, possibilitou a análise dos conceitos matemáticos relacionados à geometria e simetria.

A terceira atividade foi jogar o Mancala, também de origem africana, provavelmente no Egito Antigo (2000 a.C.), praticado pelos povos de Suriname e Costa do Marfim, que originalmente desenhavam o tabuleiro na areia.

Para Cristiane, “a Etnomatemática é uma postura que pode ajudar o educador a aperfeiçoar sua prática. Ele se torna um professor pesquisador, que não está fechado apenas para a Matemática, porque dialoga com as Ciências Humanas”, explica. x

## PARA SABER MAIS

**Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**, de Ubiratan D’Ambrosio. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

**Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos**, Maria Cecília Fantinato (org.) Niterói: Editora da UFF, 2009.

• [www.cbem4.ufpa.br](http://www.cbem4.ufpa.br)

Para saber mais detalhes sobre o jogo **Mancala**, acesse:

• [www.jogos.antigos.nom.br/mancala.asp](http://www.jogos.antigos.nom.br/mancala.asp)





# THE TIME AND THE PLACE OF ENGLISH AT SCHOOL

A hora e a vez do inglês na escola

A globalização torna inegável a necessidade do aprendizado do Inglês que, mais que uma língua, deve ser vista como um conjunto de habilidades e competências que derruba fronteiras e abre um leque de perspectivas.

Por: **PAULO DE CAMARGO**

Pense em boas razões para que um cidadão brasileiro se torne fluente em inglês. Certamente, passarão pela sua cabeça temas como globalização, Copa do Mundo de 2014, Olimpíadas no Rio, mercado de trabalho. Tudo isso é verdade – mas são apenas a ponta do *iceberg*. Há um conjunto de fatores únicos que tornam a proficiência em língua inglesa uma condição de sobrevivência na sociedade contemporânea – e por isso a questão torna-se um desafio imediato e inescapável a ser enfrentado por todas as escolas, sejam públicas ou privadas.

A predominância do inglês como a língua internacional por excelência está além de debates

ideológicos ou preconceitos culturais. É um dado de realidade. Assim como no passado o foram o latim, o grego e o francês, hoje o inglês exerce papel hegemônico. “Cerca de 90% da produção científica mundial acontece em inglês. As atividades econômicas e as negociações se dão em inglês. O que é produzido na internet está em inglês. O poder do dinheiro e o poder do conhecimento é exercido em inglês”, resume a pesquisadora Rosinda Ramos, titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora de Inglês, formadora de docentes e editora da revista *The Specialist*, entre outras qualificações. »

» A professora não ignora o avanço da China do ponto de vista econômico, mas enfatiza que o mundo ainda fala mais o inglês. “Há mais não nativos do que nativos falando inglês no planeta”, lembra. E esse é, justamente, um dos aspectos mais marcantes que tornam o inglês uma segunda língua cada vez mais próxima do status de língua materna. “Como seres no mundo que somos hoje, deve fazer parte de nossa educação o conhecimento de mais de um idioma”, diz.

### Globalização total

É importante ter presente que globalização na sociedade contemporânea não se restringe ao comércio internacional, à facilidade de transporte e à integração de fronteiras. O advento da internet derubou qualquer noção de limite territorial do ponto de vista da cultura. “Perdemos a noção de tempo e espaço. Na hora que passamos a não ter território, precisamos começar a pensar e a ver o mundo com outros olhos. Aprender outras línguas faz parte dessa perspectiva”, explica a pesquisadora.

Para Nelson Bacic Olic, geógrafo formado pela USP, a globalização faz com que todos sejamos cidadãos do mundo e exige que se aprenda uma ou até duas línguas estrangeiras. Olic, que costuma viajar com frequência para o exterior, observa que os jovens lá fora dominam mais o inglês. No Brasil, na avaliação dele, a consciência sobre a importância começa a aumentar e com ela surgem ações efetivas. “Mas ainda estamos no início e há muita urgência”, lembra.

Ele vê a necessidade, portanto, de ações de curto prazo, com resultados rápidos, baseada na conversação em inglês. “É preciso recuperar o tempo que perdemos até agora. Para isso, o ensino de línguas talvez tenha de ser reformulado para dar conta das necessidades de médio prazo, mas também de curto prazo”, afirma.

O impacto dessa consciência sobre a educação é evidente. Mas é preciso ter presente que isso se dá em diferentes níveis. É necessário oferecer à população a oportunidade de aprender o idioma em um nível básico, que permita aos trabalhadores se



preparar para as novas condições do mercado. É o caso de funcionários do setor hoteleiro e prestadores de serviços, como táxi, preparando-se para as hordas de turistas atraídos pela Copa do Mundo e pelas Olimpíadas.

Nesse caso, já há ações em curso, como o Pronatec Copa, que compreende cursos de Formação Inicial e Continuada para quem já trabalha com turismo e também para quem pretende se profissionalizar no setor. Os cursos oferecidos estão relacionados aos processos de recepção, viagens, eventos, serviços de alimentação, bebidas, entretenimento e interação. Na implementação do programa, o Ministério do Turismo conta com algumas parcerias estratégicas, entre elas a do Senac.

Mas no âmbito da escola, o ensino deve ir além do uso instrumental. “Devemos nos propor a formar um ser do mundo, cidadão do mundo, e um cidadão crítico. Pronto para olhar o mundo e ser crítico”, resalta Rosinda Ramos.

Assim como os demais conhecimentos adquiridos na escola, o aprendizado de Inglês também precisa ser significativo, ou seja, estar ligado ao contexto do aluno, sua realidade cotidiana. Até porque muitas vezes os alunos não têm clareza sobre a importância de aprender línguas. Daí a relevância de se explorar recursos como as redes sociais, os *games* e as mídias que já fazem parte de seu universo.

“O professor precisa fazer essas negociações em sala de aula. Ora trabalha-se com os desejos, ora, com necessidades. É preciso saber combinar o que o aluno deseja com aquilo com o que o professor sabe ser necessário ensinar”, conclui.

Para Rosinda Ramos, elevar a qualidade do ensino de Inglês é um desafio muito importante a ser enfrentado pelas escolas públicas, que dependem de iniciativas governamentais. Segundo ela, é possível formar os professores nessa direção e algumas iniciativas importantes estão sendo tomadas, por exemplo, no Estado de São Paulo. “Há movimentos na direção correta, embora ainda num ritmo menor do que deveria ser”, diz.

**“É PRECISO SABER COMBINAR O QUE O ALUNO DESEJA COM AQUILO COM O QUE O PROFESSOR SABE SER NECESSÁRIO ENSINAR.”**

A PUC-SP tem parceria com a Cultura Inglesa em formação de professores para a escola pública, em um programa que já formou cerca de 10 mil professores desde 1995. São cursos de aprimoramento da língua inglesa e, ao mesmo tempo, de reflexão sobre a prática pedagógica no ensino de línguas. “Busca-se a combinação entre o domínio da língua e a reflexão para que o professor esteja apto a olhar seu local de trabalho e seja agente capaz de atuar e fazer transformação”, conclui Rosinda Ramos.

### O Inglês na sala de aula

Em todo o planeta, a consciência da importância do aprendizado de Inglês é uma realidade inescapável. Há programas governamentais em diferentes países que buscam estimular a formação de sociedades cada vez mais bilíngues, como é o caso da Colômbia, Tailândia e Chile.

Mas se esse princípio é inquestionável, o mesmo não se pode dizer dos caminhos a serem empregados – o que passa por decisões como a metodologia e os objetivos a serem atingidos.

Como mostra o estudo *English Next*, produzido pelo especialista David Graddol por encomenda do British Council, as múltiplas perspectivas do ensino do idioma podem ser agrupadas em algumas categorias. Uma das predominantes, que influenciou o ensino durante todo o século XIX e ainda é muito presente na educação, é o que Graddol chama de EFL (English Foreign Language). Nessa visão mais tradicional, o aprendiz ocupa o lugar do estrangeiro que se esforça para conviver com uma cultura diferente da sua, de uma certa forma colonialista.

Contudo, as intensas transformações que vêm caracterizando a sociedade moderna trouxeram uma reviravolta também na forma como se encara o ensino de Inglês, segundo o autor. Vivemos um conjunto de transformações sociais, culturais e tecnológicas que subvertem essa lógica. O crescimento de países como a China, Índia, Brasil, entre outros, subverte a estrutura do poder econômico global; a difusão das oportunidades de aprendizagem, com universidades cada vez mais internacionalizadas; a comunicação virtual que derruba fronteiras, as ondas migratórias, entre muitas outras mudanças, transformam também os objetivos e as maneiras de se aprender o inglês. Afinal, os usuários da língua não são mais os cativados pela cultura britânica ou norte-americana, e podem ter os objetivos mais diversos e focos voltados para diferentes faces do idioma, como a expressão oral, a leitura e a escrita.

Na sala de aula, isso abre novas perspectivas pedagógicas para os professores. O inglês se torna uma forma de expressão que se mistura às outras apren-

dizagens. Torna-se mais vivo e faz parte da vida do aluno, da realidade que vive, dos ambientes que frequenta, das mídias pelas quais se informa e se relaciona, daquilo que estuda. Isso dá lugar a formas menos padronizadas e mais abertas, que abrem espaço para a autonomia do aluno, com abordagens mais individualizadas e significativas. O professor pode lançar mão de diferentes materiais, além do livro didático: internet, filmes, vídeos e textos de diversas naturezas se transformam em materiais educativos, ligados aos interesses cotidianos dos alunos.

Por isso, é fundamental que o Inglês faça parte do projeto pedagógico da escola, diz a especialista em ensino de Inglês, Sônia Baumel Durazzo, diretora da Target Idiomas, que assessora o ensino de Inglês de diversos colégios, entre eles a Escola da Vila e o Santi, em São Paulo. Integrar o trabalho pedagógico de forma interdisciplinar, discutir as questões gerais de aprendizagem em conjunto, ter um olhar específico para o desafio do ensino do idioma – até mesmo com uma coordenação pedagógica própria – são indicações que a especialista faz para as escolas.

Nesse contexto, a intencionalidade pedagógica do ensino de Inglês em sala de aula se torna mais importante. Não se trata mais de acrescentar uma disciplina perdida no currículo escolar, como mais um conteúdo, mas sim de desenvolver um conjunto de habilidades e competências básicas para o cidadão do século XXI, como a capacidade de expressão em diferentes linguagens, entre as quais o inglês ainda ocupa um lugar especial. x





como funciona  
de máquina  
PENSAR

CONCURSO CULTURAL

Oficina de

# IDEIAS

edição  
2013

MKT • MODERNA

SEU PROJETO DE ENSINO PODE VIRAR NOTÍCIA!

## O QUE É?

Ao longo de sua trajetória de ensino, todo educador desenvolve estratégias próprias para abordar os conteúdos de forma atraente ou otimizar o programa de gestão educacional. É hora de compartilhar suas experiências com profissionais de todo o país!

## COMO PARTICIPAR?

Basta enviar suas melhores práticas de ensino para o nosso e-mail, com todas as descrições e resultados alcançados. Podem ser enviados textos e imagens.

Além do projeto ganhador, todos podem participar das próximas edições da Educatrix. Envie já o seu:

[educatrix@moderna.com.br](mailto:educatrix@moderna.com.br)

## VOCÊ NA REVISTA!

O projeto mais votado pelos editores da Educatrix participará da seção **Retrato**, na próxima edição! Além disso, os dois primeiros colocados receberão uma supercesta de grandes títulos de literatura para todas as idades.

Participe e divulgue suas experiências para todo o Brasil!



Parceria:



SALAMANDRA



OBJETIVA



MODERNA



# PROVA BRASIL: AVALIAR PARA CRESCER

Realizada desde 2005 e partindo para sua quinta edição em 2013, a Prova Brasil impõe aos educadores e gestores um novo desafio. Afinal, como preparar seus alunos para o exame? Há um conteúdo específico? E mais: como entender e utilizar os resultados da prova para a melhoria do processo educativo?

Por ILDA TRIGO

A avaliação – tarefa fundamental no processo de ensino-aprendizagem – tem ganhado cada vez mais a atenção da sociedade, principalmente em razão dos exames realizados pelos governos, dentre os quais o Enem e o Enade talvez sejam os mais conhecidos. Segundo Renato Júdice de Andrade, que foi gerente de avaliação da Avalia Educacional, empresa do Grupo Santillana, “as avaliações educacionais justificam sua importância, entre outros motivos, pela ne-

cessidade de prestação de contas à sociedade do trabalho desenvolvido com crianças e jovens”.

No que diz respeito à Prova Brasil, é preciso compreendê-la como parte de uma série de iniciativas governamentais para elevar o padrão da educação brasileira nos diferentes níveis de ensino.

Essas iniciativas são fruto do amadurecimento da discussão sobre o papel do Estado para a garantia do direito universal à educação, previsto pela Constituição de 1988. »

» Se até meados dos anos 1990 o principal objetivo dos governos era aumentar o número de matrículas na escola, percebeu-se, a partir de então, a necessidade de criar políticas públicas efetivas que visassem à melhoria da qualidade do ensino oferecido pelas escolas.

E não seria possível fazer isso sem o desenvolvimento de instrumentos de diagnóstico que dessem conta da diversidade e da pluralidade das escolas brasileiras. Em outras palavras, era necessário mapear a rede de ensino, para que depois fossem tomadas as atitudes necessárias à sua melhoria, o que inclui não só ações dos governos Federal, Estadual e Municipal – como liberação de recursos, investimentos na formação de professores, entre outras –, mas também a revisão do projeto político-pedagógico das escolas.

### Medir competências

Para Renato Júdice, a Prova Brasil é “um grande marco no cenário das avaliações educacionais brasileiras”. Isso porque ela possibilita que se tenham informações sobre o desempenho individual das escolas. “A responsabilização e o envolvimento da comunidade escolar com seus próprios resultados se tornaram muito maiores, transformando a Prova Brasil num importante instrumento para a melhoria do ensino”.

Mas esse não é o único aspecto positivo do exame. Segundo Marisa Martins Sanchez, editora executiva de Ensino Infantil e Fundamental I, ele “pode ser uma ferramenta potente para o diagnóstico da qualidade de leitura e raciocínio matemático das crianças e jovens, uma vez que permite à escola identificar quais habilidades foram conquistadas e quais constituem ainda um ponto frágil na aprendizagem”.

Esse é justamente o diferencial da prova: ela se presta a medir competências, e não a aferir conteúdos.

Obviamente, um exame com esta finalidade não poderia dar conta de todo o conteúdo escolar. Por isso, limita-se a avaliar competências consideradas básicas para o exercício da cidadania – a leitura e a resolução de problemas –, concentrando-se, portanto, nas disciplinas de Português e Matemática.

As competências e habilidades a serem avaliadas baseiam-se naquelas descritas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e pelas propostas curriculares dos Estados e de alguns municípios. Elas estão explicitadas nas matrizes de referências para cada disciplina.

**“O APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DEVERÁ SE DAR PELA APROPRIAÇÃO E PELO USO DOS BOLETINS PEDAGÓGICOS QUE INTERPRETAM A ESCALA DE PROFICIÊNCIA, E NÃO POR NÚMEROS FRIOS E VAZIOS DE SIGNIFICADO.”** RENATO JÚDICE

### Foco na leitura

A prova de Língua Portuguesa privilegia a capacidade de compreensão de textos de diferentes gêneros. O foco é a língua em uso, em suas diferentes realizações, mais ou menos formais, de acordo com as orientações dos PCNs.

A matriz de referência de Língua Portuguesa divide-se em duas dimensões: **objeto do conhecimento** (com seis tópicos) e **competência** (com 15 descritores de habilidades para o 5º ano e 21 para o 9º). No quadro a seguir, são apresentados os tópicos e os descritores a eles associados para o 5º ano.

OBJETO DO CONHECIMENTO Tópico	COMPETÊNCIA Descritor (D)
I. Procedimentos de leitura	D1, D3, D4, D6, D11
II. Implicações do suporte, do gênero e/ou enunciador na compreensão do texto	D5, D9
III. Relação entre textos	D15
IV. Coerência e coesão no processamento do texto	D2, D7, D8, D12
V. Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido	D13, D14
VI. Variação linguística	D10

### Resolvendo problemas

Assim como a prova de Língua Portuguesa, a de Matemática não avalia todos os conteúdos trabalhados pela disciplina. Concentra-se na proposição de problemas, que exigem o desenvolvimento de estratégias de resolução. Isso significa que os alunos deverão colocar em uso as habilidades desenvolvidas na escola.

A matriz de referência de Matemática está estruturada em quatro temas, que, no caso do 5º ano, subdividem-se em 28 descritores, como se vê na tabela que segue:

TEMA	DESCRITOR (D)
I. Espaço e forma	D1 a D5
II. Grandezas e medidas	D6 a D12
III. Números e operações / álgebra e funções	D13 a D26
IV. Tratamento da informação	D27 e D28

### Edição 2013

De acordo com o Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a edição de 2013 da Prova Brasil trará como novidade a introdução de questões de Ciências para o 5º e o 9º ano do Ensino Fundamental. Ainda em caráter experimental, por enquanto a avaliação de Ciências não vai interferir na nota do Ideb e será feita de forma amostral. O ministro afirmou também que as escolas serão incentivadas a realizar simulados e que o ministério disponibilizará questões para isso.



Em relação ao Ensino Médio, a ideia é que o Saeb seja substituído pelo Enem. Segundo Mercadante, essa “troca” já aconteceu na prática e será referendada pelo MEC assim que possível.

Para Marisa Sanchez, a inclusão de Ciências, além de alinhar as duas avaliações – Prova Brasil e Pisa –, pode representar um avanço no conjunto de habilidades avaliadas: da competência leitora ao raciocínio lógico-matemático, passando pelo raciocínio científico. Contudo, ela lembra que ainda enfrentamos graves dificuldades nas áreas de Leitura e Matemática.

### O que fazer com os resultados?

Se há consenso de que avaliações são fundamentais para o processo educativo, também é fato que elas só trarão o resultado esperado se os dados por elas fornecidos forem utilizados.

De acordo com Renato Júdice, “o trabalho pedagógico e de gestão das equipes escolares é que fará a diferença para transformar os números em ações de sucesso”.

No caso específico da Prova Brasil, é imprescindível que educadores e gestores não se limitem ao conhecimento da média atribuída à sua instituição de ensino. “A análise pedagógica com base na distribuição percentual de alunos em níveis da escala de proficiência é muito mais representativa da realidade da escola”, afirma Júdice.

As notas da Prova Brasil variam de zero a 500 e são apresentadas numa escala de desempenho que se divide em diferentes níveis. A cada nível, correspondem competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos.

Assim, por exemplo, médias que variem entre 125 e 150 em Língua Portuguesa pertencem ao nível 1 de proficiência. Neste nível, os alunos são capazes de localizar informações explícitas e identificar o tema de textos narrativos curtos, mas ainda não estão preparados para lidar com textos maiores ou mais complexos, tampouco conseguem fazer inferências a partir dos dados por eles apresentados.

Por sua vez, alunos com notas entre 150 e 175 pertencem ao nível 2 e já são capazes de lidar com textos maiores e com gêneros mais variados, como tirinhas, trechos de enciclopédia, poemas mais longos e prosa poética.

Há uma escala de competências para Língua Portuguesa e outra para Matemática, utilizadas tanto para o 5º quanto para o 9º ano. E é fundamental que professores e gestores se familiarizem com elas. Só assim a Prova Brasil estará cumprindo seu principal objetivo: possibilitar a reflexão sobre as ações necessárias para a melhoria do ensino em cada comunidade escolar. »

### COMO PREPARAR-SE PARA A PROVA?

Especialistas em educação e o próprio MEC são unânimes em afirmar que a preparação para a Prova Brasil deve se dar no dia a dia da prática escolar. Para Marisa Sanchez, “alunos frequentemente expostos a atividades de leitura e resolução de problemas bem preparadas e que veem nestas atividades fonte de prazer e de crescimento se sairão bem em qualquer exame”.

Além disso, é importante que toda a comunidade escolar – incluindo pais e alunos – receba esclarecimentos sobre a prova e que professores e gestores conheçam e discutam os materiais e relatórios disponibilizados pelo Inep/MEC. Renato Júdice lembra que essa é uma etapa importante da preparação para o exame e enfatiza que “a leitura e discussão dos relatórios oficiais deve ser rotina, e não um fato esporádico”.

Em relação aos simulados, eles são interessantes por familiarizar os alunos com a situação de avaliação, treinando-os, por exemplo, para preencher gabaritos. “O simulado põe à prova conhecimentos específicos e, principalmente, ensina a criança e o jovem a mobilizar recursos interiores para momentos como esse”, afirma Marisa. Logicamente, eles devem se constituir numa atividade complementar, sem perder o foco do objetivo principal: o desenvolvimento da competência leitora e matemática, que deve fazer parte da prática educativa. De acordo com Marisa Sanchez, “a escola precisa oferecer as mais variadas oportunidades de leitura de bons textos e de resolução de problemas. O estímulo diário ao desenvolvimento de habilidades específicas contribui para a obtenção de resultados mais expressivos”.

### PESQUISA

No portal do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) é possível ter acesso a todas as informações sobre a prova, incluindo as matrizes de referência, as escalas de desempenho, exemplos de questões etc.

- <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/prova-brasil-e-saeb>

» DESENVOLVENDO HABILIDADES

A seguir, apresentamos duas atividades para o 5º ano que se constituem em bons exemplos de como trabalhar as competências avaliadas em exames como a Prova Brasil. Elas foram extraídas do *Aprova Brasil*, material elaborado sob a supervisão de Marisa Martins Sanchez, que tem como principal objetivo desenvolver as habilidades avaliadas na prova, funcionando como um complemento às aulas regulares.

PORTUGUÊS

A atividade tem como base o gênero propaganda, com foco no propósito comunicativo (no caso, conscientizar o leitor sobre um problema ambiental). Boa oportunidade para explorar o uso de verbos no imperativo.

Habilidades trabalhadas:

- Identificar propósito comunicativo. (2)
- Identificar argumento persuasivo. (2)
- Identificar espaço de circulação e público-alvo. (3)
- Localizar informação explícita. (4)



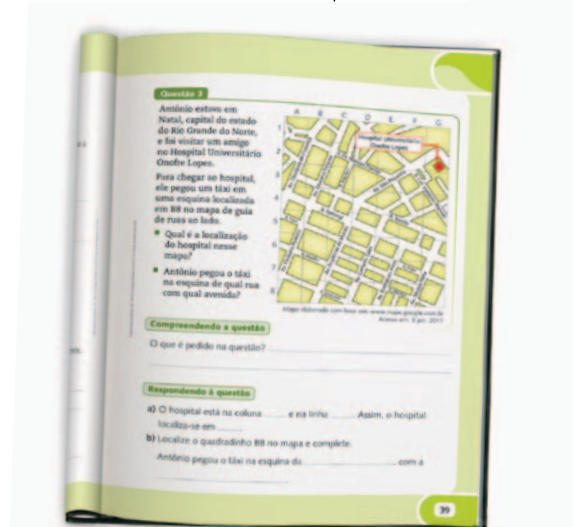
Fonte: *Aprova Brasil – Língua Portuguesa*. Ensino Fundamental I, Caderno 2, p. 75 e 76.

MATEMÁTICA

A atividade possibilita o desenvolvimento de habilidades relacionadas à orientação espacial e à comunicação de ideias matemáticas, além de ter grande importância no dia a dia. Bom momento para apresentar um guia de ruas impresso aos alunos e orientar sua utilização.

Habilidades trabalhadas:

- Localizar-se em guias de ruas.
- Ler, compreender e localizar regiões no plano, dadas as coordenadas alfanuméricas, e vice-versa.



Fonte: *Aprova Brasil – Matemática*. Ensino Fundamental I, Caderno 2, p. 39. X



# GESTOR PÚBLICO, VAMOS JUNTOS ESCREVER UMA HISTÓRIA DE SUCESSO EM SEU MUNICÍPIO.

As **Soluções Moderna**, aliadas ao trabalho e competência da equipe de educadores de seu município, irão contribuir para as melhorias de seus resultados no IDEB e nas avaliações estaduais e nacionais. Conheça nossa proposta completa:



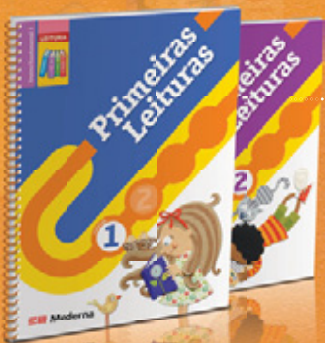
### APROVA BRASIL LÍNGUA PORTUGUESA

Auxilia no desenvolvimento da competência leitora, trabalhando as habilidades avaliadas nos exames estaduais e nacionais.



### APROVA BRASIL MATEMÁTICA

Lições contextualizadas trazem questões e avaliações que desenvolvem competências e habilidades exigidas em exames como a Prova Brasil.



### PRIMEIRAS LEITURAS

Os cadernos trazem textos com atividades elaboradas para trabalhar o conceito de fluência leitora e a compreensão de textos.



### CADERNOS DE MATEMÁTICA

Retomam os principais conteúdos desenvolvidos em sala de aula, por meio do resumo, da aplicação e da avaliação, exercitando o raciocínio lógico.



### BRINCANDO A GENTE APRENDE Alfabetização 1º ano

Materiais lúdicos que potencializam o processo de alfabetização, desenvolvendo noções espaciais, a linguagem e a criatividade.



### CADERNOS CONSUMÍVEIS

Programas de atividades com foco em Domínio da linguagem, Resolução de problemas e Tratamento da informação, aproveitando ao máximo o tempo escolar.



### COLEÇÃO LIVROS-VARIS

Um jeito divertido de ensinar e aprender para exercitar conceitos essenciais.





Painel Paz, de Candido Portinari. 1952-1956.

# EDUCAÇÃO POLÍTICA

Qualquer proposta de trabalho em relação à cidadania na escola deve proporcionar uma comunicação horizontal capaz de colocar todos em condição de igualdade. Para formar alunos críticos e participativos será preciso focar na urgência de questões da sociedade do presente.

Por: **CAUÊ CARDOSO POLLA**

Em 12 de setembro de 1969, o governo, sob a ditadura militar, promulgou o Decreto-lei nº 869, que instituía a obrigatoriedade da Educação Moral e Cívica como disciplina e prática educativa. O decreto foi revogado em 1993, ainda que a disciplina já tivesse há tempos sumido do mapa na grande maioria das escolas. Em 2012, o Senado aprovou um projeto de lei que incluí as disciplinas “Cidadania Moral e Ética”, para o Ensino Fundamental, e “Ética Social e Política”, para o Ensino Médio.

Ainda que fosse bem vista por muitos, a disciplina de Educação Moral e Cívica estava legitimada por um regime ditatorial antidemocrático, embora elencasse, paradoxalmente, como um de seus objetivos, justamente “a defesa do princípio democrático”. Outros objetivos faziam transparecer o teor nacionalista do decreto, pela preservação, fortalecimento e

projeção dos valores espirituais e éticos da nacionalidade, o culto à pátria, aos seus símbolos e tradições, bem como seu caráter conservador e moralista, que visava ao “aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade”.

As novas disciplinas propostas possuem um teor diferente. Sua finalidade é, em última instância, como diz o texto do projeto, “sedimentar o exercício de uma visão crítica dos fatos sociais e políticos que figuram, conjuntamente, na pauta prioritária da opinião pública (...) ensinando-o [o aluno] a construir seu pensamento político por sua própria consciência”. O projeto sofreu críticas do Ministério da Educação, não por seu conteúdo, mas sim por conta da impossibilidade prática de incluir novas disciplinas no calendário letivo de 200 dias proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. »

### » Elementos para a formação cidadã

Esse quadro nos leva a refletir sobre a importância da educação política nas escolas, que poderíamos chamar também de educação para a cidadania. Longe de ser um modo de doutrinação ideológico (como foi boa parte da Educação Moral e Cívica), a educação para a cidadania visa justamente fortalecer a capacidade crítica dos alunos. Para a filósofa Maria Lúcia de Arruda Aranha, esta educação não consiste numa série de lições sobre cidadania, de preceitos de comportamento adequado para o cidadão, antes, tem como objetivo “estimular a capacidade de pensar de modo autônomo; a habilidade de discutir expondo com clareza uma opinião e de ouvir o interlocutor, respeitando as discordâncias; e, em algumas situações, mudar de posição diante de argumentos mais consistentes; estimular a capacidade argumentativa, a inventividade, a curiosidade e a interatividade”.

Rogê Carnaval, professor da Escola da Vila, na cidade de São Paulo, ministra uma disciplina chamada Política e Sociedade, que tem como objetivo fomentar nos alunos uma reflexão sobre a sociedade em que vivem. Ele considera que a formação cidadã é um “processo amplo de educação que envolve todos os segmentos da escola, todas as disciplinas, em todos os níveis: não há como apartar o projeto político-pedagógico da escola do que chamamos de formação cidadã”.

Uma proposta inovadora é feita por dois pesquisadores colombianos no livro “A formação da subjetividade política: proposta e recursos para a sala de aula” (ainda sem tradução para o português). Alexander Ruiz Silva e Manuel Prada Londoño, baseados em vastíssima pesquisa teórica e prática, desenvolvem uma profunda reflexão sobre a questão da educação política, mais especificamente, daquilo que chamam *educação da subjetividade política*, que consiste “em dar ferramentas para o exercício do poder, construir pontes entre a própria vida e o contexto social, pois não se pode formar ‘o humano’ de cada um sem formar também o ético e o político que nos constituem como seres historicamente situados”. O problema do ensino da cidadania na escola reside justamente, para os pesquisadores, na ênfase dada à aprendizagem de valores cívicos – que é importante em qualquer ordenamento social –, reduzindo a atenção para a questão da formação das subjetividades políticas.

No estudo de Ruiz Silva e Londoño, são destacados cinco elementos fundamentais constituintes da formação dos alunos: a identidade, a narração, a memória, o posicionamento e a projeção. Cada um destes elementos atua em conjunto com os demais. Assim, por exemplo, o trabalho com a questão da identidade (individual e social) é atrelado à capacidade narrativa

dos alunos, isto é, com a capacidade de argumentar discursivamente sobre si e sobre os outros, bem como sobre o contexto social. Neste trabalho, são fundamentais a memória (igualmente individual e coletiva), o não esquecimento do passado (especialmente de questões problemáticas da história), do mesmo modo que o posicionamento, a capacidade de se colocar frente aos demais, atua juntamente com a projeção, isto é, a elaboração de projetos para percorrer um futuro próprio.

Mas, como lidar com esta formação cidadã ou política em sala de aula? Este é um grande desafio pois, diferentemente de um ensino tradicional, o ensino crítico deve ser capaz de abarcar uma enorme pluralidade de pontos de vista. Qualquer proposta de trabalho em relação à política deve ser capaz de gerar condições de uma comunicação horizontal, isto é, capaz de colocar todos os que participam de uma discussão, por exemplo, em pé de igualdade. Para Ruiz Silva e Londoño, “a possibilidade de levar a cabo atividades em grupo que favoreçam aprendizagens individuais e coletivas depende, em boa medida, da definição de regras claras para conduzir o debate”. Eles também elencam alguns pontos que devem ser seguidos:

- os participantes podem expressar livremente suas opiniões; todas as ideias expressadas com seriedade são suscetíveis de consideração e debate.
- deve se respeitar o direito a não opinar; nenhum participante deve ser obrigado a emitir opiniões se não se encontra disposto a participar em determinados momentos da discussão.
- toda opinião deve ser justificada.
- é aceito o ataque a ideias e argumentos, mas jamais o ataque a pessoas; é importante manter a discussão por causa da diversidade e da contradição de pontos de vista.

Como em qualquer outra prática de ensino, o professor deve se munir de instrumentos para realizar as atividades a que se propõe. Por exemplo, a leitura de uma bibliografia básica sobre o assunto a ser tratado amplia os horizontes teóricos do professor, enriquece sua capacidade argumentativa, torna mais claros os conceitos utilizados e permite uma melhor compreensão da complexidade do tema. Com a mesma finalidade, o professor pode propor uma bibliografia mínima, bem selecionada, para a leitura dos alunos, de acordo com a capacidade interpretativa deles. É imprescindível que todas as atividades sejam sempre bem preparadas, cada fase pensada e estruturada e o tempo necessário (por exemplo, para as discussões, que podem se estender indefinidamente). É desejável, também, que as atividades realizadas sejam parte de um projeto maior da escola, contando com o envolvimento

de diversos professores, se possível de diferentes disciplinas, a fim de mostrar ao aluno a importância da diversidade para uma postura crítica.

### Subjetividade política na sala de aula

Um atividade riquíssima que se pode utilizar é o trabalho com os dilemas morais. Nesta atividade, são propostas as mais diversas situações, geralmente de caráter problemático e conflituoso, diante das quais os alunos devem se posicionar. Como não existem respostas corretas ou incorretas, eles se veem obrigados a buscar argumentos, os quais devem ser bem expressados, para que se faça entender, sempre acompanhado de justificativa. Como exemplo, podemos pensar na seguinte situação: uma pessoa presencia um roubo, o qual deve ser reportado à polícia. Ocorre que o roubo foi cometido por um parente da testemunha. A partir desta situação podem ser levantadas inúmeras questões: a testemunha deve delatar o seu parente? A obediência à lei é mais forte do que a obediência aos laços familiares? Se a polícia perguntar à testemunha o que viu, e ela mentir, isto é correto? O importante, nestas atividades, é justamente o enfrentamento dos alunos com opiniões contrárias. Alguns podem pensar que não há mal em mentir se o assaltante for um irmão, outros podem relativizar essa afirmação, e assim as respostas pré-concebidas entram em choque e são desconstruídas.

Outros modos de trabalhar a formação cidadã são possíveis, como a utilização de músicas, filmes e literatura. Quanto à literatura, por exemplo, há diferentes formas de abordagem, desde exercícios de leitura para aprofundar a capacidade interpretativa dos alunos, até leitura de obras clássicas nas quais há uma personagem ou situações que forcem o aluno a refletir sobre sua situação; por exemplo, quando é levado a comparar a realidade contida no texto e a sua própria. A literatura é um forte aliado para despertar aquilo que Maria Lúcia de Arruda Aranha, chama de *capacidade de simpatizar*. Ao lado da educação da razão é preciso que haja uma *“educação do sentimento: é preciso que sejamos capazes de reconhecer a dor, o sofrimento, a humilhação não só daqueles que nos cercam, mas de qualquer ser humano, é tornar possível uma convivência mais humanizada”*.

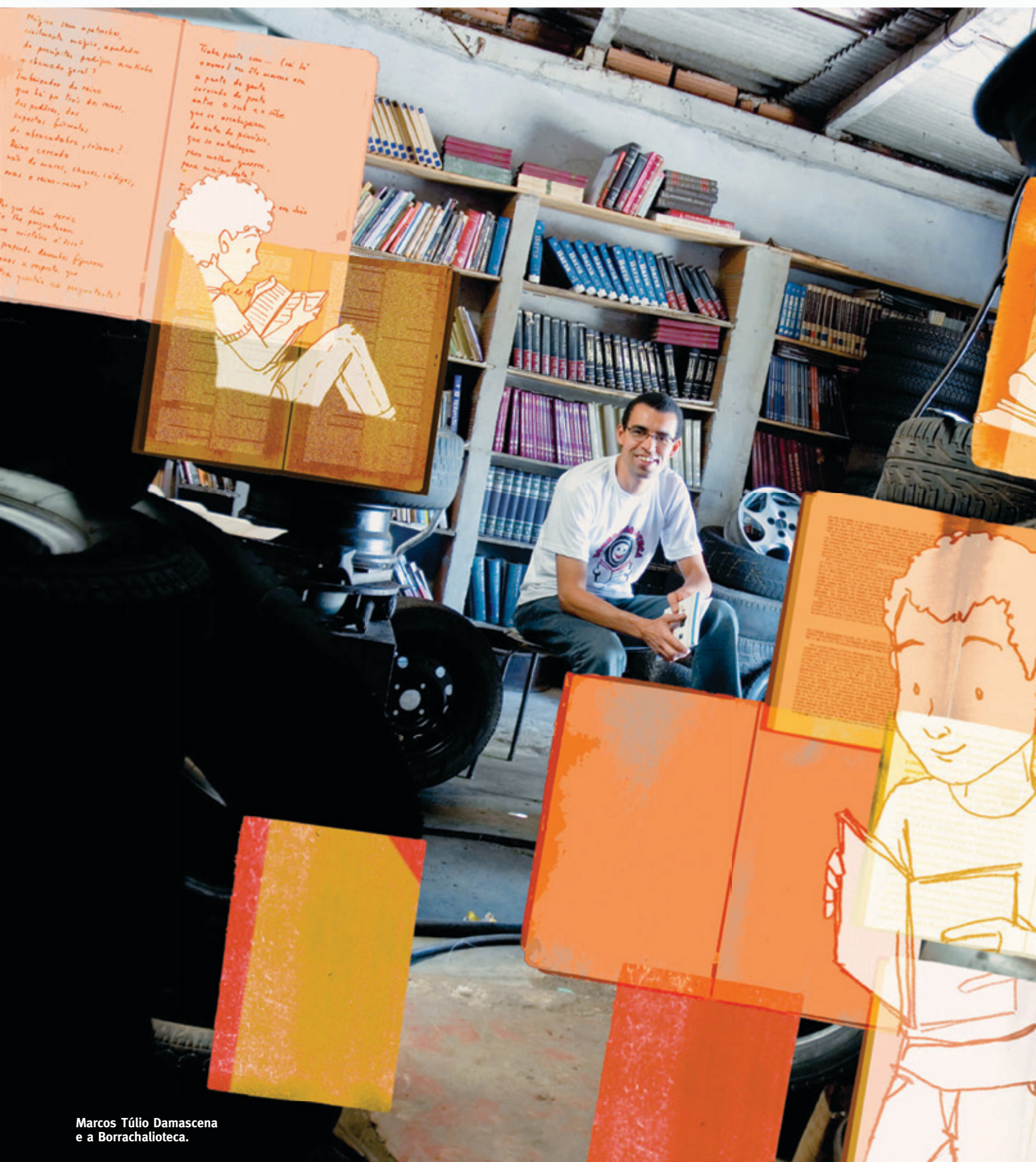
Contudo, para além destes recursos, é possível também se utilizar das matérias tradicionalmente trabalhadas em sala de aula para instigar os alunos a refletirem criticamente sobre seu entorno. Em uma aula de Matemática, na qual se esteja ensinando estatística, é possível utilizar esse aprendizado para uma leitura de gráficos ou índices, por exemplo, do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), ampliando a compreensão do aluno. Em conjunto com a disciplina de Geografia, os estudantes podem pesquisar as razões para que tal

## “NO TRABALHO COM AS QUESTÕES DE CIDADANIA É FUNDAMENTAL O COMPROMETIMENTO DA ESCOLA E DOS PROFESSORES PARA UM TRABALHO TRANSVERSAL QUE PROPICIE AO ALUNO UMA COMPREENSÃO ABRANGENTE DA REALIDADE.”

ou qual país apresente determinado índice, e também com a disciplina de História, descobrir qual trajetória histórica percorreu este país até apresentar o quadro social, econômico e cultural hoje estabelecido.

E a política, aquela que é feita pelos políticos no governo, a política governamental – e por que não dizer – “prática”? Ela também pode ser tema de aulas e despertar o interesse dos alunos, justamente por seu lado mais prático. Lia Zatz, no livro *“Fazer política para quê?”* (Editora Moderna), enfatiza que é fundamental que os alunos compreendam o que é a política e como ela funciona para desfazer alguns lugares-comuns, como “política é só corrupção”, “todos os políticos são iguais”, “a política nunca muda”, “todo mundo vota certo, é o político que se corrompe depois de eleito”. É preciso fazer com que os alunos percebam como ela é necessária para a solução dos conflitos que existem nas sociedades e que afetam a todos. Conhecer a estrutura básica do governo, o que é e para que serve a constituição, a divisão dos três poderes, como são feitas e como funcionam as leis, qual a relevância das eleições. E mesmo esses assuntos podem ser trabalhados nas disciplinas tradicionais, como em Língua Portuguesa, História e Geografia, por exemplo.

Dessa forma, pensar a educação para a cidadania, hoje em dia, é tarefa cada vez mais necessária, repleta de dificuldades e desafios. Certamente, a formação cidadã é uma tarefa que se inicia na família e se expande para toda a sociedade, mas é no ambiente escolar que se pode trabalhar de modo mais livre em prol de uma educação crítica. A escola é – ou deveria ser – o lugar da desconstrução dos lugares-comuns, dos estereótipos, da reflexão sobre o mundo. Seja utilizando conteúdos tradicionais, trabalhados sob uma perspectiva crítica, seja utilizando atividades e conteúdos já direcionados para a formação cidadã, é na escola que podemos fortalecer o pensamento crítico. É possível, no trabalho com crianças e jovens, visualizar mais possibilidades para o futuro. E também um futuro promissor. x



Marcos Túlio Damascena e a Borrachalioteca.

# BIBLIOTECAS E ESPAÇOS ALTERNATIVOS: O PODER DE QUEBRAR BARREIRAS

Já é senso comum que o hábito de ler colabora essencialmente no desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo, ajudando-o a construir sua autonomia. O que preocupa é saber que apenas a metade da população brasileira, quase 90 milhões de cidadãos, pode ser considerada leitora.

Por **MARIÂNGELA DE ALMEIDA**

O dilema começa na escola. Segundo a Prova ABC 2011 (Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização), apenas 48,6% dos alunos de 3º ano do Ensino Médio da rede pública alcançaram os níveis de leitura esperados para esse período. A performance melhora se o estudante contar com uma biblioteca. Pelo menos é o que mostrou o resultado do Saeb de 2003 (Sistema de Avaliação da Educação Básica), indicando proficiência de 168 pontos quando até 25% dos educandos da escola fazem uso da biblioteca e 181 pontos para escolas onde mais de 75% dos estudantes utilizam a biblioteca regularmente.

Para ajudar a combater esse *déficit* de aprendizagem, até 2020 espera-se que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, possuam uma biblioteca. É o que determina a Lei 12.244/10, de março de 2010.

Enquanto isso, a sociedade tem criado alternativas para vencer os limites entre o livro e o leitor. Os protagonistas das iniciativas são apaixonados pela leitura e conscientes de sua importância. Por isso, viabilizam o acesso de pessoas e comunidades distantes às muitas portas que se abrem a partir das páginas de um livro. »

» **Navegar é preciso**

*Nas águas do Amazonas, o direito de ler, brincar e aprender!*

Elaine Elamid não é marinheira, mas “pilota” um barco diferente. Desde 2004, a advogada coordena um projeto de leitura na Amazônia. Em 2011, ela e a voluntária Suzane Oliveira criaram o *Barco Ler para Crescer*, realizando um trabalho junto às crianças das comunidades ribeirinhas.

A dinâmica é assim: durante um fim de semana, uma equipe de quinze voluntários atende cerca de cinco comunidades, envolvendo mais de 250 crianças. Só em 2012 foram três expedições.

O barco leva um baú com cerca de 200 livros e histórias contadas a partir de atividades. Geralmente, elas acontecem no salão da igreja, de uma associação ou mesmo embaixo das árvores. Mas, na época das cheias, é o povo que vai ao barco, onde participa de rodas de leitura, contação de histórias e muita música.

Na última viagem de 2012, por exemplo, o barco levou uma peça de teatro, baseada em uma obra que fala do Curupira e da importância do meio ambiente. As crianças assumiram as personagens da narrativa e, depois da apre-

sentação, um tapete de livros foi estendido na comunidade. Era o

momento em que os voluntários – estudantes universitários de diversas áreas – liam para os pequenos. Antes da despedida, um lanche reuniu todo mundo para falar o que descobriram nessa viagem.

“É um momento especial também para os voluntários. Um momento de doação total ao outro, de viver uma experiência de grupo muito forte, de dormir na rede e de desfrutar a alegria das crianças”, conclui Elaine, uma marinheira de muitas viagens.

Saiba mais: [www.institutolerparacrescer.org](http://www.institutolerparacrescer.org)

**Era uma vez... uma Borrachaloteca**

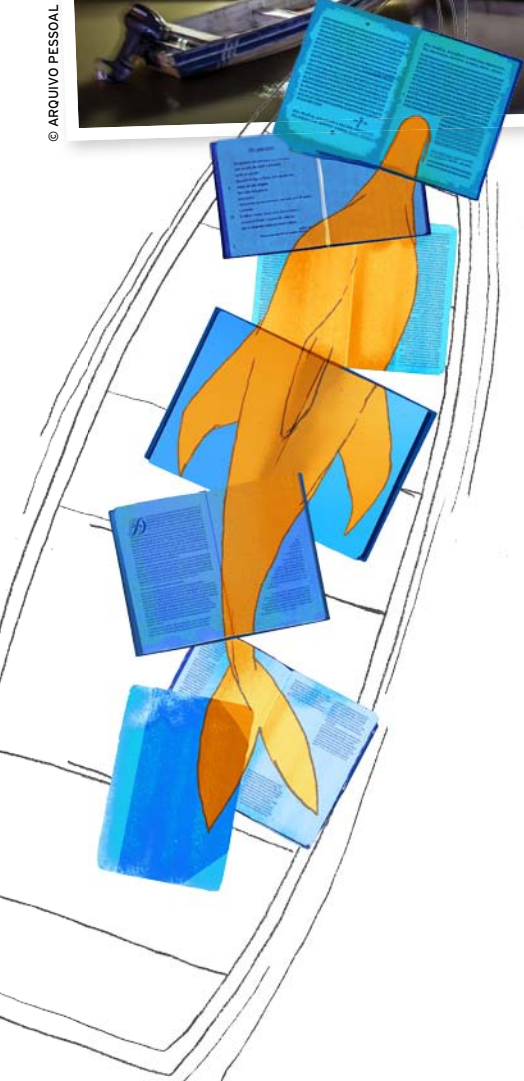
*Um lugar rodeado de pneus e parafusos onde a leitura transforma pessoas.*

Marcos Túlio Damascena tinha 21 anos quando foi trabalhar na borracharia de seu pai. Ele começou a perceber que muita gente ia até lá só para ler o jornal. Então, resolveu levar alguns livros, disponibilizando-os aos usuários da borracharia.

A aceitação foi tamanha que Marcos resolveu montar uma biblioteca no local e, em 2002, na cidade de Sabará, MG, foi criada a *Borrachaloteca*. Em 2007, a iniciativa recebeu o Prêmio Viva Leitura, que faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Hoje, a *Borrachaloteca* tem três filiais em Sabará. A primeira, com 5 mil títulos, leva o nome do cartunista mineiro Son Salvador, que apoia a iniciativa. A segunda, uma biblioteca infantil e uma cordelteca, fica na Casa das Artes, com acervo de 2 mil títulos, homenageando Olegário Alfredo, um artista de cordel. É a primeira biblioteca do gênero em toda a região metropolitana de Belo Horizonte. A terceira é

© ARQUIVO PESSOAL



o Espaço *Libertação pela Leitura*, no presídio de Sabará.

“Não tem burocracia. A pessoa pega o livro, leva pra casa sem prazo para devolução ou fichas cheias de dados para preencher. Ela sabe de sua responsabilidade e retorna, trazendo o livro, levando outro, sem qualquer problema. Também repassa a outras pessoas, antes de devolvê-lo”, explica Marcos.

Uma das ações da *Borrachalioteca* é o grupo Arautos da Poesia que, desde 2009, reúne meninos e meninas de 4 a 16 anos para debater textos, falar dos autores e declamar as obras, apresentando-se em eventos da cidade.

Saiba mais: [borrachalioteca.blogspot.com.br](http://borrachalioteca.blogspot.com.br)

### No lombo do jegue e nos trilhos do trem

*A leitura vence fronteiras, no lombo do jegue ou nos trilhos do trem, porque livros são pontes.*

Em uma cidade do interior do Maranhão, chamada Alto Alegre do Pindaré, os jegues existem aos montes. Ali, muitos deles são mais do que animais de carga ou tração, carregando no lombo livros dos mais diversos gêneros, acomodados nos jacás, um tipo de cesto feito de bambu, para serem oferecidos aos povoados mais distantes.

Quem teve a ideia de criá-los, em 2005, foi a professora Alda Beraldo, ao perceber o alto índice de analfabetismo da população e a falta de intimidade com a leitura dos profissionais da educação e dos pais dos alunos.

A cada mês, um grupo de jovens voluntários vai de casa em casa e convida a população para momentos de leitura, na rua, nas praças ou embaixo das árvores. As atividades são realizadas de acordo com o grupo. Podem ser leituras individuais, coletivas e também contação de histórias.

Como uma boa ideia leva a outra, o projeto foi ampliado com novas iniciativas. Uma delas é chamada *Nos Trilhos da Leitura*. Também com jovens voluntários à frente da ação, os livros chegam à estação de trem da cidade. Ali, os usuários são convidados a viajar além dos trilhos, nas páginas de obras diversificadas, apresentadas em rodas de leitura aos que vão e aos que chegam à plataforma.

Ronivania Sousa, coordenadora dos projetos, conta que, além de combater o analfabetismo da população, a iniciativa propicia uma oportunidade única aos voluntários, alunos do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio: “Eles estão mais abertos, mais expressivos. Gostam de todo o tipo de literatura, ampliando o conhecimento. Leem e discutem as obras de Manuel Bandeira, de Assis...”, revela.

Saiba mais: [altoalegredopindare.blogspot.com.br](http://altoalegredopindare.blogspot.com.br) »



© ARQUIVO PESSOAL



OS PROTAGONISTAS DESSAS INICIATIVAS SÃO APAIXONADOS PELA LEITURA E CONSCIENTES DE SUA IMPORTÂNCIA. POR ISSO, VIABILIZAM O ACESSO DE PESSOAS E COMUNIDADES DISTANTES ÀS MUITAS PORTAS QUE SE ABREM A PARTIR DAS PÁGINAS DE UM LIVRO.

» **A melhor história da melhor idade**

*A vida pode ser um conto de fadas, unindo os sonhos de muitas gerações.*

Roseli Bassi começou um trabalho voluntário no Hospital Federal do Paraná, em 2005, dando cursos de formação para contadores de histórias.

O dia a dia mostrou à Roseli a difícil realidade dos idosos e, por isso, ela fundou a ONG História Viva e o *Projeto História Viva Ouvir e Contar*, finalista do Prêmio Viva Leitura de 2012.

Seu objetivo é formar novos leitores. Para isso, valoriza a sabedoria das pessoas da terceira idade e utiliza-a na construção de pontes entre as gerações, trazendo à educação atual histórias repletas de valores.

E como acontece esse trabalho? Os idosos podem contar episódios de suas vidas, depois ouvem essas mesmas histórias transformadas em contos de fadas. Nas casas de apoio a crianças com câncer, meninos e meninas escutam as histórias encantadas dos idosos e fazem desenhos para ilustrá-las.

Quem escuta as histórias são pacientes internados nos hospitais, idosos abrigados, crianças em lares de acolhimento, crianças em tratamento contra o câncer, familiares dos doentes e os profissionais que atuam com esses públicos. A cada mês, cerca de 1.350 pessoas sentem-se acolhidas e valorizadas pela iniciativa.

“Lembro-me do brilho nos olhos de um idoso oriental que falou que em sua infância sonhava ser um samurai. Fizemos uma história com esse sonho, e a arte que ele recebeu da criança resumia-se a uma frase: ‘para mim o senhor será para sempre um grande samurai’”, conta Roseli.

Saiba mais: [www.historiaviva.org.br](http://www.historiaviva.org.br)

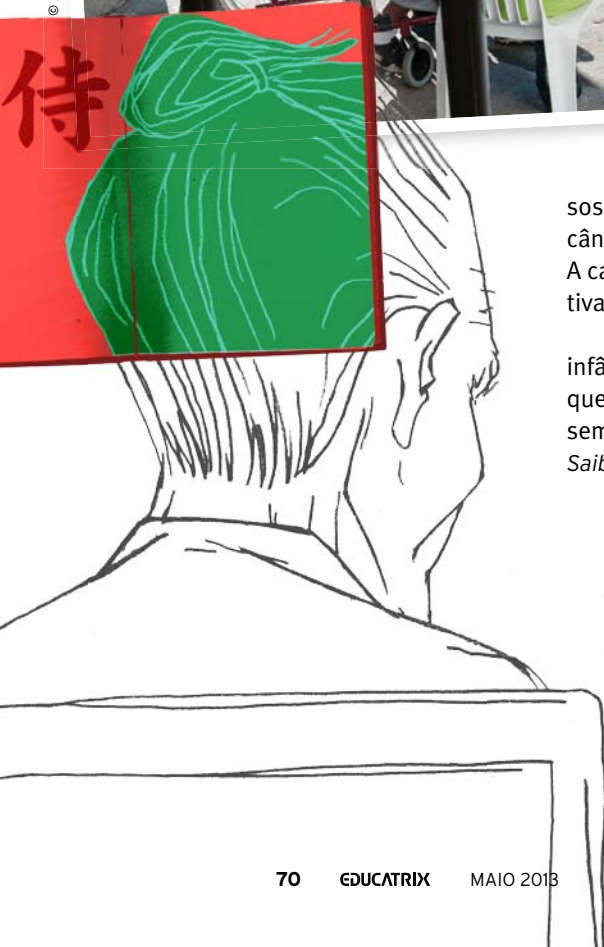
**O homem da mala**

*A melhor bagagem é a imaginação, que viaja pelo mundo, vencendo espaço e tempo.*

A mala é azul, cheia de livros, mas cada um em um formato: de caixa, com dobras, com brilhos, pequenos e grandes. A mala é do brasileiro Maurício Corrêa Leite, que nasceu em Cuiabá, MT, e virou contador de histórias com seu *Projeto Mala de Leitura*, percorrendo as regiões mais afastadas



© ARQUIVO PESSOAL



do país, como as aldeias indígenas do Mato Grosso e do Amazonas, e, também, exportando a sua arte de encantar para outros países de língua portuguesa.

Maurício tem um jeito peculiar de contar histórias e, segundo ele, faz isso desde criança. Em 2012, foi finalista do Prêmio Viva Leitura, viabilizando à cidade de Luziânia, GO, o resgate de uma história de riquezas da extração do ouro, com construções do século XVII.

O projeto propõe a formação continuada dos professores e agentes de leitura por meio de cursos, oficinas e palestras, também para técnicos da Biblioteca Municipal.

Uma van cheia de livros, na porta da biblioteca, amplia as opções de títulos, assim como o Corredor de Leitura, na sede da Secretaria Municipal de Educação, que disponibiliza várias obras aos filhos dos funcionários.

Maurício quer mostrar que sempre é possível formar leitores. E quando cumpre mais uma missão, ele canta animado: “Vitória, vitória... acabou a história!”.

## Nos pedais, a leitura

*A vai-e-vem dos livros para os que fazem das ruas a sua sala de leitura.*

*Bicicloteca* é o nome das bicicletas carregadas de livros que percorrem as ruas do centro da cidade de São Paulo. No baú, muitas histórias, romances e os gêneros prediletos do público-alvo, os sem-teto: obras de autoajuda, psicologia, direito e ficção.

A ideia foi de Robson Mendonça, um ex-morador de rua, que sentiu na pele a falta que a literatura faz na vida das pessoas.

Em parceria com a ONG Instituto Mobilidade Verde, Robson começou a pedalar a primeira *Bicicloteca* em maio de 2011. Hoje, são três veículos e, até o final deste ano, serão sete. Todos doados por empresas ou instituições que abraçam a causa.

No livro de retiradas estão registrados 248 mil empréstimos até hoje. Não tem período determinado para as devoluções. Todos sabem que os livros são importantes, por isso cuidam deles.

Além de um acervo variado, o projeto realiza contação de histórias e teatro, interagindo com a população.

“Mais do que incentivar a leitura, as *Biciclotecas* ajudam na inserção social e profissional desse público. Temos o caso de três indivíduos, alcoólicos, que resistiam ao tratamento. Com a *Bicicloteca*, passaram a ler mais e a perceber a importância de se cuidarem. Hoje, eles estão fora das ruas e empregados”, conta Robson, grande vitorioso nesta história.

Saiba mais: [www.bicicloteca.com.br](http://www.bicicloteca.com.br) x



© ARQUIVO PESSOAL



LANÇAMENTO



# Expedições geográficas

Melhem Adas • Sergio Adas

Para que o aluno seja capaz de se posicionar criticamente, discutindo e propondo soluções voltadas à cidadania, a coleção o convida a uma participação ativa na construção do saber, estimulando-o a desvendar as dinâmicas do espaço geográfico e as relações entre natureza e sociedade.

Cada unidade simula uma viagem pelo conhecimento, com diferentes percursos, encontros e estações.



# UM CONVITE PARA UMA VIAGEM INESQUECÍVEL PELO MUNDO DO CONHECIMENTO!



**CÓDIGO DA COLEÇÃO  
27367COL05**



**38 objetos multimídia  
e mais de 40 atividades  
especiais no site.**

**Atividades diversificadas  
exercitam técnicas de  
estudo e pesquisa.**



**Forte trabalho  
interdisciplinar.**

**Conexão  
com atitudes  
e valores.**

**Mais de 30 infográficos  
despertam o interesse  
dos alunos.**

**Desenvolvimento  
de habilidades e  
competências essenciais.**

Ensino Fundamental II  
**PNLD 2014**

 **Moderna**

# GEOGRAFIA



# MEGAEVENTOS FUTEBOLÍSTICOS

**BOLA NO PÉ, PAIXÃO NO CORAÇÃO  
E BOAS IDEIAS NA CABEÇA**

Para além do entretenimento e do desfile de seleções e craques, os megaeventos futebolísticos são assunto de cidadania e merecem um olhar cuidadoso dos professores, abrindo ótimas oportunidades para projetos interdisciplinares associados aos temas transversais.

Por **SÉRGIO ADAS<sup>1</sup>** e **MELHEM ADAS<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP).

<sup>2</sup> Professor e autor de obras didáticas e paradidáticas de Geografia.



## Introdução

O fato de o Brasil sediar a Copa das Confederações da FIFA 2013 e, num futuro próximo, a Copa do Mundo de Futebol de 2014, naturalmente atrai a atenção dos estudantes. E não é para menos, pois, como sabemos, o futebol possui um poder simbólico muito forte na cultura brasileira, influenciando, desde cedo, a socialização e a formação de crianças e jovens.

Mas, como outros megaeventos esportivos realizados em outros países, para além dos ganhos sociais e econômicos, da euforia e do espetáculo, sempre existem conflitos e problemas socioambientais associados. Nas Olimpíadas de Pequim 2008 (China) e Londres 2012 (Reino Unido),

ou na Copa do Mundo FIFA 2010 (África do Sul), como também nos preparativos dos megaeventos futebolísticos no Brasil, em nome da criação e difusão de uma imagem de modernidade e eficiência das cidades-sede dos eventos, as pessoas pobres e sem-teto, por exemplo, são tratadas de forma semelhante: “escondidas” ou camufladas por meio de desapropriações de moradias, são remanejadas para dar lugar a grandes projetos arquitetônicos ou obras de infraestrutura viária.

Nas aulas de Geografia, abordar esse aspecto e tantos outros relacionados é, sem dúvida, uma boa oportunidade para desenvolver a crítica e a cidadania junto aos alunos, de modo a ir além do que a mídia noticia sobre fatos e imagens consagrados, porém parciais e tendenciosos da realidade.

No infográfico a seguir, sugerimos um plano de trabalho com foco dirigido a conteúdos e temas para as aulas de Geografia, mas que não exclui e mesmo convida, conforme indicado em suas etapas, a participação de professores de outras disciplinas, o que poderá contribuir para a articulação de um trabalho interdisciplinar associado a temas transversais.

## Desenvolvimento

O plano de aulas a seguir mapeia algumas possibilidades de trabalho sobre a Copa das Confederações da FIFA 2013. A depender do planejamento prévio das atividades escolares, da parte dos professores poderá ser desenvolvido ao menos de três maneiras: 1) unicamente pelo professor de Geografia; 2) conjuntamente por ele e professores de outras disciplinas; 3) por cada professor ou todos em conjunto, que poderão adaptar a presente proposta, atribuindo-se, por exemplo, uma ou mais aulas para um ou mais temas sugeridos.

Da parte dos alunos, após a realização do plano de aulas, é essencial não perder de vista a apresentação e socialização dos resultados, podendo-se organizar essa atividade por meio de grupos de trabalho distribuídos do 6º ao 9º anos.

**Tempo estimado: seis a doze aulas.**

### Materiais necessários:

- 1) textos de livros, revistas, jornais e de *sites* selecionados na internet.
- 2) computadores com acesso à internet.
- 3) documentários e filmes sobre megaeventos futebolísticos e cidades brasileiras.
- 4) Programa *Google Earth*.
- 5) Simulador de construção *Minecraft*.

## SITES RECOMENDADOS

### ESTADÃO.COM.BR

<http://topicos.estadao.com.br/copa-das-confederacoes>

### FIFA

<http://pt.fifa.com/confederationscup>

### Portal da Copa

<http://copa2014.gov.br>

### Portal Popular da Copa e das Olimpíadas

<http://portalpopulardacopa.org.br>

### Associação Brasileira de Organizações não Governamentais (Abong)

<http://abong.org.br/noticias.php?id=3870>



AULA

1

### FORTE NOVA

- ESTÁDIO: Otávio Mangabeira
- CIDADE: Salvador (BA)
- CAPACIDADE: 48.747 pessoas
- STATUS: Pronto

**Professor de Geografia:** Trabalhe os conceitos e as noções de rede urbana, categorias e funções urbanas e hierarquia urbana, introduzindo-os com base na realidade espacial vivida pelos alunos. Indique a localidade na rede urbana a que pertence e em que categoria ela faz parte, utilizando-se do mapa regional e nacional. Particularizando o caso de Salvador, considerada uma metrópole, trabalhe outros conceitos, como conurbação e regiões metropolitanas, importantes para mostrar a grande dinâmica urbana em nosso país. O mesmo pode ser realizado para as demais cidades-sede da Copa das Confederações da FIFA 2013, inclusive utilizando-se do programa *Google Earth*.

**Interdisciplinaridade:** Na aula de História pode-se trabalhar Salvador como primeira capital do Brasil e o mosaico de etnias, culturas, credos e sabores que remontam às raízes portuguesas, indígenas e africanas, o que também se reflete em suas manifestações artísticas e culturais e no patrimônio arquitetônico, fatores de atração turística.

TEMAS TRANSVERSAIS:  
PLURALIDADE CULTURAL.



AULA

2

### CASTELÃO

- ESTÁDIO: Governador Plácido Castelo
- CIDADE: Fortaleza (CE)
- CAPACIDADE: 64.845 pessoas
- STATUS: Pronto

**Professor de Geografia:** Vários empreendimentos estão sendo realizados em Fortaleza, financiados pelo Governo Federal ou com recursos estaduais e locais. Após contextualizar as obras de reforma e ampliação do terminal de passageiros do aeroporto, os investimentos no Porto de Mucuripe e na rede hoteleira, sugerimos classificar e explicar para os alunos as obras de mobilidade urbana em curso na cidade - *Bus Rapid Transit (BRTs)*, Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e metrô. Analisando o custo das obras, a quantidade estimada de passageiros beneficiados durante e após os eventos, os bairros e famílias afetados, indague os alunos se elas realmente favorecem as áreas de maior demanda ou se os investimentos estão abrindo novas frentes imobiliárias e privilegiando corredores de transportes voltados a determinadas parcelas já favorecidas da população. Apresente e discuta as principais críticas e seus argumentos, como a que aponta o desperdício dos recursos públicos que poderiam ser direcionados para atender necessidades da população (*déficit* habitacional, moradias urbanas destituídas das condições mínimas de habitabilidade, precariedade dos sistemas de saúde e educação pública).

**Interdisciplinaridade:** Em uma ou mais aulas de Artes, os alunos poderão ser orientados a confeccionar maquetes, recriando a arquitetura dos estádios e/ou os espaços urbanos modificados pelas obras de infraestrutura. Pode-se utilizar também o simulador de construção *Minecraft* para estimular a criatividade dos alunos, orientando-os a propor mudanças virtuais nas obras em curso.

TEMAS TRANSVERSAIS:  
ÉTICA, TRABALHO E CONSUMO.



AULA

3

### MINEIRÃO

- ESTÁDIO: Arena Governador Magalhães Pinto
- CIDADE: Belo Horizonte (MG)
- CAPACIDADE: 62.447 pessoas
- STATUS: Pronto

**Professor de Geografia:** Desenvolva os conceitos e as noções de espaço geográfico, trabalho, consumo e lazer. Diante das informações do texto a seguir, proponha, por meio de uma discussão oral e um posterior texto individual ou em grupo, uma reflexão sobre a infinidade de relações que o ser humano estabelece nos espaços geográficos.

“Inaugurado em final de 2012, o novo Mineirão empregou, em momentos de pico de sua reforma, cerca de 3 mil trabalhadores. Para o seu funcionamento e a sua manutenção, prevê-se um grande contingente de pessoas que será envolvido nas diversas atividades que o estádio proporcionará, não somente com os jogos, mas com *shows* musicais e atividades de lazer, cultura, entre outras. Além de abrigar um estacionamento com 2.925 vagas, possui uma área comercial de mais de 7,5 mil m<sup>2</sup>, possibilitando até 47 lojas, e mais 58 bares e lanchonetes espalhados por outros setores do estádio. Do lado externo, foi construída uma esplanada com 80 mil m<sup>2</sup> com capacidade para 65 mil pessoas, planejada para ser um espaço de convívio social e abrigar diversos eventos”. (Texto elaborado com base em: PORTAL DA COPA. “100 dias para as Confederações: Mineirão em fase de ajustes finais”. Disponível em: <www.copa2014.gov.br>. Acesso em: 4 abr. 2013).

**Interdisciplinaridade:** Nas aulas de Matemática, podem ser propostos vários cálculos com os números que aparecem no texto ou outros relacionados aos demais estádios, trabalhando-se com estimativas sobre a ocupação da esplanada do estádio, efetuando-se o cálculo de proporções e porcentagens de áreas ocupadas pelos veículos no estacionamento, do número de funcionários que trabalharão nos eventos etc.

TEMAS TRANSVERSAIS:  
TRABALHO E CONSUMO.

BOLA NO PÉ,

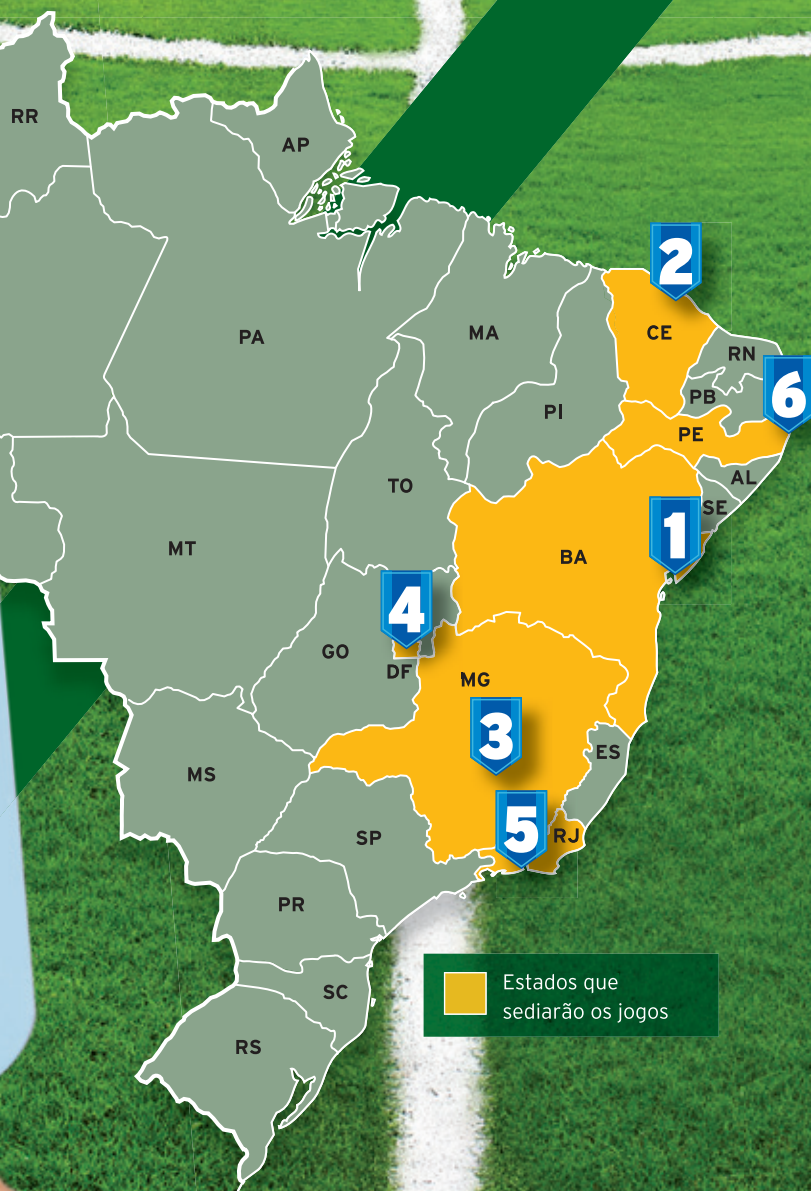
PAIXÃO NO CORAÇÃO,

E BOAS IDEIAS NA CABEÇA.

### TEMAS

- CIDADES-SEDE, TURISMO E PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS
- INFRAESTRUTURA (ESTÁDIOS, AEROPORTOS, PORTOS, REDE HOTELEIRA E MOBILIDADE URBANA)
- TRABALHO, GERAÇÃO DE EMPREGOS, CONSUMO E LAZER
- SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL
- DIREITO À MORADIA, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, DIREITOS HUMANOS, REVITALIZAÇÃO URBANA E DIVERSIDADE CULTURAL
- GLOBALIZAÇÃO, CULTURA E CONSUMO

## COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2013



Estados que sediarão os jogos

ME/Portal da Copa/Febrero de 2013



### AULA 4 MANÉ GARRINCHA

- ESTÁDIO: Nacional Mané Garrincha
- CIDADE: Brasília (DF)
- CAPACIDADE: 70.064 pessoas
- STATUS: Em reconstrução

**Professor de Geografia:** Por meio de aula expositiva dialogada, construa um quadro sinóptico com os alunos sobre iniciativas na construção desse estádio voltadas para a obtenção do Selo Ambiental (*Certificação Leed - Leadership in Energy and Environmental Design* - criada pela ONG U.S. Green Building Council e concedida a construções sustentáveis e ambientalmente eficientes). Entre os itens avaliados, incluem-se: consumo de energia, reaproveitamento de água, uso de materiais certificados ou reciclados na construção e no mobiliário, localização do empreendimento e baixa produção de resíduos. Em seguida, contextualize essas iniciativas em relação às discussões e políticas internacionais sobre meio ambiente e, caso disponha de tempo hábil, leve os alunos a refletir sobre o discurso “verde” que, em muitos casos, desconsidera os impactos causados pelas obras e as violações à legislação.

**Interdisciplinaridade:** De modo articulado, cada qual em sua especificidade, Ciências e Matemática podem explorar com os alunos alternativas de construção que favorecem a sustentabilidade ambiental nos estádios, como: a) a tecnologia das lâmpadas LED, que, ao substituírem as normais, permitem economizar e otimizar a iluminação de algumas áreas do estádio; b) a captação e armazenamento da água da chuva por meio de quatro cisternas para fins de uso nos vasos sanitários, mictórios, irrigação do gramado e lavagem em geral (o professor de Matemática, por exemplo, poderá abordar a capacidade em metros cúbicos das cisternas para armazenar a água, o equivalente a duas piscinas semiolímpicas); c) a cobertura do estádio, com membrana autolimpante, que ao entrar em contato com o sol permite reações químicas que retiram da atmosfera gases poluentes produzidos por veículos e outras fontes.

**TEMAS TRANSVERSAIS:**  
ÉTICA, MEIO AMBIENTE, TRABALHO E CONSUMO.

Divulgação



### AULA 5 MARACANÃ

- ESTÁDIO: Mário Filho
- CIDADE: Rio de Janeiro (RJ)
- CAPACIDADE: 78.639 pessoas
- STATUS: Em reforma

**Professor de Geografia:** Em nome da realização de grandes projetos urbanos para os jogos, no Rio de Janeiro o Direito à Moradia vem sendo violado por meio da remoção anunciada ou efetiva de comunidades localizadas em regiões antes desvalorizadas pelo mercado imobiliário, mas que hoje, valorizadas, são alvo de seus agentes. Discuta com os alunos que a remoção não reconhece o direito de posse, assegurado pela *Constituição Federal de 1988*, pelo *Estatuto da Cidade* (Lei federal 10.257/2001) e por diversas leis estaduais e municipais, além de ser reconhecido por pactos internacionais assinados pelo Brasil. Nesse contexto, discuta os movimentos sociais urbanos e quais as causas defendidas por eles diante das intervenções urbanísticas dos megaeventos, aproveitando para explicar conceitos como cidade formal, cidade informal e segregação socioespacial no espaço urbano.

**Interdisciplinaridade:** Para uma ou mais aulas de Português, sugere-se desenvolver a competência leitora dos alunos por meio da leitura e interpretação de trechos da *Constituição Federal de 1988* e do *Estatuto da Cidade*, como também trazendo para a sala de aula textos de revistas e jornais que tratam sobre as alterações dos critérios do regime urbanístico das cidades brasileiras em função da realização dos megaeventos esportivos.

**TEMAS TRANSVERSAIS:**  
ÉTICA E MEIO AMBIENTE.

Divulgação Odebrecht



### AULA 6 ARENA PERNAMBUCO

- ESTÁDIO: Arena Pernambuco
- CIDADE: Recife (PE)
- CAPACIDADE: 44.248 pessoas
- STATUS: Em construção

**Professor de Geografia:** Durante a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014, serão realizados grandes investimentos em mídia e publicidade, principalmente pelo setor privado, a exemplo de edições anteriores, acarretando uma grande valorização dos espaços a eles destinados (televisão, rádio, internet, espaço físico etc.). Apresente dados a respeito do assunto e, com base nos apoiadores da FIFA e patrocinadores oficiais desses megaeventos, construa conceitos relacionados à economia global. Explique como os megaeventos esportivos são ocasiões privilegiadas para as transnacionais divulgarem suas marcas e influenciarem os hábitos de consumo não somente nos países nos quais ocorrem, como também mundialmente, em razão das rápidas transformações decorrentes da revolução científica e tecnológica, marcada pelo desenvolvimento da eletrônica, e que possibilitou, entre outras mudanças, um avanço sem precedentes nas telecomunicações.

**Interdisciplinaridade:** Em uma ou mais aulas de Matemática, poderão ser trabalhados os investimentos previstos em mídia, publicidade e propaganda, trabalhando-os por meio de tabelas e gráficos; enquanto, em Português, peças de campanhas publicitárias podem ser analisadas, discutindo-se o uso das várias linguagens e os valores por elas veiculados.

**TEMAS TRANSVERSAIS:**  
TRABALHO E CONSUMO.

# PLANEJE SUAS AULAS COM A EDITORA MODERNA.

Desenvolvemos os **Planejamentos interativos** para facilitar a preparação das aulas, aliando conteúdo e tecnologia na medida certa. Assim, você pode planejar a melhor forma de distribuir os conteúdos ao longo do ano letivo para atingir os objetivos propostos em cada capítulo.

No **Planejamento interativo** você pode visualizar de forma prática todos os recursos que estão à sua disposição para enriquecer a abordagem dos conteúdos e diversificar a forma de avaliação do aprendizado.



Atendimento ao professor: **0800 770 7653**

**PNLD 2014**

**Richmond**  
A marca de Inglês da Moderna

**Moderna**

# Sua escola está adequada à Lei 12.244, de 24 de maio de 2010?

Conheça as facilidades que o  
**Projeto Bibliotecando** oferece:



Um guia completo para ajudar nas orientações, organização, preservação e funcionamento das bibliotecas escolares, além de oferecer sugestões de atividades para serem desenvolvidas com os alunos.

As obras do **Projeto Bibliotecando** foram cuidadosamente selecionadas e classificadas de acordo com a faixa etária dos usuários para facilitar o acesso aos livros e direcionar as atividades.

Fale com um de nossos consultores: 0800 770 1968.

## **Lei 12.244**

- **Parágrafo único:** Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

TENDÊNCIAS



# LER UM MUNDO VISUAL

Por ILDA TRIGO

Numa realidade predominantemente visual, a leitura de imagens em sala de aula torna-se artigo de primeira necessidade. E, para que ela ocorra de maneira efetiva, é fundamental o conhecimento da sintaxe das imagens, isto é, da estrutura que concorre para a construção de significados no texto visual.

Se há consenso entre os educadores quanto à necessidade de levar a discussão sobre imagens para a sala de aula, também é fato que essa tarefa está longe de ser fácil.

Em geral, a análise do texto visual na escola limita-se à disciplina de Língua Portuguesa, em que há algum tempo se analisam diferentes tipos de gêneros textuais, como pinturas, tirinhas e charges. Mas, diante de uma realidade crescentemente povoada por textos visuais, é importante que essa prática faça parte dos programas de todas as disciplinas.

Isso porque somente o trabalho sistemático com leitura de imagens possibilitará aos alunos passarem de receptores ingênuos a leitores de fato, capazes

não só de reconhecer aquilo que uma imagem representa, mas de identificar seu contexto de produção, os interesses de quem a produziu, bem como a influência que ela exerce sobre seu comportamento. Em outras palavras, assim eles estarão preparados para a compreensão crítica da cultura visual.

Para começar, deve-se desmistificar a ideia de que imagens são facilmente lidas por todos, de maneira intuitiva. Reconhecer uma imagem não é o mesmo que interpretá-la. Segundo a pesquisadora e professora Lucia Santarella, em seu livro “Leitura de imagens” (coleção “Como eu ensino”, editora Melhoramentos), “embora a característica primordial da imagem seja a de ser

apreendida no golpe de um olhar (...), ela encerra complexidades que temos de aprender a explorar.”

## O que é imagem?

A noção mais fundamental de imagem remonta ao filósofo grego Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.) e nos diz que ela é um duplo, ou seja, “reproduz características reconhecíveis de algo visível”, assemelhando-se ao que existe na realidade. A palavra tem origem no latim “imago”, que significa “cópia, imitação”. Essa ideia é fundamental para compreender o poder que ela exerce sobre nós e o uso social que dela se faz, por exemplo, no jornalismo, na arte e na publicidade. »



» Também é importante conhecer os diversos tipos de imagens, cada um com suas características e usos particulares. Imagens podem ser naturais – aquelas produzidas em nossa retina pela emanção da luz sobre os objetos – ou artificiais – feitas pelo homem. Dentre essas últimas, temos as artesanais – produzidas pela mão do homem – e as tecnológicas, cuja feitura é mediada por um aparato tecnológico. As imagens artificiais ainda se subdividem em bidimensionais e tridimensionais.

Em sala de aula, o trabalho com imagens artificiais bidimensionais é o mais explorado, por meio dos materiais didáticos, mas o estudo do meio permite ao aluno entrar em contato com imagens tridimensionais.

### Imagens artísticas: representação e ideologia

A História da Arte oferece um material farto para o trabalho em sala de aula em diferentes disciplinas. É comum, por exemplo, que obras de Escher sejam utilizadas em aulas de Geometria e Óptica, ou que pinturas de Debret sejam analisadas como documentos históricos. Mas essa atividade pode se enriquecer ainda mais com o conhecimento sobre a natureza desse tipo de imagem.

As obras artísticas têm muitas características específicas, resultantes da variedade de técnicas disponíveis para sua produção e da própria complexidade do conceito de arte. Para compreender esse tipo de imagem é preciso não só conhecer essas técnicas, mas também o percurso construído pelos artistas ao longo da história, como se pode observar no infográfico ao fim da matéria.

Talvez o aspecto mais importante a se destacar quando se fala em arte é o desenvolvimento da **perspectiva monocular**. Forjada no Renascimento por artistas como Rafael Sanzio e Leonardo da Vinci, esta “forma de enxergar” foi dominante até o século XX, constituindo-se em fundamento das imagens tecnológicas e do que chamamos hoje de cultura visual. E, apesar de nos parecer muito natural por simular a tridimensionalidade, foi historicamente construída. Isso significa que esse modelo de representação carrega as características ideológicas de seu tempo, a saber: **a centralidade da razão**.

A perspectiva é um expediente geométrico que produz a ilusão de tridimensionalidade, pois mostra os objetos no espaço em suas posições e tamanhos relativos.

A **perspectiva monocular**, também conhecida como artificial, simula a visão do olho humano, tentando fixar no suporte bidimensional uma imagem resultante de leis geométricas semelhantes às da imagem retiniana, com a instituição de um ponto de vista.

Ela surgiu num momento histórico de **centralidade da razão** – em que ocorreram inúmeras conquistas no pensamento filosófico, político e econômico – e pode ser considerada extremamente racional, não apenas por ser fruto dos progressos da matemática, mas porque organiza hierarquicamente os objetos representados no plano, tendo como referência o indivíduo que observa.

Fonte: Aumont, Jacques. *A estética do filme* (Papirus). VIDEO.GRAFIAS: <<http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-195.htm>>.

### Imagens tecnológicas

O desenvolvimento da fotografia no século XIX revolucionou a produção e a circulação de imagens e consagrou o modelo de representação renascentista, que visava construir imagens objetivas, ou seja, que reproduzissem fielmente a realidade. Isso é fundamental para compreendermos a sedução que a fotografia exerce sobre nós e seu amplo uso social, para fins documentais ou publicitários.

Fotos se parecem muito com o real, mas é importante notar que elas não são a realidade. São apenas um vestígio dela, um recorte feito pelo fotógrafo. Por trás da aparente objetividade desse tipo de imagem, há a subjetividade daquele que fotografou. A fotografia é reveladora de uma visão de mundo particular. E não se pode perder isso de vista para uma leitura crítica da imagem fotográfica.

### Livros ilustrados, publicidade e hipermídia

Engana-se quem pensa que a cultura visual diga respeito apenas a imagens. O intercâmbio entre essas e as palavras tende a se tornar onipresente nas novas mídias e é uma prática que remonta aos primeiros livros ilustrados. Como diz Lucia Santaella, entre 1500 e 1675 “as imagens nos tratados técnicos e (...) alquímicos passaram das iluminuras para as xilografuras, até as gravuras em metal”. E assim foi se consolidando um percurso histórico da cultura visual.

A partir do século XIX, com o advento de novas tecnologias de produção e reprodução imagética, essa mistura ga-

nhou ainda mais força, culminando no que vemos hoje nos ambientes hipermediáticos, dos quais são exemplos os sites de relacionamento e os de compartilhamento de vídeo, além de blogs e fotologs.

## COMO LER FOTOGRAFIAS?

Segundo Lucia Santaella, a leitura eficiente de uma foto depende do conhecimento sobre os três níveis de apreensão de uma imagem fotográfica.

O primeiro nível é o mais imediato: o sentimento que ela nos provoca, que pode ser mais ou menos intenso.

No segundo nível, reconhecemos o que está fotografado. Se pararmos aqui, teremos feito apenas uma leitura superficial. Somente quando entramos no terceiro nível de apreensão podemos falar numa leitura eficiente. Nessa etapa, deve-se buscar entender o que seus elementos querem nos dizer, para além da mera representação da realidade. A que tempo e espaço eles se referem? O autor tinha alguma intenção ao fotografar – por exemplo, denunciar uma situação de injustiça ou mostrar o lirismo de uma cena? Essas são questões que nos levam a uma leitura mais profunda e menos ingênua da imagem fotográfica.

A autora propõe um percurso para a leitura de fotografias com base em esquema apresentado pelo fotógrafo e historiador Boris Kossoy no livro “Os tempos da fotografia” (Ateliê Editorial). Esse roteiro de observação pode ser resumido conforme segue:

- **Elementos constitutivos:** Quem é o autor? De que assunto trata? A que tempo e espaço se refere?
- **Feitura:** Qual o enquadramento? De que ângulo foi tomada? Que ponto de vista revela?
- **Composição:** Observar a iluminação, as reiterações e os contrastes, bem como a relação entre figura e fundo.

Algumas questões são importantes quando se analisam textos híbridos: há uma predominância do visual sobre o verbal ou a imagem é puramente ilustrativa? Há complementaridade entre os códigos ou conflito entre eles? O que une imagem ao texto e qual o papel do leitor nessa decodificação?

Em relação à publicidade, gênero em que essa mistura é muito explorada, deve-se estar atento ao fato de que, muitas vezes, o propósito dos produtores da mensagem está estrategicamente oculto. Segundo Santaella, “o discurso publicitário utiliza recursos que disfarçam seu verdadeiro intento”, que vai além de vender determinado produto. Ele influencia nossa percepção da realidade e nossos sentimentos em relação a ela.

E faz isso, basicamente, usando três estratégias: sugestão, sedução e persuasão.

Também é desejável discutir com os alunos por que a fotografia e seu poder sedutor são tão importantes para o texto publicitário, lembrando fatos recentes como a ampla crítica feita por vários setores da sociedade à manipulação de imagens em editoriais de moda, com vistas a reforçar um padrão de beleza determinado.

Ainda sobre as relações entre imagem e texto, é preciso destacar as hiper mídias, ambientes que integram diversas mídias (imagens, textos, vídeos e sons), lembrando que, quanto maior a possibilidade de o leitor – ou navegador – estabelecer ligações entre conteúdos relacionados, porém produzidos em mídias diferentes, mais alinear é a apre-

## INFORMAÇÕES CODIFICADAS

As relações entre imagem e palavra são muito amplas e abarcam diferentes gêneros. O infográfico é um deles.

O infográfico é uma forma de representar visualmente uma informação, utilizando textos – que podem ser mais ou menos breves – e imagens – fotos ou ilustrações.

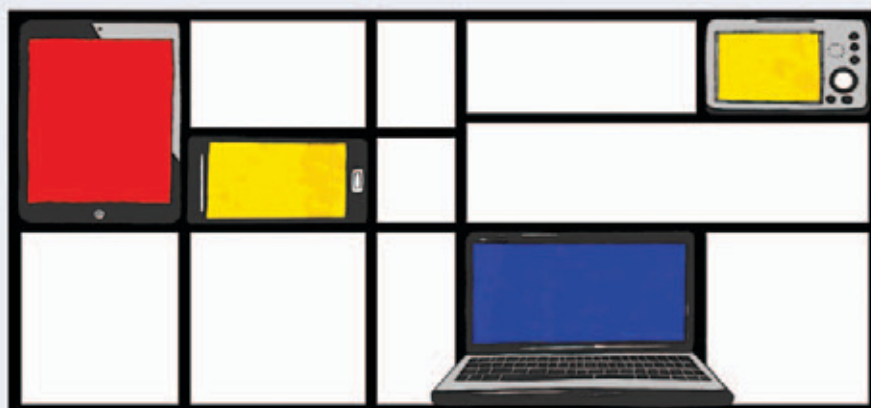
Ele funciona especialmente para a veiculação de ideias complexas, cuja explicação seria difícil por meio de um texto escrito.

Muito utilizado em mídias informativas, como jornais e revistas (impressos ou virtuais), ele tem ganhado cada vez mais importância também em materiais didáticos, por sua capacidade de transmitir uma grande quantidade de informações de maneira sintética e dinâmica.

Como todo gênero misto, sua leitura exige competências específicas, que devem ser desenvolvidas em sala de aula.

são desses conteúdos e maiores competências dele são exigidas.

Sendo essa a realidade de alunos e professores – cada vez mais imersos num mundo hipermediático –, ganha força a necessidade do trabalho sistemático com o código visual em sala de aula, inclusive em sua relação com textos verbais. Tarefa fundamental de uma escola que prepare para a vida. »



» LUCIA SANTAELLA

Professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, **Lucia Santaella** é uma importante pesquisadora brasileira nas áreas de comunicação, semiótica, estéticas tecnológicas e filosofia e metodologia da ciência. Vencedora do Prêmio Jabuti 2002 com o livro "Matrizes da Linguagem e Pensamento" (Iluminuras/Fapesp), publicou 37 livros e organizou a edição de outros onze. Desenvolveu uma sólida carreira acadêmica, com aproximadamente 300 artigos em periódicos científicos brasileiros e estrangeiros e importantes projetos de pesquisa, alguns deles coletivos. Dentre suas obras, destacamos "Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo" (Paulus), "Palavra e imagem nas mídias: um estudo intercultural" (UFPA) e "Estratégias semióticas da publicidade" (Cengage).



Fonte: Currículo Lattes.

PESQUISA

**SANTAELLA, LUCIA.** *Leitura de imagens* (coleção "Como eu ensino"). São Paulo, Melhoramentos, 2012. O livro vale uma leitura atenta. Além da discussão teórica, a autora apresenta, ao final de cada capítulo, sugestões didáticas que incluem atividades a serem desenvolvidas em sala de aula.

LUCIA SANTAELLA: SITE OFICIAL

Para maiores informações sobre a autora, acessar sua *homepage*.

• [www.pucsp.br/~lbraga](http://www.pucsp.br/~lbraga)

ART PROJECT

Possibilita o acesso ao acervo de centenas de museus de todo o mundo e permite ao usuário criar, comentar e compartilhar sua própria coleção.

• [www.googleartproject.com/pt/](http://www.googleartproject.com/pt/)

WEB GALLERY OF ART

Acervo digitalizado com mais de 31 mil obras de arte europeias produzidas entre 1000 e 1900. Inclui biografia dos artistas, comentários sobre as obras, músicas da época e serviço para dispositivos móveis.

• [www.wga.hu/](http://www.wga.hu/)

BREVE HISTÓRIA DA REPRESENTAÇÃO VISUAL

Da Pré-História a meados do século XIII



Madona e menino com os santos Félix, Adauto e Lucas, século VI. (detalhe).

- Inexistência do conceito de arte.
- Artista = artesão.
- Principalmente na Idade Média, relações profundas entre arte e religião.

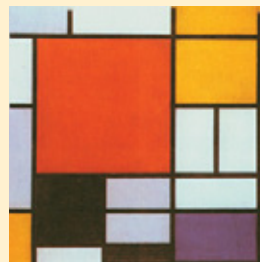
De fins do século XIII a meados do século XVII



Rafael Sanzio. *As três graças*, c. 1504.

- Renascimento cultural.
- Concepção de arte e artista como conhecemos.
- Relações profundas entre arte e racionalidade.
- Desenvolvimento da perspectiva monocular realista e do modelo estético predominante no Ocidente por pelo menos cinco séculos.

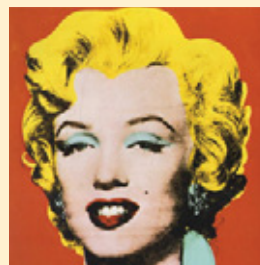
De meados do século XIX a meados do século XX



Piet Mondrian. *Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul*, 1921.

- Impressionismo: criação de uma nova visualidade.
- Modernismo: ruptura com os princípios visuais herdados do Renascimento.

De meados do século XX até hoje



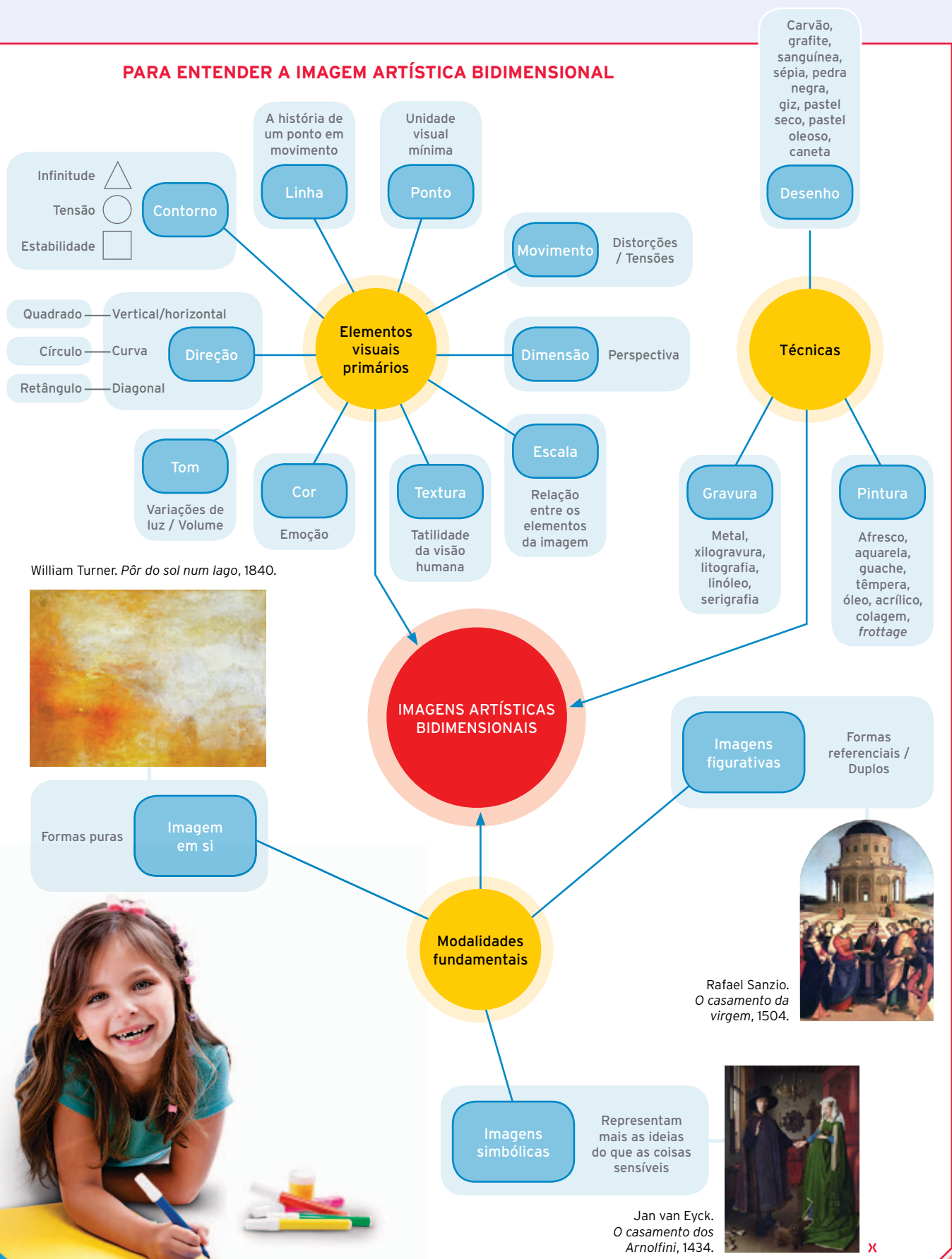
Andy Warhol. *Marilyn*, 1964.

- Arte contemporânea: marcada pelo pluralismo, pelo hibridismo e pela diversidade.



IMAGENS: DIVULGAÇÃO

## PARA ENTENDER A IMAGEM ARTÍSTICA BIDIMENSIONAL





Por: PAULO DE CAMARGO

A educadora Francisca Cunha, diretora da Escola Estadual Roxana Pereira Bonessi, em Manaus, começou 2013 cheia de orgulho e entusiasmo. Não sem motivo. Vencedora do Prêmio Gestão Escolar, iniciativa do Conselho Nacional de Secretários da Educação (Cnsed), o reconhecimento de seu trabalho lhe trouxe a oportunidade de conhecer os Estados Unidos, onde realizou atividades de formação.

Entre outros méritos, além dos resultados acadêmicos alcançados, Francisca Cunha foi premiada por gerir uma escola complexa: a Roxana Pereira Bonessi foi criada como uma escola de tempo integral justamente para atender às necessidades de uma

comunidade socialmente vulnerável, formada por famílias que não têm condições de dar às crianças toda a atenção de que precisam.

Experiências como a desta escola manauara valem muito. Afinal, faz parte do Plano Nacional de Educação o ousado objetivo de levar o tempo integral para pelo menos metade das escolas públicas, em uma década. É uma meta desafiadora por diversas razões: pela necessidade de maior investimento por aluno, pelo pressuposto de um projeto pedagógico que deixe claro o que a criança aprenderá ficando mais tempo na escola e, sem dúvida, por acrescentar um desafio a mais para os gestores. »



» Para a diretora Francisca, por exemplo, os ganhos pedagógicos são claros. “A escola de tempo integral melhora a qualidade de vida e a autoestima das crianças, ao suprir o que a família que trabalha não pode oferecer”, acredita. No caso de sua instituição, entre 7h e 16h, são recebidas crianças de Ensino Fundamental I. O critério de seleção é a renda familiar, pois a preferência é dada às famílias mais pobres. As disciplinas são distribuídas de manhã e à tarde, conciliando a matriz curricular com atividades esportivas, atividades em laboratórios e saídas pedagógicas.

Para responder à complexidade do tempo integral, a gestão da escola de Manaus tem por base dois pilares: forte participação da comunidade e organização por setores, que funcionam de acordo com um fluxograma, em que estão previstos todos os processos da escola. “É como a administração de uma empresa”, diz a diretora, que conta com uma equipe de gestores, cada qual responsável por seu setor: o pedagógico, o administrativo, os laboratórios e assim por diante.

Um diferencial, segundo Francisca Cunha, é a formação continuada dos professores da escola. “Precisamos de professores com perfil para a escola de tempo integral. A exigência é maior”, afirma. Os professores são selecionados, passam por formação continuamente e são avaliados todo ano.

### Diferentes caminhos

O primeiro desafio do gestor de um projeto de educação em tempo integral é a própria concepção que está por trás desse modelo pedagógico. Não é uma questão simples. Afinal, não basta manter a criança por mais horas na escola, mas, assim como no período regular, é preciso saber o que se espera que aprenda.

Nesse sentido, abrem-se pelo menos dois caminhos diferentes de atuação: um deles é o tempo adicional de trabalho dedicado à aprendizagem. É o caso, por exemplo, do Colégio Germinare, em São Paulo. Projeto social mantido pelo Grupo J&F, dono da maior multinacional de proteína animal do planeta, a escola tem seu foco pedagógico no ensino

a alunos que apresentam alto potencial de aprendizagem e enfatiza aspectos como o empreendedorismo, com o objetivo de formar futuras lideranças.

Com um ensino pautado pelo rigor acadêmico e, ao mesmo tempo, com o desafio de sanar defasagens que os alunos trazem de sua vida escolar anterior, a escola dedica duas horas do período vespertino à Orientação Educacional. Nesse tempo, acompanhados por professores das disciplinas, os alunos realizam suas tarefas escolares, tiram dúvidas e aprofundam seus conhecimentos.

Além de estudar, o tempo integral da Germinare ainda é dedicado a atividades de tecnologia (como um curso de Robótica), a aulas de Empreendedorismo e, por fim, a atividades esportivas, que não são esquecidas pela instituição.

“Nosso tempo integral funciona exatamente dentro dos princípios pedagógicos do curso regular, tudo acontece com o mesmo padrão de exigência e qualidade”, conta a coordenadora pedagógica Maria Odete Perrone Lopes.

Há outras visões igualmente relevantes, no que tange ao ensino em tempo integral. Muitos educadores preferem a perspectiva do que se chama “educação integral”, ou seja, colocando o foco não sobre como se divide o tempo escolar, mas o que se espera de uma educação plena, levando em conta as diferentes dimensões humanas. Esse é o caso de diferentes projetos, entre eles o proposto pelo *Fundo Juntos pela Educação*.

Atuando em estados nordestinos, o *Fundo Juntos pela Educação* estabelece rede de parcerias com escolas públicas, organizações sociais e representantes comunitários para oferecer outras oportunidades de ampliação do repertório cultural e artístico. Em escolas do Ceará, por exemplo, acontece o programa Caldeirão das Artes, com oficinas de música, teatro e coral – além do reforço de letramento e atividades de informática. O impacto, dessa forma, vai além da melhoria dos indicadores de aprendizagem, mas se estende por todas as dimensões do desenvolvimento de crianças e adolescentes. Para Gildázio Rodrigues, coordenador pedagógico da Escola Mu-

**“A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL MELHORA A QUALIDADE DE VIDA E A AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS, AO SUPRIR O QUE A FAMÍLIA QUE TRABALHA NÃO PODE OFERECER.”**



# “A TECNOLOGIA TEM UMA CONTRIBUIÇÃO IMPORTANTE A DAR, AJUDANDO AS ESCOLAS A ROMPER, A IR ALÉM DA LÓGICA CONVENCIONAL DO CURRÍCULO.”

nicipal de Ensino Fundamental Maria Luiza Barbosa Chaves, parceira do projeto, seus alunos se mostram mais centrados e melhoraram muito sua expressividade – o que também tem impacto no desempenho escolar. “As crianças estão desenvolvendo talentos, em todos os sentidos”, resume o professor.

Qualquer que seja o modelo de ensino em tempo integral adotado, é certo que demandará a presença de diferentes profissionais nas escolas. Afinal, a escola passa a contar com outros docentes, além daqueles contratados pela rede pública nas disciplinas como Matemática e Português, o que pode acontecer por meio de parcerias com organizações sociais, pela contratação direta da escola, via associação de pais e mestres, por programas mantidos por Estados e Municípios ou mesmo com a participação direta de profissionais da comunidade. Tudo isso demanda do gestor competências profissionais diferentes das que recebeu nos cursos de pedagogia para organizar as atividades, gerenciar profissionais que muitas vezes não conhecem a dinâmica escolar e conhecer a legislação trabalhista.

As especificidades da gestão das escolas em tempo integral são bem conhecidas do sociólogo Alexandre Isaac, da organização social CENPEC, que assessorou a implementação de uma política de ensino integral em São Bernardo do Campo, hoje com 40 escolas nesse sistema. Para ele, independente do modelo adotado, um projeto de educação integral demanda novos arranjos no ambiente escolar e na gestão.

“A implementação de uma proposta de educação integral exige que a gestão esteja atenta a três dimensões importantes: tempo, espaço e currículo”, explica Alexandre. Tempo, pois ao ampliar a jornada escolar, os estudantes estarão mais tempo sob a responsabilidade da escola, o que leva à necessidade de organizar almoço e outras atividades.

Do mesmo modo, o espaço precisa ser repensado, já que a presença de mais alunos no mesmo ambiente requer que se potencialize o uso das áreas existentes na escola e no entorno.

Por fim, e não menos importante, o gestor precisa trabalhar com o currículo, já que uma escola em tem-

po integral pressupõe que não se limite a oferta de mais do mesmo, mas tenha um projeto próprio. “Busca-se uma integração curricular com outros saberes e linguagens, a fim de que cada vez mais as aprendizagens estejam contextualizadas, e que aprender seja uma aventura prazerosa em que educadores e educandos ampliem progressivamente sua leitura e compreensão do mundo”, define o sociólogo.

## Tecnologia e tempo integral

Dentro dessa perspectiva, em pleno século XXI, é preciso levar em conta as possibilidades abertas pela tecnologia. A professora Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vê um casamento com perspectivas de ótimos resultados entre a escola de tempo integral e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Na visão dela, a integração da tecnologia com o currículo permite expandir a aula para outras atividades, explorando inclusive o caráter interdisciplinar de algumas questões, de forma a ampliar os horizontes previstos inicialmente no planejamento convencional das aulas. “Isso é algo difícil de conseguir nos tempos regulares de aula. É uma possibilidade que surge com o tempo integral”, diz.

A tecnologia, portanto, pode contribuir com os gestores para que planejem as atividades que vão além do tempo regular, e até mesmo as que acontecem fora da escola, de forma integrada ao projeto pedagógico do gestor. Na opinião da professora, somente a partir dessa integração entre o tempo extra e o projeto pedagógico é que a escola de tempo integral se caracteriza como tal.

“A tecnologia tem uma contribuição importante a dar, ajudando as escolas a romper, a ir além da lógica convencional do currículo”, afirma Maria Elizabeth. Com o suporte tecnológico, explica ela, pode-se propor aos alunos estudos verticais, detalhados, de questões de interesse deles que estejam relacionadas ao conteúdo global, interdisciplinar. Para isso, uma visita ao um museu pode ser um pretexto, e a »

PRINCIPAIS DESAFIOS PARA DIRETORES E COORDENADORES

- Obtenção e gestão de recursos materiais e humanos.
- Formação dos professores.
- Potencialização de espaços de discussão coletiva e gestão democrática.
- Aproximação entre escola, família e comunidade.
- Incorporação dos saberes e fazeres das famílias e comunidades nas propostas pedagógicas das escolas.
- Desenvolvimento de trabalhos por projetos e oficinas educacionais.
- Oferecimento de espaços de escuta aos estudantes.
- Articulação com outras secretarias (cultura, esporte, assistência social etc.) e instituições do terceiro setor.



» tecnologia pode ser a de um celular, usado para fazer imagens e gravar áudios, por exemplo.

Da mesma perspectiva, a divisão do tempo pode fugir da regra tradicional das disciplinas convencionais pela manhã e a parte diversificada no contraturno. Essa decisão foi tomada pela rede municipal do Rio de Janeiro, sob a administração da Secretária da Educação Claudia Costin. “Isso não faz sentido, pois passa a se pensar que o período da tarde não é sério, há repetição de atividades, enquanto permanece a defasagem de tempo para disciplinas como a Matemática e Português”, conta Claudia Costin.

Dessa forma, a Secretária resolveu apoiar os diretores para que fizessem o desenho do currículo do tempo integral, que inclui aulas de Artes, Esportes, reforço escolar, entre outras, de forma adequada à

especificidade de cada escola, com o apoio da organização Itaú Social.

Com isso, o resultado vem sendo muito positivo, inclusive do ponto de vista da gestão. É o caso do CIEP 1º de Maio, escola localizada em área violenta do Rio de Janeiro, mas que vem obtendo excelentes resultados, como um alto índice do Ideb.

Para o diretor Ocimar Nascimento, o fundamental é que toda a equipe esteja comprometida com os mesmos objetivos. “O aluno está dentro da turma, mas ele é um aluno de todos os professores, inclusive das oficinas do tempo integral”, recomenda Ocimar. “Em uma escola integral, a gestão é mais complexa, tenho de administrar mais pessoas, mas do ponto de vista pedagógico é melhor, sem dúvida”, finaliza. x

# O que revela o espaço escolar?

Um livro para diretores de escola



Livro disponível  
para *download*  
gratuito pelo código  
ao lado ou pelo *link*:  
<http://goo.gl/5wdZg>



Os alunos aprendem a todo momento na escola, não apenas quando estão em aula. Pequenas mudanças no espaço escolar provocam verdadeiras transformações na aprendizagem. Este livro, um projeto da Comunidade Educativa CEDAC e da Editora Moderna, realizado com apoio da Fundação Santillana, apresenta uma análise das condições físicas das escolas e sua relação com a aprendizagem de valores e o processo de tomada de atitudes.

Ao buscar coerência entre o que se fala a respeito da Educação e o que, de fato, se faz no espaço escolar, a publicação contribui para as aprendizagens de convívio, respeito e dignidade almejadas para alunos, funcionários, pais e professores.

Apoio:

Fundação **Santillana**



■ Livro



**“NÓS” DO BRASIL - ESTUDOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**Autora: Rosiane Rodrigues**  
**Editora Moderna**

A obra possibilita diversas viagens que propiciam uma visão sobre as identidades negra, africana e indígena e sobre as diversas Áfricas que existem dentro da África. Uma abordagem sem dogmas, estereótipos ou folclorizações de um assunto que ajuda a compreendermos quem somos nós.

**UM MUNDO, UMA ESCOLA**

**Autor: Salman Khan**  
**Editora Intrínseca**

O criador da Khan Academy aborda uma nova visão do sistema de educação. Na obra, ele propõe uma mudança de pensamento acadêmico, em que as aulas passariam a ser um espaço de autêntica interação, valorizando o papel do professor.



■ APLICATIVO



**TELLUS INSPIRE**

GRATUITO

**Android e iOS**

O aplicativo do Instituto Tellus (sem fins lucrativos) foi criado em parceria com o Banco Mundial e permite o acesso e o compartilhamento de políticas públicas inovadoras que causam um alto impacto na vida dos cidadãos.



**TEACHERKIT**

GRATUITO

**iOS**

Desenvolvido para ajudar o professor na organização de suas aulas e turmas, o Teacherkit é um aplicativo que permite o monitoramento das notas e do comportamento dos alunos, além de outros recursos, tudo isso com uma interface simples e muito intuitiva.



**EVERNOTE**

GRATUITO

**Windows, Mac, Android e iOS**

O Evernote é um serviço que permite o armazenamento de anotações em praticamente qualquer dispositivo que pode se conectar à internet. O software pode ser instalado em Macs, PCs e smartphones. As notas criadas são armazenadas em nuvem e são sincronizadas com todos os aparelhos que possuem o aplicativo.

## CURRÍCULO ESCOLAR E JUSTIÇA SOCIAL

**Autor: Jurjo Torres Santomé**  
**Editora Penso**

Na obra, o autor analisa as relações entre o currículo escolar e a justiça social, utilizando temas como planejamento curricular, políticas da educação para a cidadania e educação inclusiva.



## ■ SITE

### EDUCOPEDIA

<http://www.educopedia.com.br/>

Plataforma colaborativa de aulas digitais em que professores e alunos têm acesso a atividades autoexplicativas. Essas atividades incluem vídeos, animações, imagens, textos, entre outros. Os professores também encontram planos de aula e apresentações voltadas para a aplicação em sala de aula.



### THE PHRASAL VERBS MACHINE

GRATUITO

iOS, Android

O aplicativo coloca os *Phrasal Verbs* da língua inglesa em um mundo repleto da magia circense. Tudo isso para mostrar que os *Phrasal Verbs* são muito mais fáceis de compreender do que se aparenta.



# CÉSAR COLL E OS DESAFIOS DO CURRÍCULO

Por: CAUÊ CARDOSO POLLA

Alguns dos maiores desafios da educação não estão dentro da sala de aula. São questões como *o que ensinar?*, *que sentido dar ao que se ensina?*, *como elaborar um currículo mais apropriado ao objetivo da educação?*. A estas e outras questões respondeu de forma vanguardista o pensador César Coll. Nascido em 1950, na Espanha, é catedrático do Departamento de Psicologia Evolutiva e Educação da Universidade de Barcelona, especialista em estudos de currículo, aprendizagem e educação virtual e TIC, termo muito recorrente nos últimos anos que denota às Tecnologias da Informação e Comunicação.

No campo dos estudos curriculares se destaca seu trabalho “Psicologia e Currículo”, publicado no início dos anos 1990, no qual desenvolve premissas sobre o desenvolvimento curricular, baseado nas promessas de Jean Piaget e Vigotsky, bem como nos estudos de David Ausubel e Jerome Bruner. De referencial construtivista, propõe uma elaboração curricular que não perca de vista a reflexão sobre o sentido da educação. Como diz em seu livro, “desde uma perspectiva construtivista, o objetivo último da intervenção pedagógica é o desenvolvimento da capacidade do estudante de produzir aprendizagens significativas dentro de uma série de situações e circunstâncias (aprender a aprender)”.

Participou ativamente das discussões da reforma curricular espanhola do final dos anos 1980, colaborando na sua efetivação. Por seu papel de destaque, foi mais tarde convidado para prestar assessoria técnica na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil. Em entrevista feita à época das discussões dos PCNs, Coll relatou que sua colaboração consistiu em “assessorar, no que diz respeito à adoção de uma estrutura que permitisse uma certa homogeneidade dentro das propostas das diversas áreas, não em termos de conteúdos – o que, naturalmente, compete aos especialistas – mas, no que diz respeito à definição dos objetivos dos diversos conteúdos, à maneira de formulá-los,



**“O OBJETIVO ÚLTIMO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA É O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DO ESTUDANTE DE PRODUZIR APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS DENTRO DE UMA SÉRIE DE SITUAÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS, PARA QUE O ALUNO APRENDA A APRENDER.”**

aos blocos de conteúdos, aos tipos de conteúdos procedimentais etc., e no que diz respeito à fundamentação psicopedagógica”.

Além de seu imenso trabalho na área de psicologia da educação e questões de currículo, César Coll desenvolve uma intensa investigação sobre a importância da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) voltada à educação. Para ele, as TICs são ferramentas importantíssimas para o ensino e aprendizagem, tanto presencial quanto a distância. Muito se perde quando não se considera o potencial das TICs como mediadoras das relações entre professores, alunos e conteúdos. Coll avalia que no âmbito escolar as tecnologias da informação e comunicação ainda são pouco utilizadas com fins de comunicação e colaboração, e mais usadas como ferramentas e busca e processamento de informações.

Tanto no âmbito teórico quanto no prático, César Coll pode ser considerado um dos pensadores atuantes de maior relevância hoje, participando ativamente nas discussões de temas de grande pertinência à educação na época atual. x

# CONECTE-SE COM NOSSOS SERVIÇOS EDUCACIONAIS

Confira todos os recursos que você já tem à disposição para facilitar o planejamento de aulas de forma integrada com as novas tecnologias, tornando seu dia a dia mais dinâmico e eficiente.

**Recursos digitais**, como vídeos, animações, provas e atividades para preparar aulas mais interativas.



**Eventos** com profissionais da educação para a formação do professor.



**Atendimento especializado** para tirar dúvidas e fornecer orientações de trabalho.



**Planejamento interativo**, com sugestões para trabalhar as obras, indicações de recursos e propostas de avaliação.



Confira todos os serviços no site  
[www.modernadigital.com.br](http://www.modernadigital.com.br)

Atendimento ao professor  
**0800 770 7653**

**Moderna**

# UM MUNDO DE CONEXÕES DENTRO DA SUA ESCOLA!

A Editora Moderna conhece as necessidades dos professores de escolas públicas de todo o Brasil. Por isso, desenvolve coleções didáticas que combinam conteúdo e tecnologia na medida certa para garantir grandes resultados!



Conexões com diferentes linguagens.

Conexões com a leitura e a interpretação de textos.

Conexões com a realidade do mundo.

Conexões com valores e atitudes.

Conexões entre as disciplinas.

Conexões com recursos multimídia.

Acesse o site e analise nossas soluções didáticas:  
[www.modernadigital.com.br](http://www.modernadigital.com.br)

**PNLD 2014**  
 Ensino Fundamental II

**Richmond**  
 A marca de Inglês da Moderna

**Moderna**